

Ruy Maurício Azevedo Morato

Neologismos e desenvolvimento da competência lexical, a partir de *Querô: uma reportagem maldita*

Belo Horizonte

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

Janeiro de 2012

Ruy Maurício Azevedo Morato

Neologismos e desenvolvimento da competência lexical, a partir de *Querô: uma reportagem maldita*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino de português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

Belo Horizonte

Janeiro de 2012

M831n

Morato, Ruy Maurício Azevedo.

Neologismos e competência lexical, a partir de *Querô : uma reportagem maldita* [manuscrito] / Ruy Maurício Azevedo Morato. – 2012.

101 f., enc. : il., color., p&b., grafs., tabs.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino do Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

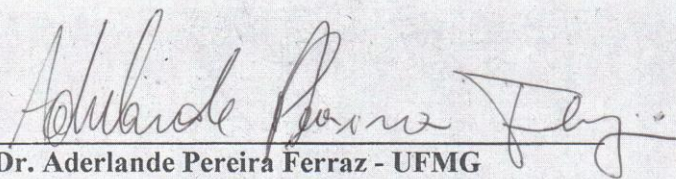
Bibliografia: f. 87-90.

Apêndices: f. 91-100.

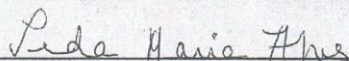
1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 4. Língua portuguesa – Neologismos – Teses. 4. Marcos, Plínio. – Querô: uma reportagem maldita – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.8

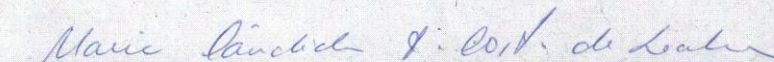
Dissertação intitulada *Neologismos e desenvolvimento da competência lexical, a partir de Querô: uma reportagem maldita*, defendida por RUY MAURÍCIO AZEVEDO MORATO em 16/02/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Dr. Aderlande Pereira Ferraz - UFMG
Orientador



Dra. Ieda Maria Alves - USP



Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor

Prof. Clélio Campolina Diniz

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Ricardo Santiago Gomez

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Carlos Alberto Pereira Tavares

FACULDADE DE LETRAS

Diretor

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Coordenadora

Profa. Dra. Célia Maria Magalhães

Subcoordenador

Prof. Dr. Rui Rothe-Neves

COLEGIADO DE LINGÜÍSTICA APLICADA

Prof. Dr. Fábio Alves da Silva Junior

Profa. Dra. Maralice de Souza Neves

AGRADECIMENTOS

- À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento deste projeto através do Programa de Bolsas de Mestrado.
- Ao Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz, pela orientação, confiança, incentivo e exemplo de dedicação ao ensino.
- A todos os professores da FALE que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação acadêmica.
- À Professora Dr^a Maria Cândida Trindade C. de Seabra, pela análise e recomendação do projeto de pesquisa, do qual resultou este trabalho.
- À Professora Dr^a Ieda Maria Alves que, através do *Projeto TermNeo*, organizou diversas edições do Colóquio *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*, nas quais, com apresentações de trabalhos, pude discutir vários tópicos desta dissertação.
- À Professora Dr^a Elis Cardoso de Almeida, pelas sugestões no desenvolvimento desta pesquisa, bem como pelas indicações de bibliografia, em especial de sua tese de doutoramento.
- A todos os colegas que passaram pelo *Observatório de Neologia na Publicidade Impressa*, quando da minha estada por lá, ao longo de quatro anos.
- A todos os colegas de graduação e pós-graduação que me incentivaram neste projeto.
- A toda minha família e amigos, pelo apoio incondicional.
- À Andréa, pelo amor, compreensão e paciência.
- Aos meus filhos, Diana e Dylan, por tornarem ainda mais prazerosa a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Conhecer realmente uma palavra vai muito além de ser capaz de depreender seu significado. Utilizá-la corretamente requer uma competência que exige um profundo conhecimento sobre os itens lexicais por parte do falante de uma língua. Sabidamente, cabe aos professores de língua materna conseguir transmitir a seus alunos, não só o conhecimento sobre as palavras frequentemente utilizadas, mas, também, capacitá-los a se tornarem autônomos e autossuficientes, buscando desenvolver sua competência lexical, para serem capazes de trabalhar com, além de unidades já conhecidas, novas unidades léxicas – os neologismos.

Partimos da hipótese de que a obra em estudo, *Querô – Uma reportagem maldita*, apresentava um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais, e que nele encontraríamos variados tipos de neologismos lexicais. Posteriormente, após a extração desses itens lexicais neológicos, vinculamo-los, bem como seu estudo, ao desenvolvimento da competência lexical, visando instrumentalizar os professores para que busquem tornar os alunos mais conscientes e, conseqüentemente, agentes ativos de seu processo de aprendizagem.

Investigar o aparecimento e a ocorrência de neologismos, seus processos de formação e sua utilização pelos falantes é de fundamental importância para se compreender melhor o processo de competência lexical. Dessa forma, o que pretendemos com este trabalho, além de identificar as unidades lexicais neológicas no romance supracitado, foi trabalhá-las de forma a adequá-las ao desenvolvimento da competência lexical.

Os dois primeiros capítulos desta dissertação tratam de seus aspectos gerais, da justificativa para seu desenvolvimento e dos objetivos a serem alcançados. O capítulo seguinte discute os pressupostos teóricos utilizados em sua elaboração. O quarto capítulo, além de discutir os processos formadores de palavras pertinentes aos neologismos encontrados, apresenta-os, discutindo características de sua criação. O capítulo de número cinco faz uma discussão dos resultados encontrados a partir dos pressupostos teóricos apresentados.

A partir da análise dos neologismos encontrados, procuramos estabelecer fundamentos que auxiliem o ensino do léxico de língua materna. Dessa forma, verificamos como esses novos itens lexicais são peça importante nessa árdua tarefa de um ensino eficaz do léxico, ensino este que passa, certamente, pelo desenvolvimento da competência lexical dos falantes.

Palavras-chave: lexicologia; neologismo; competência lexical; ensino de português.

ABSTRACT

Really knowing a word goes far beyond of being able to infer its meaning. Using it properly requires a skill that demands a deep knowledge of lexical items by the speaker of a language. Clearly, native teachers are responsible to teach their students not only knowledge about the words often used, but also enable them to become autonomous and self-sufficient, to develop their lexical competence, in order to make them able to work with already known units, and new lexical units - the neologisms.

The novel *Querô – uma reportagem maldita*, by Plínio Marcos, enters this work to form the corpus of neologisms, since it presents a special vocabulary, possibly used by certain social groups. Later, after extracting these lexical neologisms, we highlighted some aspects related to the development of lexical competence, in order to provide useful tools to the classroom of Portuguese as mother tongue.

Investigate the appearance and occurrence of neologisms, their formation processes and their use by the speakers are very important to better understand the process of lexical competence. Thus, we intend with this work, besides identifying the lexical neologisms units in the novel above, is also contributing to develop the lexical competence.

The first two chapters of this dissertation deal with general aspects, justifying its development and the objectives to be achieved. The next chapter discusses the theoretical assumptions used in their construction. The fourth chapter, besides discussing the formation processes of relevant words of the neologisms found, presents them, and discusses their creation characteristics. The chapter number five is a discussion of the results from the theoretical assumptions presented.

From the analysis of neologisms found, we tried to establish foundations that support the teaching of the Portuguese language lexicon. Therefore, we see how these new lexical items are an important part in vocabulary teaching, pointing the development of lexical competence.

Key words: lexicology; neologism; lexical competence; Portuguese teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	32
Gráfico 2	32
Gráfico 3	34
Gráfico 4	43
Quadro 1	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROBLEMAS DE PESQUISA, HIPÓTESES E OBJETIVOS	15
2.1 Justificativa.....	16
2.2 Objetivos.....	17
2.2.1 Objetivo geral	17
2.2.2 Objetivos específicos	18
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1 Formação de palavras	20
3.2 Léxico, neologia e neologismos	21
3.3 Competência lexical	24
3.4 Ensino do léxico	27
4 NEOLOGISMOS ENCONTRADOS	31
4.1 Derivações	33
4.1.1 Derivações prefixais	34
4.1.2 Derivações sufixais.....	36
4.1.3 Derivações parassintéticas	41
4.2 Composições.....	42
4.2.1 Compostos por subordinação	43
4.2.2 Composições sintagmáticas.....	44
4.3 Reduplicação	46
4.4 Truncação	47
4.5 Expressões idiomáticas.....	48
4.6 Neologismos semânticos	56
4.7 Estrangeirismos	76
5 DISCUSSÃO	79

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE	91

1 INTRODUÇÃO

O objeto de investigação proposto neste projeto nasceu da combinação de interesses por três temas: ensino, neologia e literatura. A experiência adquirida no Programa de Iniciação Científica, no trato com os neologismos lexicais, somada à experiência que adquirimos na área de educação, como monitor do PROEF I (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos), na Faculdade de Educação/UFMG, e como professor em uma escola particular de Belo Horizonte, lecionando duas disciplinas, Português e Redação, para jovens do ensino fundamental, de quinta à oitava série, constituem a base da motivação deste projeto. A literatura entra aqui pela constituição do *corpus* de análise, uma vez que nossa intenção é fazer a descrição de neologismos lexicais presentes em uma obra literária brasileira, refletindo sobre os resultados no âmbito da competência lexical.

O léxico é aquela parte da língua que o indivíduo que vive em sociedade nunca para de aprender. Em vida, o aprendizado de novas unidades lexicais inicia-se com a aquisição da língua e só termina no momento da morte. Um aspecto instigante desse fato é o modo como ele se dá, ou seja, de forma paulatina, constante, natural e de forma quase imperceptível. Se isso acontece mesmo com palavras já existentes, porém desconhecidas de alguns falantes, ao tratar de neologismos esse fato se potencializa. Investigar o aparecimento e a ocorrência de neologismos, seus processos de formação e sua utilização pelos falantes são de fundamental importância para se compreender melhor o processo de competência lexical.

Como já foi dito, nosso léxico é ampliado durante toda nossa vida. No entanto, é na escola que esse processo se dá de maneira formal. Talvez seja durante o período escolar, pelo menos no caso da maioria dos indivíduos da sociedade moderna, que ocorra a maior aquisição de itens lexicais de toda a vida. Sendo assim, um dos objetivos da escola deve ser o de fomentar esse aprendizado. Para que isso ocorra, os professores, de todas as disciplinas, devem estar atentos para reconhecer a relevância desse fato e incentivar seus alunos nesse aprendizado.

A partir de uma análise preliminar do livro *Querô – Uma reportagem maldita*, romance de Plínio Marcos, foi possível perceber a riqueza vocabular presente em todo o texto, com vocábulos que por si sós já caracterizam um dialeto social. Partindo da hipótese de que a obra acima mencionada apresentava, pela caracterização da linguagem dos personagens, um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais, extraímos desse vocabulário

variados tipos de neologismos lexicais. Posteriormente, após a extração desses itens lexicais, vinculamos os neologismos e seu estudo ao desenvolvimento da competência lexical.

Há que se observar que, como destaca Gomes (2011, p. 144), ao citar Morgan e Rinvolutri (2004, p. 81), “a qualidade material dos recursos envolvidos na aquisição lexical também tem papel importante, podendo produzir efeitos no processo de aprendizagem do léxico”. Dessa forma, recursos adicionais como livros de apoio (romances, dicionários, gramáticas etc.), “quadro-negro, cartazes, ilustrações e textos audiovisuais podem ser combinados para favorecer os meios que as crianças empregam de forma espontânea em seu aprendizado, ou seja, os sentidos e suas percepções”. Ainda segundo Gomes (2011, p. 150), essa criatividade no ensino do léxico “é central na construção do saber lexical, pois o estudante, ao conhecer e reconhecer itens lexicais, organiza-os em sua mente de forma categorizada, mas também dá ensejo a criações neológicas tanto formais como semânticas. Esse movimento linguístico é inegável e desejável”. Assim, conforme Silverman (2009), o texto é tratado como uma representação da realidade, o que, sem dúvida, estabelece grande empatia, e conseqüentemente maior interesse, por parte dos leitores do romance em questão.

Plínio Marcos de Barros nasceu em Santos, no litoral paulista, no ano de 1935 e faleceu em 1999. Foi um escritor brasileiro que escreveu mais de 30 obras, entre livros e peças de teatro adulto e infantil. Por diversas vezes censurado, Plínio Marcos, autointitulado “repórter de um tempo mal”, teve que esperar muitos anos para ver algumas de suas peças serem representadas. Além disso, foi preso por mais de uma vez, porque suas obras tratavam da dura realidade do nosso período de regime militar e não eram permitidas pela censura estadual e federal. Segundo suas próprias palavras¹: “fui perseguido pela censura militar, mas fiz por merecer.” De forma geral, suas obras retratam o submundo social existente na região portuária da cidade de Santos.

Ao ter uma de suas peças censuradas e questionar o porquê dessa situação, o censor teria dito que a censura se dera pelo fato de suas peças terem muitos palavrões. Já sabendo que sua obra causava alvoroço nas universidades, pelo forte teor de crítica social e pela utilização de uma linguagem pouco explorada em obras literárias brasileiras, Plínio Marcos disse:

O palavrão. Eu, por essa luz que me ilumina, não fazia nenhuma pesquisa de linguagem. Escrevia como se falava entre os carregadores do mercado. Como se falava nas cadeias. Como se falava nos puteiros. Se o pessoal das faculdades de linguística começou a usar

¹ Os dados biográficos e as frases de Plínio Marcos foram retirados do site oficial do autor, mantido por seus filhos, em www.pliniomarcos.com.

minhas peças nas suas aulas de pesquisas, que bom! Isso era uma contribuição para o melhor entendimento entre as classes sociais. (www.pliniomarcos.com)

Apesar de todo esse movimento envolvendo-a, a obra de Plínio Marcos ainda guarda muitas possibilidades de estudo. Mesmo do ponto de vista literário, ainda há muito a ser feito em torno de sua obra. No que diz respeito à linguagem, esse campo para pesquisas é muito grande. Apesar do tempo, suas obras ainda permanecem atuais, pulsantes. Segundo ele, “se minhas peças são atuais é porque o país não evoluiu”.

Querô – uma reportagem maldita é uma dessas obras. Escrita em 1976, permanece ainda com uma temática bem atual. A obra retrata personagens marginais que, mesmo apesar de sua condição, possuem uma força poética que é explicitada por sua vontade de viver. O protagonista, que atende por Querô e dá título à obra, um adolescente filho de uma prostituta, torna-se órfão e passa a viver no porto de Santos. Para manter-se, Querô vive de pequenos delitos que culminam com sua morte. Exemplo típico de adolescente moldado pelo meio cultural no qual está inserido e do qual não consegue escapar.

Para retratar esse “mundo marginal” ou, melhor, “submundo”, Plínio Marcos traz para a obra o linguajar típico dos grupos sociais envolvidos na trama: prostitutas, delinquentes, menores encarcerados na FEBEM, policiais e outros. Uma das maiores marcas de “realidade” da obra é, justamente, esse linguajar típico. Para isso, ele se vale de diversas unidades lexicais típicas desses grupos, e é isso um dos aspectos que conferem à obra uma característica verossímil.

O estudo do léxico a partir do discurso literário não é uma iniciativa inteiramente nova no meio acadêmico, alguns trabalhos anteriores, como o próprio Plínio Marcos diz no trecho citado anteriormente, já se ocuparam de uma abordagem lexical em suas obras. Um estudo, entretanto, de descrição dos neologismos lexicais, cujo principal objetivo é contribuir para o desenvolvimento da competência lexical, a partir do romance *Querô – uma reportagem maldita*, ainda estava por ser feito. Com esta pesquisa, o que se pretendeu, além de identificar as unidades lexicais neológicas no romance supracitado, foi trabalhá-las de forma a adequá-las ao desenvolvimento da competência lexical.

Lembre-se, no entanto, que, como salienta Gomes (2011), esse processo de ensino e aprendizagem do léxico não se dá de forma que em um determinado momento o aluno não saiba nada a respeito de um determinado item lexical e que em outro já o conheça plenamente. Em suas palavras: “a aquisição lexical não é uma passagem entre o não conhecido e o conhecido, mas um ‘continuum’ de conhecimentos e competências, por meio do qual o aprendiz vai alimentando seu

‘dicionário interno’, seu ‘fundo lexical’” (GOMES, 2011, p. 147). E esse processo se dá pela fixação da palavra pelo estudante: “como todo professor sabe, não basta ensinar a palavra, é preciso fixá-la, mostrando-a pelo contexto, tanto gráfico como linguísticos” (ALVAR EZQUERRA, 2003 *apud* GOMES, 2011, p. 144).

No entanto, há que se tomar cuidado com a acepção, neste caso, do verbo ensinar, pois, faz algum tempo que a questão de que há somente uma forma de “falar corretamente” já deixou de nortear o ensino de língua portuguesa. Como colocam Rodrigues e Silva (2007), o professor é o responsável por mostrar ao aluno de que não há só uma forma de se falar corretamente. Cabe ao professor de português “desmistificar e enfrentar os preconceitos linguísticos com discernimento e ensinar aos seus alunos que o correto é a adequação da linguagem ao contexto comunicativo”. Isso faz com que o aluno adquira conhecimentos de situações reais da língua e que, dessa forma, aprenda a respeitar as diversas variantes, vencendo os chamados “preconceitos linguísticos”.

Esta pesquisa parte de uma situação sabidamente ocorrente e rica na literatura brasileira. Visou colaborar na captação de neologismos de origem literária, explorando uma das obras do autor Plínio Marcos, bem como contribuir para aprofundar o estudo de processos de formação de palavras neológicas que, nesse caso, foram captadas e classificadas e, também, cooperar para o desenvolvimento da competência lexical a partir das particularidades encontradas na obra em estudo.

2 PROBLEMAS DE PESQUISA, HIPÓTESES E OBJETIVOS

Quando passamos a utilizar uma nova palavra em nossos discursos, geralmente o fazemos sem refletir sobre suas propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas etc. Contudo, uma reflexão mais ampla poderia englobar questões como:

- a) Em quais contextos tal palavra ocorre e com que frequência?
- b) Pode ela combinar com quais outras palavras?
- c) Podemos utilizá-la com qualquer interlocutor do nosso grupo social ou há restrições?
- d) Como ela deve ser utilizada nas frases que criamos?
- e) Quais tipos de combinações ela suporta para formar novas unidades lexicais?
- f) Seu raio de significação extrapola o contexto de ocorrência?

Essa reflexão, no entanto, é de fundamental importância para que sejamos falantes mais competentes em nossa língua. Cumpre lembrar que a competência lexical não envolve apenas o conhecimento de listas de palavras, mas, também, das regras de formação de novas palavras e como estas se relacionam com outras unidades lexicais. Somente capacitando o aluno para se tornar “senhor” desse processo, estaremos contribuindo para a sua capacitação como usuário mais eficiente da língua.

Em seu livro, *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*, embora esteja refletindo sobre os sistemas avaliativos tradicionalmente utilizados na escola, Perrenoud (1999, p. 19-20), acertadamente, coloca que “no domínio da língua, e mais particularmente do léxico, a escola desempenha apenas um papel marginal, o que não a impede de avaliar o ‘vocabulário’ dos alunos [...]”. Por sua vez, Bezerra (1998), ao se referir aos alunos, coloca que

a sua ampliação vocabular parece estar dependendo apenas da modalidade oral da língua, num registro informal. No entanto vemos que essa aprendizagem espontânea não é suficiente para ampliar a sua competência comunicativa e linguística (que não se limitam apenas ao cotidiano), sobretudo quando eles precisam ler e produzir textos formais (BEZERRA, 1998, p. 10).

Assim, podemos inferir que esse “trabalho” com o léxico deve ser feito de forma mais ativa, consciente, participante, e não de forma “marginal”.

Muito do que se vê nos livros didáticos de português atuais reflete bem essa situação. Normalmente, após dado um texto, o livro costuma trazer um pequeno quadro com um glossário

para as palavras menos usuais. Dessa forma, perde-se uma excelente oportunidade de se fomentar o desenvolvimento da competência lexical dos alunos. Tal procedimento não conduz o aluno à reflexão sobre aquela ocorrência, mas, tão somente, dá o significado da palavra ao estudante que, por sua vez, não se preocupa em conhecê-la profundamente, mas se dá por satisfeito em ter sua curiosidade aplacada. Sem dúvida, se a mesma palavra ocorrer em um texto no mês seguinte, ele precisará de outro glossário e esse processo se dará por muitas vezes ainda, até que o aluno conheça mais amplamente a palavra.

Esse raciocínio é corroborado por Antunes (2007, p. 42), ao mencionar que no léxico de uma determinada língua, “estão expressas, para cada época, as marcas das visões de mundo que os falantes alimentam, ou os traços que indicam seus ângulos de percepção das coisas”. Assim, continua a autora, o léxico é bem mais do que um conjunto de palavras que pode ser utilizado pelos falantes, sendo, também, uma forma de retratar a maneira como uma comunidade linguística “vê” o mundo. “Todo falante, para ser eficaz, precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário empregar” (ANTUNES, 2007, p. 45).

Dessa forma, o que se busca é verificar como podemos fomentar o desenvolvimento da competência lexical em sala de aula de forma mais produtiva e consciente (e não marginal), o que significa também contribuir para o ensino do léxico em língua materna.

2.1 JUSTIFICATIVA

Conforme podemos verificar em Pimenta e Anastasiou (2010, p. 206), Danilov, que em contraposição à forma de ensinar centrada na ação de transmitir conhecimentos, ressalta o ensino centrado no desenvolvimento mental e intelectual de forma continuada dos alunos. Isto se daria no decorrer de um “processo de apropriação ativa e consciente dos conhecimentos sobre os fundamentos das ciências e sua aplicação prática”. Sendo de grande importância que, “nesse sentido, é função do ensino o desenvolvimento da capacidade de pensar e a aquisição de instrumentos necessários à ação [...]”. Neste trabalho, nos basearemos, principalmente, nesse “desenvolvimento da capacidade de pensar”, ressaltado pelo autor citado.

Como todo e qualquer participante de uma comunidade, os alunos estão expostos às mudanças que ocorrem na sociedade. Mudanças essas que acontecem em um ritmo cada vez maior. Dessa forma, é inegável a importância que os neologismos desempenham na sociedade atual. A necessidade de denominar novos produtos e realidades culturais, bem como uma maior

necessidade de tornar o discurso mais expressivo são um campo fértil para o surgimento de novas palavras.

Como professor de jovens e adultos, pude perceber como os alunos são ligados à questão do significado das palavras. Mas, no entanto, não se preocupavam em conhecê-la realmente. Afinal, conhecer uma palavra é saber utilizá-la em outros contextos, combiná-la com outras e formar novas a partir dela. No início do trabalho, após utilizar um determinado texto em sala de aula e discutir sobre uma nova palavra que tivesse chamado a atenção deles, pude verificar como eles não fixavam a palavra. Era necessário trabalhá-la de formas diferentes para que eles realmente a incorporassem em seu léxico ativo.

Conforme Sandmann (1991), ser competente no uso da língua é o que nos permite compreender palavras novas e utilizá-las. Além disso, é graças à nossa competência lexical que formamos novas unidades que sejam funcionais, evitando outras que julguemos más formações. A competência lexical não é, certamente, a única competência a ser desenvolvida, mas é, sem dúvida, muito importante.

Se nossos alunos não se tornarem usuários competentes da língua, limitar-se-ão a reproduzir aquilo que aprendem na escola. Nesse caso, torná-los competentes sob o ponto de vista lexical é um dos requisitos básicos para formar usuários que saibam colocar a língua a seu favor, em toda sua plenitude. Dessa forma, o que buscamos neste trabalho é relacionar neologismos e competência lexical, visando fomentar o desenvolvimento dessa capacidade nos alunos, visando habilitá-los a serem mais autônomos no processo de aprendizagem de vocabulários.

2.2 OBJETIVOS

2.2.1 Objetivo geral

- A partir da análise do romance *Querô – uma reportagem maldita*, descrever os neologismos lexicais na perspectiva do ensino do léxico, de modo a contribuir para o desenvolvimento da competência lexical.

2.2.2 Objetivos específicos

- Constituir um corpus de neologismos lexicais, retirado da obra de Plínio Marcos, *Querô – uma reportagem maldita*, de forma a contribuir para a descrição do universo lexical do português do Brasil;
- Descrever e classificar, do ponto de vista morfossintático e semântico, os neologismos lexicais encontrados;
- Destacar os processos de formação de palavras mais produtivos presentes na obra;
- Organizar, do ponto de vista pedagógico, os resultados dos itens anteriores de modo a contribuir para a formação de material didático, considerando especialmente a classificação dos neologismos e sua produtividade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico foi dividido em quatro subtópicos, a saber: i) formação de palavras; ii) neologismos; iii) competência lexical; iv) ensino do léxico. Esses são os principais pressupostos teóricos para a elaboração deste trabalho. A partir deles, os neologismos coletados serão analisados e buscar-se-á mostrar como os mesmos podem contribuir para o desenvolvimento da competência lexical.

No entanto, há um conceito mais elementar aos que serão abordados por esses tópicos que precisa ser exposto. Embora, como diz Biderman (2001, p. 99-100), cada usuário da língua possua intuitivamente o conceito de palavra, a autora ressalta que esse conceito “varia conforme o nível de consciência do falante” e que, nem mesmo os linguistas apresentam consenso ao defini-la, “nem tampouco delimitá-la”. Nesse sentido, Alves (1999) afirma que “seus limites (da palavra) e suas relações sinonímicas têm suscitado muitos estudos e uma plethora de designações que, longe de solucionarem o problema da delimitação lexical, têm, não raro, contribuído para aumentar a problemática”. Ainda, Basílio (1995) diz que “a palavra é uma dessas unidades linguísticas que são muito fáceis de reconhecer, mas bastante difíceis de definir, se tomarmos como base de definição a língua falada”. Tais afirmações dizem respeito a um conceito de palavra que seja válido em todas as culturas. E esse é o fator que dificulta a definição precisa dessa unidade linguística, pois, como demonstra a última autora citada, um determinado conceito atende a uma determinada língua, mas não a outra.

Neste trabalho, o conceito adotado vai além desse conceito “intuitivo” que o falante possui sobre a palavra. Ao mesmo tempo, não se pretende polemizar esse conceito sob o risco de desvio do foco principal: neologismos e competência lexical. Dessa forma, o conceito adotado é o de unidade, item lexical ou, ainda, lexia – termo cunhado por Pottier (*apud* GREIMAS; COURTÉS, 1979) para tratar de unidades cujas dimensões podem ser variáveis.

Esses, mais do que se referirem à palavra – enquanto unidade ortográfica, ou como diz Quemada (*apud* ALVES, 1999, p. 69), unidades separadas por dois espaços em branco na escrita – podem referir-se, também, a um conjunto ou arranjo de palavras que sejam uma única unidade lexical, caso em que “resultam, na verdade, da lexicalização de segmentos frásicos” (ALVES, 1999, p. 72). Além disso, trata-se de formas livres, isto é, podem figurar de forma independente

em uma manifestação discursiva. Assim, sempre que os termos **palavra**, **item lexical**, **unidade lexical** ou **lexia** forem utilizados, indicarão o conceito descrito neste tópico.

3.1 FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Um dos objetivos propostos no presente trabalho é a análise dos neologismos encontrados na obra de Plínio Marcos, de acordo com os processos morfológicos que os formaram. Não obstante, a descrição do processo de formação desses neologismos encontrados na obra, é essencial para sua análise. Além disso, com essa descrição, espera-se contribuir para a descrição do universo lexical do português do Brasil. Embora não seja o objetivo principal, tal procedimento é importante para as etapas seguintes, nas quais buscaremos estabelecer a importância dos neologismos no desenvolvimento da competência léxica do usuário de uma língua.

Basílio (1995) faz um breve percurso, das diferentes abordagens de diversas correntes teóricas acerca do fenômeno de formação de palavras. Segundo ela, o modelo clássico, dos gramáticos tradicionalistas, não aprofunda a questão da formação de palavras. Há, sim, a conceituação dos processos formadores e uma extensa lista de palavras decompostas e de afixos, que são utilizados em novas formações, ou seja, a preocupação é com a exaustão, buscando relacionar o maior número possível de palavras derivadas e compostas.

Os estudiosos de base estruturalista reconhecem o morfema – unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra – como a menor unidade significativa de uma língua. O estruturalismo dedicou-se a estudar, classificar e categorizar essa unidade. Esse enfoque conferiu grande importância aos estudos morfológicos da palavra, porém, “mais uma vez, preocupa-se apenas com a determinação da estrutura das palavras já formadas, pelo menos implicitamente. Ou seja, a preocupação [...] seria apenas a de estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua” (BASÍLIO, 1995, p. 18).

Já os estudiosos gerativistas, conforme a autora, embora no início não tenham estudado os fenômenos morfológicos, já há algum tempo, vêm estudando o léxico das línguas. E desse estudo adveio uma importante contribuição para esse estudo: a questão das competências. A autora, no entanto, lembra que “as correntes dominantes no desenvolvimento da teoria gerativa não são propícias a um desenvolvimento adequado de uma teoria das formações lexicais, por ser a teoria gerativa centralizada na sintaxe” (BASÍLIO, 1995, p. 19).

Uma situação comum a todas essas correntes teóricas, no que tange à formação de palavras, são as formações irregulares, que ocorrem devido à diversidade de processos formadores e significados diferentes. Dessa forma, como coloca Basílio (1995), há uma grande dificuldade em estabelecer generalizações. Isso é corroborado pelo gramático Evanildo Bechara (2006, p. 334) que diz: “a apreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução”.

Os processos formadores dos neologismos encontrados na obra serão abordados no tópico que trata das unidades neológicas encontradas no romance.

3.2 LÉXICO, NEOLOGIA E NEOLOGISMOS

A língua, como produto social, reflete mudanças ocorridas naquela que a criou, a sociedade. E é no léxico que tais mudanças são mais perceptíveis, afinal, a todo o momento temos novas tecnologias, produtos e costumes que necessitam ser nomeados pelos usuários da língua. Além disso, a necessidade de uma maior expressividade no discurso faz com que esses mesmos usuários busquem, no léxico, alternativas para aperfeiçoar sua comunicação (cf. CARDOSO, 2000, p. 12; FERRAZ, 2006, p. 219; CARVALHO, 2010, p. 277). Segundo Ferraz (2008, p. 146), “léxico é o conjunto aberto, organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística”. A partir dessa citação, podemos inferir que a língua é fator preponderante na identificação de um povo, pois, não só transmite a cultura vivida por ele, como também lhe permite expressar a realidade na qual está inserido. Dessa forma, conhecer profundamente um grupo humano implica conhecer a forma pelo qual esse representa sua realidade.

É preciso lembrar que os personagens da obra estão imersos em um ambiente específico, muitas vezes hermético. Como lembra Preti (*apud* REMENCHE, 1984), os participantes de um determinado grupo social visam, através da linguagem, estabelecer diferenças entre si e outros grupos ou o restante da sociedade. Isso funciona como uma forma de preservar, unir e defender o grupo, atitude própria de grupos marginalizados, ligados à prostituição, ao tóxico etc., além de, através da língua, desafiar os grupos aos quais, de certa forma, estão subordinados. Esse estabelecimento de uma linguagem própria manifesta-se, principalmente, no léxico. A formação de palavras é, assim, o principal fator de diferenciação da linguagem desses grupos.

Coseriu afirma que

[...] o indivíduo cria sua expressão numa língua, fala uma língua, realiza concretamente em seu falar moldes, estruturas da língua de sua comunidade. Num primeiro grau de formalização, essas estruturas são simplesmente normais e tradicionais na comunidade, constituem o que chamamos norma; mas num plano de abstração mais alto, depreende-se delas mesmas uma série de elementos essenciais e indispensáveis de oposições funcionais: o que chamamos sistema (Coseriu, 1979, p. 72).

De acordo com Coseriu, podemos notar que a norma é **parte** do sistema. O sistema, em muitos casos, legitima as criações vocabulares, sejam elas concordantes com a norma ou não, o que reforça a ideia da língua como um sistema aberto, dinâmico. Em se tratando de neologismos literários, muitas vezes, uma nova norma é criada e passa a ser utilizada com frequência. Essa nova norma revela a competência linguística daquele que a utiliza.

Basicamente, as principais razões, segundo Leonel (1997), que levam os falantes a criarem novas unidades lexicais são a (i) neologia denominativa – palavras criadas para denominar objetos e conceitos inéditos em uma sociedade e a (ii) neologia estilística – necessidade de maior expressividade por parte dos falantes de uma língua. Cabe ressaltar que as novas palavras, ao passarem a ser usadas com frequência pelos falantes, vão perdendo a sensação de novidade e passam a fazer parte do vocabulário efetivo dessa comunidade. A partir de então, são registradas pelos dicionários de língua e deixam de ser neologismos, de acordo com o critério lexicográfico adotado neste trabalho.

Na literatura, a escolha dos itens lexicais tem propósitos bem definidos. Essa escolha visa a atender objetivos definidos pelo autor. No caso dos neologismos, e também de outros itens lexicais, muitas vezes, eles possuem uma característica lúdica, que visa despertar a atenção do leitor e levá-lo a “entrar” no “jogo” proposto pela obra. Por isso, frequentemente, eles possuem como características a efemeridade e a circunstancialidade, típicas da neologia estilística. É o caso dos neologismos dos vocabulários gírios e dos, já mencionados, literários. É o que diz Cardoso,

Há, entretanto, criações que surgem com um objetivo específico, são válidas para aquele determinado momento e jamais chegarão a fazer parte do dicionário de língua. São as criações literárias com objetivo estilístico (CARDOSO, 2000, p. 13).

Devido à já mencionada característica de redimensionamento, o léxico não pode ser um conjunto estanque de palavras. Conforme Basílio (2004, p. 9-10), esse sistema precisa ser aberto, expansível, para incorporar novas unidades criadas, e contrátil, para se redimensionar quando unidades que deixam de ser utilizadas não façam mais parte de seu conjunto. Precisa, ainda, fornecer os elementos – unidades lexicais e padrões para formação e compreensão – desses novos

elementos. A essas unidades que caem em desuso, Bechara (2006, p. 351) chama de *arcaísmos*, que, por razões diversas, caem no esquecimento de uma determinada comunidade linguística. Em contraposição a esse movimento de perda de unidades, temos o *neologismo*, a palavra nova, o elemento resultante do processo de criação lexical – a neologia (ALVES, 2004, p. 5).

Segundo Ferraz (2006, p.221-222), para agregar neologismos em seu conjunto, o léxico vale-se de três processos:

- neologia formal – as palavras são formadas através de métodos e elementos pertencentes à própria língua, caso das derivações, composições, fraseologismos, siglagens e outros;
- neologia semântica – através da expansão de sentido ou mudança de significado de unidades lexicais já existentes;
- neologia de empréstimo – unidades lexicais herdadas de sistemas linguísticos estrangeiros, podendo essas unidades estarem adaptadas ou não à nova língua.

Os dois primeiros processos citados utilizam material da própria língua para criar novas palavras, chamados por Alves (2004, p. 5) de processos autóctones. Essa característica confere ao léxico a qualidade de ser “ecologicamente correto”, conforme Basílio (2004, p. 10). Segundo ela, “temos um banco de dados em permanente expansão, mas utilizando sobretudo material já disponível, o que reduz a dependência de memória e garante comunicação automática”.

A caracterização da palavra como neologismo seguirá aqui o critério lexicográfico, posição adotada por diversos estudiosos do assunto. Segundo Ferraz (2006), diversos pesquisadores da área lexical consideram o dicionário de línguas como o principal instrumento para verificar o estatuto neológico de uma palavra. Para eles, quando uma palavra, em pleno uso, não é encontrada nos dicionários, ela tem seu estatuto neológico confirmado, porém, ao ser incluída nos dicionários, deixa de ser um neologismo. Neste trabalho, foi considerado como *corpus* lexicográfico de exclusão o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), Novo Dicionário Eletrônico Aurélio Versão 7.0 – 5ª Edição do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2010) e Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998), todos em suas versões eletrônicas.

Há, na adoção desse critério, problemas de caracterização da palavra como neologismo, assim como ocorre em outros critérios, tais como o *diacrônico* e o *psicológico* (BOULANGER

apud FERRAZ, 2006). O diacrônico identifica os neologismos através de uma extensa pesquisa sobre o surgimento das palavras candidatas a neologismos. Após essa pesquisa, seriam classificadas, de acordo com sua data de surgimento, em neologismos ou não. O problema desse critério reside, justamente, na dificuldade dessa pesquisa, já que, pelos dicionários, poucas palavras têm sua data de surgimento de forma precisa. Outro critério é o psicológico, que consiste na pesquisa através da consulta, a um grupo social, sobre a sensação de novidade que a palavra nova teria. Esse critério revela-se, também, de difícil aplicação, dada a sua subjetividade em relação ao sentimento de novidade causado por um neologismo lexical.

Como foi dito, o critério lexicográfico também traz problemas. Como é possível notar, pelo *corpus* de exclusão adotado, mesmo os maiores dicionários do português brasileiro não se atualizam em um breve espaço de tempo. Além disso, é virtualmente impossível que eles registrem todo o léxico de uma língua, como diz Porto Dapena (2002, p.59), “como ya hemos dicho, la exhaustividad es prácticamente imposible, dado que el léxico constituye un sistema abierto y, por lo tanto, imposible de inventariar de un modo absoluto”. Mas não há, porém, dúvidas de que dicionários como os utilizados aqui, são compêndios de grande valor para registrar o léxico de uma língua. Além de oferecer a forma mais funcional para a configuração de novas unidades léxicas como neologismos.

3.3 COMPETÊNCIA LEXICAL

Sandmann (1991, p. 23) salienta que “a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição”. Para Ferraz (2008), em concordância com o que foi dito, competência lexical é a habilidade, que o falante possui, para compreender as palavras em suas estruturas sonora e morfossintática, além de suas relações de sentido com outras unidades lexicais constitutivas da língua. Essa competência compreende, ainda, a capacidade de formar palavras que são consideradas boas ou aceitáveis pelos outros falantes, além de ser capaz de bloquear formações lexicais inaceitáveis.

Segundo Basílio (2004, p. 90), a competência lexical é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Conhecimento esse que, segundo Sandman (1991, p. 14), além de fixar

regras que conduzem à formação de novas unidades, também limitam essas formações, gerando bloqueios e restrições de unidades não previstas pelo sistema linguístico.

De acordo com Tréville e Duquette, 1996, (*apud* Bezerra, 1998, p. 3-4), a competência lexical engloba cinco componentes: 1) linguístico – que engloba palavras e frases e está ligado à palavra propriamente dita, sua forma, seus significados e seus contextos de ocorrência; 2) discursivo – que está relacionado à coesão, coerência e co-ocorrência, através das possíveis combinações com outras unidades lexicais que possuem afinidades entre si; 3) referencial – que diz respeito às experiências subjetivas do falante com o mundo e, conseqüentemente, suas relações, possibilitando a previsão, no momento do discurso, das “sequências lexicais correspondentes a estereótipos de comportamentos sociais”; 4) sociocultural – que se compõe do “conhecimento do valor das palavras de acordo com os registros linguísticos, de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação; 5) estratégico – que é a capacidade de utilizar as unidades lexicais “em suas redes associativas com o objetivo de esclarecer, resolver um problema de comunicação e capacidade de superar o desconhecimento de palavras por procedimentos de inferência a partir de pistas contextuais (compreensão) ou de formulações aproximadas, paráfrases e definições (produção)”.

Dessa forma, podemos verificar que a competência lexical é uma das bases da competência comunicativa. Somente fomentando seu desenvolvimento, papel desempenhado de forma apenas superficial pela escola atual, formaremos usuários competentes na utilização da língua. Como nos diz Almeida Filho (*apud* NOGUEIRA, 2008, p. 104), “aprender uma língua não é mais somente aprender outro sistema, nem só passar informações ao interlocutor, mas sim, constituir no discurso (a partir de contextos sociais concretos e experiências prévias) ações sociais (e culturais) apropriadas”.

A partir desses conceitos, podemos verificar a importância de ações que contribuam para o desenvolvimento da competência lexical dos falantes. É importante lembrar que o desempenho lexical depende, também, de fatores externos, como a situação discursiva. Saber para quem se produz, onde e como, é de vital importância para o sucesso da comunicação. Assim, bom desempenho lexical envolve, além de outros fatores, conhecimento profundo das palavras.

Segundo Leonel (1997, p. 79), “o leitor atento e assíduo de Guimarães Rosa apreende o sentido dos textos do escritor, decodificando o termo, o sintagma ou o enunciado, embora nem sempre de modo consciente”. Obviamente, Leonel estabeleceu como limite o leitor da obra de

Guimarães Rosa, porque em seu artigo trata exclusivamente da obra desse grande escritor brasileiro. Para este trabalho, tal observação é perfeita. Em geral, os leitores ao se depararem com uma unidade lexical neológica, na maioria das vezes, conseguem apreender o sentido pelo contexto ou pelo estilo de um determinado autor.

No entanto, conforme os autores citados anteriormente, a competência lexical vai muito além de saber o significado das palavras. Segundo Richards (1976, *apud* FERRAZ, 2008), é necessário que o falante tenha em mente que (i) o léxico é um conjunto aberto e a aquisição de palavras acontece durante toda sua vida. Isso significa que novas unidades surgirão a todo instante e que o falante deve estar atento a elas; (ii) conhecer uma palavra significa bem mais do que conhecer seu significado. Conhecer a sua forma de utilização e a frequência com que aparece também são essenciais; (iii) é preciso saber se as palavras a serem usadas possuem ou não restrições sociais de alguma natureza, pois isso determina parte do sucesso da comunicação; (iv) as palavras não estão em nossa mente como uma lista de conceitos. A elas estão associadas suas propriedades sintáticas, que devemos conhecer para utilizá-las adequadamente; (v) ao incorporar em seu vocabulário uma nova unidade, o falante passa a conhecer, também, padrões de estruturação que podem ser utilizados para construir novas formas. Logo, conhecer uma palavra já prevê, de certo modo, conhecer outras criações originadas dela; (vi) o significado de uma palavra também é dado por sua relação com outras nos discursos. Assim, as relações entre elas ajudam na compreensão individual de cada uma delas; (vii) o significado das palavras não é absoluto. Ele envolve o conhecimento de traços categoriais mínimos. Conhecê-los é fundamental para saber o valor semântico das palavras; (viii) as unidades lexicais podem possuir mais de um significado e os falantes precisam conhecer seus múltiplos sentidos.

A partir dessas colocações, Ferraz conclui que conhecer uma unidade lexical implica em:

- (a) conhecer sua forma (fonológica, morfológica e gráfica); (b) conhecer seu comportamento sintático e seu significado (referencial, associativo, pragmático); (c) conhecer suas relações com outras palavras (paradigmáticas e sintagmáticas); (d) ter maior velocidade à unidade lexical memorizada, como indicativo de fluência lexical (FERRAZ, 2008, p. 149-150).

Essas constatações são corroboradas e sintetizadas por Bezerra (1998), citando Tréville e Duquette (1996): “conhecer um item lexical é, além de dar-lhe uma definição, conhecer suas propriedades combinatórias do ponto de vista semântico, sintático e discursivo”.

3.4 ENSINO DO LÉXICO

Santos (2008) nos lembra que “aprender e estudar o léxico de uma língua significa não apenas reconhecer novas palavras, mas sim ir muito além, o aluno que consegue desenvolver essa aprendizagem se torna mais competente no uso das palavras”. Além disso, como assinala Bortoni-Ricardo (2007), os documentos oficiais brasileiros que direcionam as políticas públicas de ensino de português reconhecem a importância do ensino do léxico na sala de aula:

O Relatório Conclusivo da Comissão Nacional para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna de janeiro de 1986 dedica uma seção ao ‘corpus lexical’ e recomenda: ‘o professor deverá estar vigilante quanto ao enriquecimento do vocabulário ativo e passivo’ (BORTONI-RICARDO, 2007, p. 4-5).

E ainda que, no segundo grau, o aluno seja capaz de trabalhar com raízes, radicais e afixos, estabelecendo conexões e sendo capaz de compreender e formar unidades lexicais.

A autora salienta ainda que

na ‘Matriz de Referência de Língua Portuguesa do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) 2001: Tópicos e seus Descritores’, o Descritor 3, que consta da Matriz a partir da 4ª série do ensino fundamental, consiste em ‘inferir o sentido de uma palavra ou expressão’ (BORTONI-RICARDO, 2007, p. 5).

E, ainda, que “no Descritor 18, lê-se: ‘Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão’, ao qual podemos associar o Descritor 16: ‘Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados’” (BORTONI-RICARDO, 2007, p. 5).

Como atestado acima, o ensino do léxico possui sua parcela de importância na formação do aluno, no entanto, de modo geral, como lembrado por Perrenoud, já citado anteriormente, a atuação da escola no que diz respeito ao ensino do léxico tem sido, atualmente, apenas superficial. Esse pensamento é corroborado por Bortoni-Ricardo (2007), ao dizer que, embora reconheça que há uma tendência em retomar o ensino e aprendizagem do léxico, o foco no ensino do vocabulário perdeu espaço para o ensino gramatical e o de habilidades comunicativo-funcionais.

Da mesma forma, Albuquerque (2009), coloca que o ensino do vocabulário, normalmente, isola as palavras em frases, desconsiderando seu contexto e “engessando” seu sentido e limita-se, no máximo, a exercícios de sinonímia e antonímia. Mas, mesmo que haja alguma preocupação com o ensino do léxico, como bem lembra Bezerra, ele “volta-se para a compreensão do texto escrito, não havendo preocupação com o vocabulário direcionado à produção textual do aluno”

(BEZERRA, 1998, p. 1). Dessa forma, continua a autora, “não basta apenas desenvolver estratégias de aprendizagem de vocabulário para/pela leitura de textos, é preciso também usá-lo em textos escritos, possibilitando ao aluno exprimir-se com vocábulos variados e apropriados às diversas situações de trocas linguísticas” (BEZERRA, 1998, p. 4). Para a mesma autora, segundo resultados preliminares de sua pesquisa, “os alunos acreditam que o sentido das palavras está nelas mesmas, independentemente de relações que estabeleçam em contextos variados”, por isso o contexto não pode ser, de forma alguma desprezado, mas ele também não esgota as possibilidades de estudo de determinado item lexical.

O processo que ocorre nos livros didáticos atuais reflete bem essa situação. É comum encontrarmos, nos livros didáticos de português em geral, um pequeno quadro com um glossário para as palavras menos usuais, retiradas de um texto dado. Não raro, como coloca Albuquerque no trabalho já mencionado, são feitos exercícios sobre essas palavras que não exigem do aluno um conhecimento mais profundo sobre elas. Dias (2003), a partir de estudos do Grupo de Estudo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Universidade Federal de Uberlândia, manifesta opinião semelhante ao constatar que, na maioria das vezes, os exercícios sobre vocabulário propostos pelos livros didáticos são sempre repetitivos e ocorrem de forma similar em vários títulos diferentes. Dessa forma, o ensino de vocabulário, via de regra, não contribui para que o vocabulário dos alunos seja enriquecido pelas palavras estudadas.

Dessa forma, perde-se uma excelente oportunidade de se trabalhar com o desenvolvimento da competência lexical dos alunos. Tal procedimento não os conduz à reflexão sobre aquela ocorrência, mas, tão somente, dá a eles o significado da palavra, sendo que eles, por sua vez, não se preocupam em conhecê-la profundamente, mas se dão por satisfeitos em terem sua curiosidade aplacada. Sem dúvida, se a mesma palavra ocorrer em um novo texto em uma outra oportunidade, eles precisarão de outro glossário e esse processo se dará por muitas vezes ainda, até que conheçam mais amplamente a palavra.

Um dos fatores cruciais nesse “círculo vicioso” são as crenças dos professores e alunos sobre ensino e aprendizagem, respectivamente. O professor, via de regra, não teve, enquanto aluno, um ensino de vocabulário específico e, em sua formação como docente, não teve disciplinas que o levassem a refletir sobre esse tipo de necessidade. Da mesma forma, o aluno é “condicionado” a agir da forma que lhe pareça mais prática: conhecendo apenas o significado da palavra de forma pontual e superficial, para atender uma necessidade momentânea, uma prática

que Perrenoud denomina “ofício de aluno”, ou seja, o aluno aprende como lidar com suas necessidades na medida para atendê-las, sem que seja necessário aprender realmente ou aprofundar esse aprendizado (PERRENOUD, 1999).

Segundo Barcelos, crença é definido como

[...] construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2004, *apud* BONFIM; CONCEIÇÃO, 2004).

Como lembram Bonfim e Conceição (2009), compreender as origens e

a estrutura das crenças de professores seria imprescindível na compreensão da sua prática de ensino, uma vez que as crenças se inter-relacionam com estruturas cognitivas e estratégias metacognitivas para definir tarefas relacionadas com o ensino e para solucionar problemas enfrentados no processo de ensino e aprendizagem (BONFIM; CONCEIÇÃO, 2009, p. 55).

Dessa forma, como lembram as autoras, as crenças influenciam a ação e, conseqüentemente, as práticas de ensino.

Obviamente, há, ainda, outros fatores contextuais além das crenças que dificultam o trabalho dos professores com o vocabulário em sala de aula. Borg (*apud* BONFIM; CONCEIÇÃO, 2009) destaca fatores psicológicos, sociais e ambientais da escola e da sala de aula. Dentre esses fatores estão inclusos os pais, exigências da diretoria, a escola, a sociedade, o currículo, a sala de aula e suas políticas e instalações, outros professores, avaliações padronizadas e os recursos disponíveis. Tais fatores, normalmente, influenciam a prática do professor, ocasionando, muitas vezes, grandes dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

Concluindo, as autoras observam que

em resumo, o que pretendemos ressaltar é que professores trazem para a sala de aula crenças, conhecimentos (teórico-prático) e experiências formados e adquiridos ao longo do tempo, e que estes contribuem para a construção da prática pedagógica dentro das possibilidades da realidade contextual em que se inserem em cada momento. Essa resultante dinâmica entre experiências, crenças, prática e contexto deve ser, portanto, considerada com mais atenção nos processos de formação de professores de língua (BONFIM; CONCEIÇÃO, 2009, p. 63).

Retomando a questão que abriu a discussão sobre crenças e fatores externos ao ensino, os professores, em suas práticas, costumeiramente, não incluem o ensino de vocabulário (pelos fatores expostos) e os alunos não se preocupam em conhecer profundamente uma palavra. O

resultado disso é um ensino deficitário em termos de vocabulário, mesmo que as políticas públicas e alguns estudos nessa área demonstrem que há a necessidade de um maior enfoque no ensino do léxico. No entanto, assim como Rodrigues e Silva (2010), também acreditamos que o professor possa vencer essa “barreira”, mesmo não tendo formação específica para um ensino focado no léxico. A leitura de textos específicos e um maior envolvimento com o tipo de trabalho proposto podem fazer com que ele se capacite para esse tipo de tarefa, além, é claro, de cursos de pós-graduação.

É preciso, porém, ter em mente características específicas do processo de aquisição lexical. Gomes (2011, p. 142), ao discorrer sobre este processo, cita Morgan e Rinvoluceri, que salientam algumas características que devem ser respeitadas no momento de ensino e aprendizagem do léxico. O processo de aquisição lexical é: (a) “mais bifurcado do que linear”. A aprendizagem de palavras não se dá de forma mecânica, como pequenos grupos de significados, mas de forma associativa; (b) “profundamente pessoal”. As relações e reflexões que fazemos estão ligadas à nossa experiência de vida. Nossa compreensão dos significados é ampliada levando-se em conta a interação e as trocas com os outros; (c) “baseado na experiência e no esforço pessoal”, não sendo “um processo intelectual puro e simples”. “Uma abordagem muito intelectual leva a se ver a linguagem como objeto e não como um processo a ser assimilado pelo sujeito – o aprendiz” (GOMES, 2011, p. 142).

Aragonés (*apud* SANTOS, 2008) nos lembra, em consonância com o que acaba de ser colocado, que

El proceso de enseñanza del léxico deberá llevarse a cabo mediante una metodología adecuada, que contemple la realización de actividades motivadoras, lúdicas y creativas, pues es importante despertar el interés y curiosidad de los alumnos por conocer nuevas palabras y utilizar mejor su vocabulario para, en definitiva, comunicarse mejor (ARAGONÉS *apud* SANTOS, 2008, p. 3).

O romance traz para a sala de aula o elemento que desperta o interesse dos alunos, fazendo com que as habituais aulas de formação de palavras tornem-se algo diferente. Esse é o motivo pelo qual acreditamos que uma obra literária de grande impacto para os jovens seja um recurso interessante para que trabalhemos o léxico em sala de aula. O estudo de vocabulário de obras literárias, acreditamos, já é utilizado por muitos professores em sala de aula. Porém, com um enfoque nos neologismos e voltado para o desenvolvimento da competência lexical, pelo menos de forma constante, regular, ainda precisa ser fomentado em nossas escolas.

4 NEOLOGISMOS ENCONTRADOS

Neste tópico, a partir da análise da obra *Querô – uma reportagem maldita*, buscamos identificar os itens lexicais candidatos a neologismos, processando o material e gerando o *corpus* utilizado neste trabalho. Após configurar os neologismos, efetuamos a análise, gerando uma classificação dos mesmos a partir de seus processos de formação. Além disso, levantamos, na obra, condições de ocorrência e utilização das unidades neológicas identificadas. Posteriormente, elaboramos um glossário – APÊNDICE A – com as mesmas e, a partir dos neologismos encontrados, verificamos os processos mais produtivos. Por fim, organizamos, do ponto de vista pedagógico, os resultados alcançados para aplicação ao desenvolvimento da competência lexical.

De forma geral, os neologismos semânticos e as expressões idiomáticas são os mais presentes na obra. Conforme Remenche (2003) verificou em sua pesquisa com a linguagem no sistema penitenciário do Paraná, o uso de metáforas é predominante em vocabulários gírios de grupos sociais. Há uma predominância de expressar, através de palavras, temas como sexo, violência e vícios. Sendo possível associarmos os neologismos encontrados a grandes grupos semânticos, ligados, principalmente, à violência, religião e ao sexo. Como vimos, anteriormente, as expressões idiomáticas são conotativas, revelando a presença de metáforas, bem como os neologismos semânticos.

As derivações e composições, embora sejam atestadas como os processos mais produtivos no português brasileiro, foram encontradas de forma modesta na obra. Truncamentos, reduplicações e estrangeirismos, além de algumas formações não tipificadas devido à sua formação irregular, fecham o rol de tipos de formação de palavras presentes no romance.

Foram encontradas 141 palavras neológicas na obra. De forma geral, a distribuição das mesmas se deu da seguinte forma (GRAF. 1):

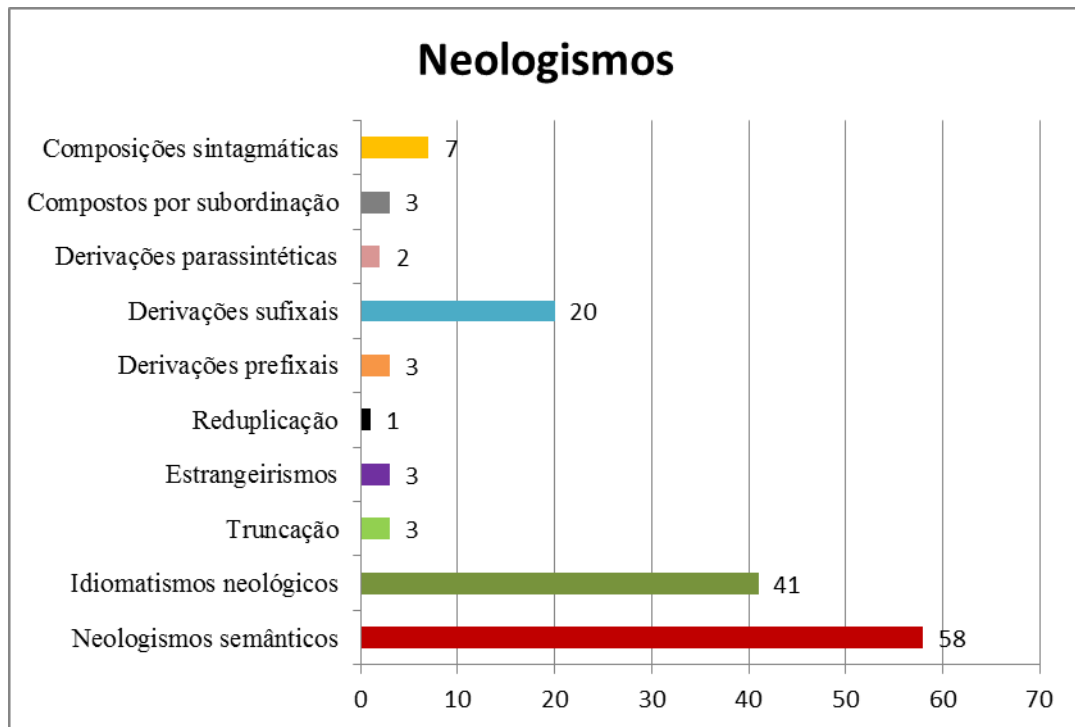


GRÁFICO 1 – Quantidade de neologismos encontrados, de acordo com a tipologia.

De acordo com os processos de formação, a divisão dos neologismos encontrados deu-se da seguinte da forma (GRAF. 2):

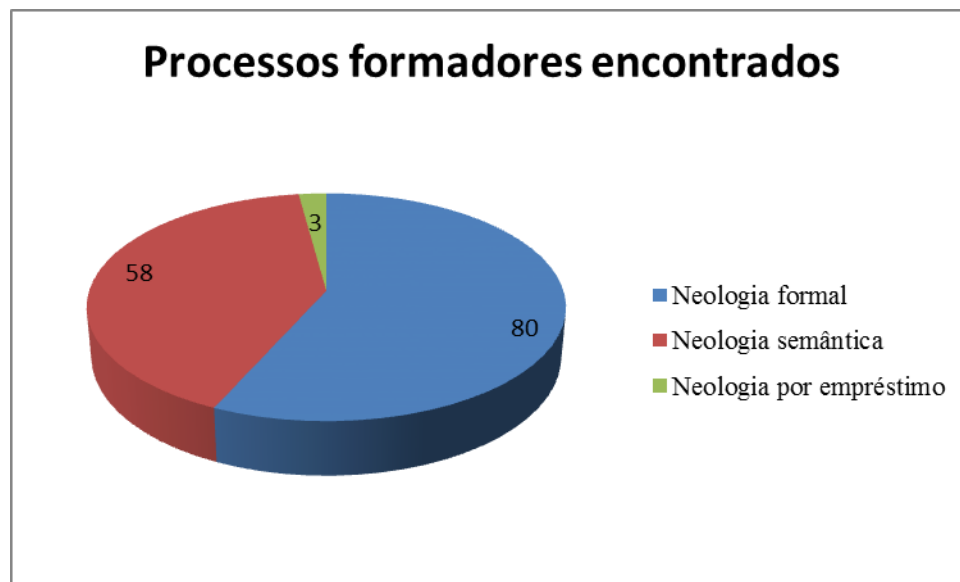


GRÁFICO 2 – Quantidade de neologismos encontrados, de acordo com os processos.

4.1 DERIVAÇÕES

Diversos autores, sejam eles gramáticos ou linguistas, concordam que, ao lado da composição, a derivação é o principal processo formador de palavras no português do Brasil (BECHARA, 2006; FERRAZ, 2007; ROCHA, 2008; LAROCA, 1994). O processo de derivação consiste em acrescentar afixos a um radical ou palavra-base. Esses afixos subdividem-se em prefixos, quando afixados antes, ou sufixos, quando afixados após o radical ou base. Essa definição é partilhada pelos gramáticos, como Bechara (2006, p. 357), em que o processo de “derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos”.

Palavras como *transpor* de *pôr*; *infeliz* de *feliz* e *desleal* de *leal* são, segundo Rocha Lima (2006, p. 201), exemplos de derivações prefixais. Ferraz (2006, p. 226) aponta, para esse mesmo tipo de derivação, *superpromoção* de *promoção*, *supersimpático* de *simpático*, *microcrédito* de *crédito*, *microempreendedor* de *empreendedor*, *multirrisco* de *risco* e *antiidade* de *idade*. Na derivação sufixal, Alves (2004, p. 29-31) aponta *brizolismo* de *Brizola*, *achismo* de *achar*, *favelização* de *favela*, *enxugamento* de *enxugar*, dentre outros. Schocair (2006, p. 65) traz *felizmente* de *feliz*, *lealdade* de *leal* e *paulada* de *pau*.

De acordo com Alves (2004), não há concordância entre os estudiosos sobre a quantidade e natureza dos prefixos. Assim, neste estudo, serão tratados como tais, as “partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série” (ALVES, 2004, p. 15). Já os sufixos, segundo a autora, não possuem característica autônoma, sendo, tais quais os prefixos, recorrentes, conferindo às palavras-base uma noção acessória, alterando, muitas vezes, a classe gramatical da palavra à qual se ligam.

Como lembram Alves (2004) e Sandmann (1992), mais do que a posição ocupada pelos afixos, eles possuem funções diferentes. Os prefixos conferem, primordialmente, à palavra uma característica modificadora de ordem semântica. E os sufixos, características, principalmente, sintáticas, mas também semânticas.

Há, ainda, outros tipos de derivação como a parassintética – junção de um prefixo e um sufixo simultaneamente a uma base, de modo que a supressão de um deles resulta em uma forma inaceitável – e a regressiva ou deverbal – em que há redução do item lexical derivante. Valter Kehdi (1992) traz, como exemplo para as derivações parassintéticas, as seguintes palavras: *esclarecer* de *claro*, *embarcar* de *barco* e *alargar* de *largo*. Como bem lembra o referido

professor, não temos as formas **esclaro* e nem **clarecer*, da mesma forma que não temos **embarco* e nem **barcar*. No caso de *alargar*, não temos **alargo* e o verbo *largar* não guarda semelhança semântica – outro ponto importante para a caracterização desse tipo de derivação – com o fato de alargarmos algo, mas sim com soltar. Dessa forma, *alargar* também é derivado por parassíntese.

Sobre as palavras derivadas regressivamente, Kehdi (1992) empreende uma discussão acerca de qual palavra seria a origem de outra, como no caso de *luta* e *lutar*. Qual teria sido a primeira dentre as duas nesses casos de substantivos que derivam verbos ou vice-versa? A discussão não é rápida e muito menos simples. Posicionamo-nos da forma como Mário Barreto (*apud* KEHDI, 1992, p. 23), que diz que se denotar ação, o substantivo será derivado do verbo, caso denote objeto ou substância, teremos a situação inversa.

Na obra analisada, as derivações dividiram-se em parassintéticas, prefixais e sufixais, estas em maior número (GRAF. 3):

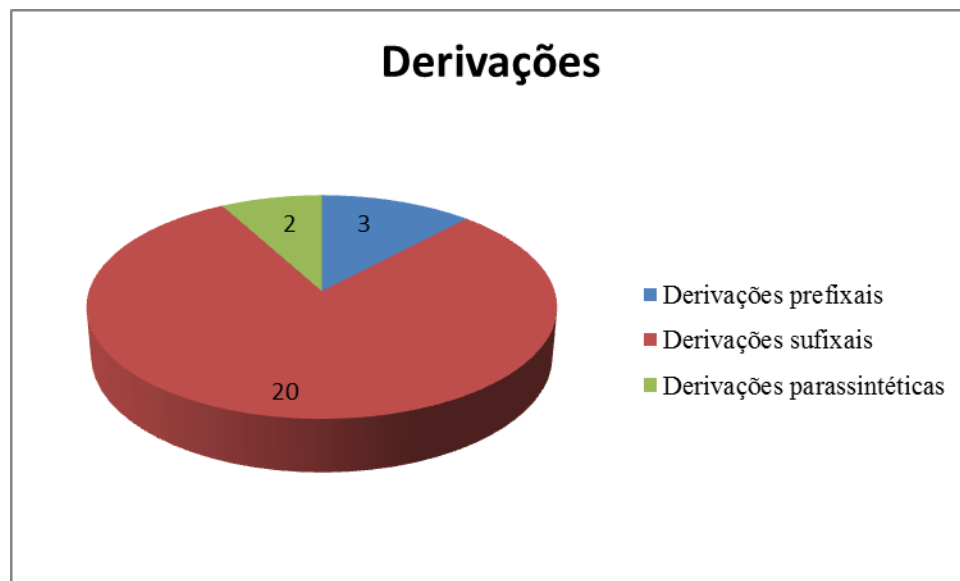


GRÁFICO 3 – Quantidade de derivações encontradas, de acordo com a tipologia das mesmas.

4.1.1 Derivações prefixais

Apatolar é o primeiro neologismo prefixal que encontramos:

Naturalmente, se o Tainha não se intromete, eu ia ter pra troca com o Bolacha Preta. Mas o Tainha cortou o quás-quás-quás: – Vai lá, Querô. Pega o veado pra nós. Leva o puto

ali pra trás das caixas. Quando tu tiver ferrando ele, eu mais o Bolacha entramos na fita e «apatolamos»² o desgraçado (MARCOS, 1999, p. 12-13).

Patolar é a palavra-base desse neologismo e significa aferrar, agredir, atacar, acometer. O prefixo *-a* sugere, conforme o dicionário Aurélio (2010), ideia de excesso, intensidade. Devido ao ambiente hostil, no qual vive Querô, *patolar* torna-se insuficiente, devido à violência exigida pela situação. Em função disso, o grupo confere mais força na ação com a adição do prefixo.

O próximo neologismo dessa natureza está inserido no excerto a seguir:

Se fosse raiva que eu tivesse daqueles dois tiras escrotos, eu segurava. Fazia sair no mijo. «Desbaratinava». Carregava. Como sempre carreguei a bronca de todos os que me sacanearam por toda a puta da minha vida. Mas daqueles dois desgraçados eu tinha medo. Um puta medo (MARCOS, 1999, p. 60).

Desbaratinar é formado pela junção do afixo *des-* à base *baratinar*. Esse prefixo é bastante comum na formação de palavras do português brasileiro, significando ação contrária, negação. *Baratinar*, como traz o dicionário Aurélio (2010), significa pertubar (-se), transtornar (-se), perder a clareza mental. Assim, nesse caso, *desbaratinar* significa não perturbar-se, esquecer aquilo que causa transtornos.

Há, no entanto, outra ocorrência desse neologismo para o qual o contexto sugere outra significação:

Vai ver até que tu é tira «desbaratinando» que é do gibi. É o cacete. Olha aqui, filho da puta, podes crer, se tu for rato, vou te apagar (MARCOS, 1999, p. 85-86).

Nesse caso, como *desbaratinar* possui uma acepção, como vimos, próxima de esquecer, Querô parece fazer uma relação entre esquecimento e devaneio. O repórter poderia não ser realmente um repórter, mas poderia estar acreditando ser um. O contexto também nos permite imaginar que a acepção poderia ser de fingir, de se passar por alguém, sugerindo um golpe por parte dos policiais que queriam pegá-lo. Se essa é a acepção, ela aproxima-se daquela mencionada pelo dicionário Houaiss (2001), com o sentido de convencer alguém com engodo, lábia. E o prefixo *des-* assumiria uma carga semântica de intensidade, um caráter reforçativo, como ocorre em *desafastar* ou *desaliviar*.

² Para facilitar a visualização dos neologismos presentes nos excertos retirados do romance, os mesmos foram marcados por aspas angulares (« »).

4.1.2 Derivações sufixais

O trecho abaixo nos revela o primeiro item lexical derivado sufixalmente encontrado na obra:

-Tira esse «pestinha» daqui. Bota ele na roda das freiras. Joga ele lá. Criança em casa de mulher não presta. Criança dá azar. Espanta freguês. (MARCOS, 1999, p. 4).

Pestinha, nesse caso, não é um simples diminutivo de *peste*. Há uma forte carga pejorativa de desprezo acrescida à base que tem, nesse caso, a acepção, conforme o dicionário Houaiss (2001), de pessoa de maus bofes, mal-humorada, criadora de problemas. Para Violeta, mãe adotiva de Querô e cafetina do bordel onde sua mãe trabalhava, ele é, além de criador de problemas, uma criatura desprezível, pois não favorece em nada aos negócios dela.

Outro caso que, a princípio, remete a um diminutivo, mas que traz um significado que vai além da dimensão é *cafeolo*:

Já naquele tempo tinha mais medo de polícia do que de alma penada. Juiz de Menores e polícia é tudo a mesma coisa. Uma raça só. Sabia disso por escutar os «cafeolos» das minas da casa contarem seus enguiços com os tiras (MARCOS, 1999, p. 8).

Violeta é a cafetina do prostíbulo, por isso as mulheres repassam parte do que arrecadam para ela, como pagamento pelo local em que moram e exercem sua profissão. Além dela, cafetina “institucionalizada”, muitas prostitutas ainda têm um cafetão intermediário, normalmente homem, que são seus amantes e que, muitas vezes, vivem de explorá-las indiretamente. O sufixo *-olo* é usado, embora raramente, para diminutivos, como em *casinholo* de *casa*. Assim, não se trata de um pequeno cafetão em termos de dimensão, mas, sim, de outro tipo de explorador das mulheres que vivem de prostituição.

Ainda na linha dos sufixos diminutivos, temos *bagrinho*:

– Comprei esse bobo suíço de um pivete chamado Querô. Não afanei ninguém. Sou «bagrinho» da estiva. Ganho o meu com o suor da minha cara. Esse Querô é que vive de comer cu de veado. Foi numa dessa que ele arrumou o relógio e me vendeu (MARCOS, 1999, p. 17-18).

Bagrinho, nesse contexto, significa pessoa comum, sem importância, aquela que não desperta interesse pelo fato de ser mais uma entre tantas outras. O sufixo *-inho* confere outra carga semântica à palavra-base.

Há, em *loucona*, graças ao sufixo, conforme o dicionário Houaiss (2001), uma carga de “afetividade pejorativa” que vai além de tamanho:

De repente, piou na parada um gringo bêbado. Pela pinta do bruto, até um cego podia ver que se tratava de uma bichona «loucona». O Tainha botou as botucas no gringo e bolou o chaveco: – Vamos suar a bicha (MARCOS, 1999, p. 12).

É possível notar uma carga cômica na palavra causada, justamente, por essa “afetividade pejorativa”. Os trejeitos do gringo não deixam dúvida que ele seja homossexual. Mais do que isso, chega a ser engraçado o quão é perceptível sua opção sexual, ele é extremamente afeminado. O sufixo *-ona* é o responsável por esse efeito conseguido no trecho, sendo recorrente em *bichona* (já dicionarizado) e *loucona*.

Putana é outra formação sufixal presente na obra:

Sabe como é. Não é todo dia que uma «putana» bebe querosene. E depois, nas quebradas do mundaréu, é de lei 'cada um, cada um (MARCOS, 1999, p. 4-5)

Derivado de *puta*, o sufixo *-ana* carrega a ideia de aumentativo e de quantificador. Assim, *putana* é um membro dessa classe, além de denotar, também, uma prostituta, aquela que exerce a profissão por dinheiro, ao contrário de *puta*, que muitas vezes é usado para mulheres que se entregam à libertinagem, mas sem, necessariamente, haver a contrapartida monetária.

O neologismo *cagataço* aparece em outro trecho do romance:

–Porra, pivete! Quem tu pensa que é? Um puta «cagataço». Tu só serve pra ir buscar loque pra gente suar. Como puta faz pros machos. Vai lá! E logo, antes que eu encha tua cara de alegria (MARCOS, 1999, p. 12).

Note-se que o Bolacha Preta, personagem da obra, está, nesse instante, discutindo com Querô. Ele quer humilhá-lo perante o líder do bando, Tainha, para que Querô reconheça seu lugar no trio. Assim, *cagataço* não é somente um aumentativo de uma palavra já por seu turno em aumentativo, *cagão*, aquele que tem muito medo, mais do que isso, qualifica pejorativamente o protagonista, visando desqualificá-lo.

Com o mesmo sufixo, há também *cagalhaço*:

Os cagaços todos. O negrinho veado. O filho da puta. O «cagalhaço» se arreou antes de eu apertar. Era uma bosta. Os olhos dele brilhavam no escuro. Eu vi. Ele estava encagaçado (MARCOS, 1999, p. 89).

Querô acabara de matar um jovem como ele. Por isso, sentia-se tomado por uma sensação de poder, graças ao revólver que há pouco conseguira. Antes do desenrolar da situação, o jovem assassinado estava com muito medo, sem coragem. Era mais que um *cagalhão*, para Querô, naquele instante, era medroso ao extremo, muito covarde, um cagalhão.

Lasqueira é outra ocorrência sufixal que encontramos na obra:

Dois medos. De ficar no chiqueirinho pra sempre e de sair pro meio da corriola e eles me enrabarem. Que puta «lasqueira» de dia. Só à tardinha é que o vigia abriu a cela (MARCOS, 1999, p. 32).

A base para essa derivação é o verbo *lascar*, que possui no dicionário Aurélio (2010), dentre outras, a acepção de dar-se mal, prejudicar-se, lesar-se. Com o acréscimo do sufixo *-eira*, forma-se um substantivo que indica sofrimento, dificuldade. Querô não conseguia se tranquilizar com a possibilidade de ser estuprado pelos colegas do centro de menores, o que, de fato, acontece naquela noite.

Com o sufixo *-eiro*, temos *ondeiro*, conforme a passagem a seguir:

Como é que iam deixar de ver um veado «ondeiro» daqueles e um cara todo molhado, só de calção e camiseta, no meio da sala? (MARCOS, 1999, p. 41)

O sufixo em questão carrega, dentre outras, uma carga semântica que indica alguém que apresenta certo tipo de comportamento ou determinado traço de personalidade. Assim, ao unir-se ao substantivo *onda*, que traz uma acepção de tumulto, alvoroço, produz um adjetivo que significa aquele que tem essas características em seu comportamento, ou seja um indivíduo espalhafatoso, cheio de trejeitos.

No caso a seguir, demonstrado em duas passagens, a carga semântica do mesmo prefixo parece ser a mesma:

– Vejo como quero, seu filho da puta. Crioulo veado. Filho de uma cadela nojenta. «Bundeiro» de reformatório. Puto (MARCOS, 1999, p. 74).

Ele sabia. Os meus olhos estavam ardidos. Ardidos de sangue. E ele via. Via bem. Via o cheiro que eu tinha no nariz. O fedor escroto. O fedor fodido do perfume das putas da Xavier. Das putas mais nojentas. Das putas «bundeiras». Das putas chupadoras de caralho de gringo bêbado (MARCOS, 1999, p. 89).

Derivado de *bunda*, *bundeiro* é o indivíduo que faz sexo anal, apresentando esse tipo de comportamento em sua personalidade. O substantivo, após a prefixação, transforma-se em adjetivo e serve como xingamento para Querô.

Outra derivação sufixal presente na obra é *sonado*:

O Naná caiu da cama e levantou reclamando: – Quem tu pensa que é? Eu não sou nenhuma jogada-fora pra me tratar assim. Eu estava «sonado». Só falei pra ele calar a boca (MARCOS, 1999, p. 43).

A base dessa formação é o substantivo *sono*. A ela liga-se o sufixo *-ado*, sinalizado pelo dicionário Houaiss (2001) como provido de, ou que possui o que é indicado pelo elemento base, formando o adjetivo *sonado*. Nesse caso, Querô está com sono, precisando dormir depois de escapar do centro de menores e passar dias fugindo e se esgueirando pelo mangue.

Querô também utiliza essa nova palavra para designar um outro estado no qual se encontrou em outro momento da obra:

Levantei. Me vesti. E saf. Chovia. Era tempo de frio. Mas eu não tomei conhecimento. Comecei a andar pela rua como um «sonado». Sem rumo (MARCOS, 1999, p. 66).

Nesse trecho, ele não se refere somente ao sono que sentia, mas à forma como agia, tal qual um sonâmbulo, alguém que age de maneira desconexa.

Esse sufixo está presente em outro neologismo no trecho a seguir:

Já queimei fumo à pamparra, do gibi. Mas não adianta. A dor é tanta, que corta a onda. Eu tô «braseado». Só sinto sede. Meus olhos estão ardendo. Tô ardendo. Todo ardido (MARCOS, 1999, p. 84).

Formado a partir do substantivo *brasa*, o adjetivo *braseado* significa febril, aquele que está quente em consequência de febre. O sufixo *-ado*, assim como nos dois exemplos anteriores, dá ideia de estar provido de algo, no caso, brasa, fogo.

Na página 61, encontramos o substantivo *cupinchada*:

Claro que ele ia com a «cupinchada» dele. Sozinho não era ninguém. Até bundava. Mas enturmado com os ratos e com pó nas ventas, era broca (MARCOS, 1999, p. 61).

A base desse substantivo é outro elemento dessa classe, *cupincha*, que significa camarada, companheiro, comparsa. O sufixo *-ada*, conforme o dicionário Michaelis (1998), transmite, dentre outras, a ideia de coleção, coletivo. Assim, *cupinchada* é a turma, a patota do bandido ao qual Querô se referia naquele momento.

Também com essa ideia de quantidade, temos *caralhau*:

Em toda minha vida, eu sempre pensei em matar gente. Se tivesse tido chance, já tinha fritado um «caralhau» de filhos da puta (MARCOS, 1999, p. 59).

A expressão *pra caralho*, segundo os principais dicionários brasileiros já transmite a ideia de *muito, demais, em excesso*. A palavra *caralho* acrescida do sufixo *-al*, que também indica grande quantidade, torna desnecessária a utilização da preposição *para* sem, no entanto, retirar o valor semântico da expressão.

O sufixo *-ento* também está presente na obra, na passagem abaixo:

Em vez de ficar esperando que eles aparecessem, cismeí de ir procurar os dois filhos das putas mais perebentas, nojentas, morféticas e «gonorrentas» que já existiram naquela bosta de cais do porto. E fui (MARCOS, 1999, p. 77).

Esse sufixo forma adjetivos, denotando uma característica de cheio de, ou abundante em algo. É possível perceber, também, muitas vezes, uma carga pejorativa, carregada de certo desprezo ou nojo, na nova palavra formada. Assim, *gonorrenta* é a mulher que não só tem gonorreia, mas em quem a doença manifesta-se de forma intensa.

Embora seja um caso de derivação sufixal, *negritinho* é uma formação inusitada e não configura propriamente um neologismo, mas foi incluído no trabalho pelas possibilidades de ser explorado pedagogicamente:

Eu sentia minhas pernas tremerem. Sentia vontade de dar uma vassourada no «negritinho» nojento. Mas me aguentava (MARCOS, 1999, p. 32-33).

É possível observar que há uma dupla sufixação, pois o sufixo *-ito* já denota diminutivo. Além dele, temos ainda *-inho*, outro sufixo que também transmite a mesma ideia. A palavra *negro* sofreu duas sufixações para revelar o desprezo que o protagonista da obra tem pelo outro adolescente.

Há, também, derivações criadoras de verbos da primeira conjugação. O primeiro de um adjetivo, *bacana*, os dois seguintes de substantivos, *bunda* e *arrebite*:

Ele mesmo falava e ele mesmo achava graça. Riu paca. Tirou um maço de notas e jogou em cima da mesa de sinuca, se «bacaneando» (MARCOS, 1999, p. 50).

Claro que ele ia com a cupinchada dele. Sozinho não era ninguém. Até «bundava». Mas enturmado com os ratos e com pó nas ventas, era broca (MARCOS, 1999, p. 61).

Só tramava apagar os dois ratos. O Nelsão e o Sarará. Primeiro o Sarará, ou primeiro o Nelsão. Eu não sabia. Queria ver o Nelsão, metido a dar coice nos outros, se cagando de medo vendo o Sarará embucetado no chão com uma bala nos cornos. Mas também queria ver o Sarará cair da panca vendo eu «arrebitear» o Nelsão e chorando pra eu não acabar com ele (MARCOS, 1999, p. 77).

Bacanear-se diz respeito ao ato de um indivíduo se gabar e enaltecer suas qualidades, sejam elas dignas de glória ou não. Bundar significa acovardar-se, sugerindo que quem assim procede é um indivíduo fraco, bunda-mole. Arrebitar significa atirar e deriva de arrebite, neologismo semântico, como será visto mais adiante, de bala, munição para revólveres. Todos neologismos pertencentes aos discursos dos grupos aos quais Querô está ligado diretamente. O uso de verbos como esses é necessário para atingir a expressividade pretendida por Plínio Marcos em sua obra.

4.1.3 Derivações parassintéticas

O primeiro neologismo formado por derivação parassintética presente na obra é *embucetado*:

Só tramava apagar os dois ratos. O Nelsão e o Sarará. Primeiro o Sarará, ou primeiro o Nelsão. Eu não sabia. Queria ver o Nelsão, metido a dar coice nos outros, se cagando de medo vendo o Sarará «embocetado» no chão com uma bala nos cornos. Mas também queria ver o Sarará cair da panca vendo eu arrebitar o Nelsão e chorando pra eu não acabar com ele (MARCOS, 1999, p. 77).

Embucetado vem da base *boceta*, que significa vulva, ou de forma mais genérica, o órgão sexual feminino. O prefixo *en-*, dentre outros significados, quer dizer transformação, passar de um estado a outro. O sufixo *-ado* dá uma ideia geral de conexão, relação. Pelo contexto, podemos verificar que o significado da nova palavra é estar arruinado, em situação ruim ou desesperadora. Querô cresceu em um prostíbulo, daí a motivação para o uso corriqueiro de um derivado como este.

A outra derivação dessa natureza que encontramos foi *entrutado*. Vejamos o contexto em que aparece:

Acho que a Gina não vem mais. Será que os homens pegaram ela? Ela vai acabar «entrutada» por minha causa. Ela devia se mandar (MARCOS, 1999, p. 91).

Da mesma forma que a palavra anterior, estão presentes o prefixo *en-* e o sufixo *-ado* com as mesmas cargas semânticas. A base, nesse caso, é o substantivo *truta*, que segundo o dicionário Houaiss (2001) significa, dentre outras coisas, companheiro de crime ou colega de cadeia. Note-se que a Gina, mencionada por Querô, é uma pessoa de bem, não envolvida com crimes, que tentava ajudá-lo a se manter reto, sem cometer delitos. Nesse caso, mesmo sem ser culpada, ela poderia acabar sendo acusada de envolvimento com o crime de Querô, só por tentar ajudá-lo.

4.2 COMPOSIÇÕES

A composição é um dos processos mais produtivos na formação de palavras do português brasileiro. Segundo Camara Junior (1997, p. 92), a composição é a “formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova”. É conceituada por Bechara (2006, p. 351) como sendo “a junção de dois elementos identificáveis pelo falante em uma unidade nova de significado único e constante”. Palavras como *boquiaberto* (*boqu* [i] + *aberto*), *papel-moeda* (*papel* + *moeda*) e *planalto* (*plan* [o] + *alto*). Alves (2004) lembra que essa junção pode se dar entre bases autônomas ou não e que essa nova formação funciona como um único elemento, seja morfológica ou semanticamente. Além disso, apresenta um caráter sintático, que pode ser subordinativo ou coordenativo.

A composição subordinativa pressupõe uma relação de determinante/determinado ou vice-versa. Em *enredo-denúncia*, *operação desmonte* e *político-galã*, temos três formações em que o primeiro elemento é determinado pelo segundo. Já *lava-louça*, *média-metragem* e *boca-de-urna* são exemplos de compostos que seguem a fórmula determinante/determinado. A composição coordenativa ocorre entre bases que possuem a mesma distribuição. É o caso de *sueco-argentino*, *outono-inverno* e *ídolo-fã*, todos mencionados por Alves (2004, p. 44-45).

Há, ainda, a composição sintagmática que, nas palavras de Alves (2004, p. 50), ocorre “quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se em uma íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”. Pode haver, ou não, a presença de preposição. Nesse caso, a ordem é fixa – o que nem sempre ocorre nas formações anteriores, como já visto – sempre uma base determinante é precedida de uma determinada e os elementos da formação conservam os aspectos de sua classe gramatical de origem, inclusive as regras próprias de flexão.

Como se encontra, geralmente, em processo de lexicalização, as palavras desse tipo de composto não costumam vir grafadas com hífen. Segundo Alves (2004), o composto está se lexicalizando quando não admitir a entrada de outro elemento na cadeia sem alterar a semântica da mesma. Outra importante característica é a frequência com que o composto estiver ocorrendo com “a mesma apresentação formal e um significado constante” (ALVES, 2004, p. 51). Compostos como *produção independente*, *cesta básica* e *condomínio fechado* enquadram-se nesse tipo de formação.

Os neologismos formados por composição existentes na obra, ainda em menor quantidade do que os formados por derivação, dividiram-se em compostos sintagmáticos e subordinativos (GRAF. 4).

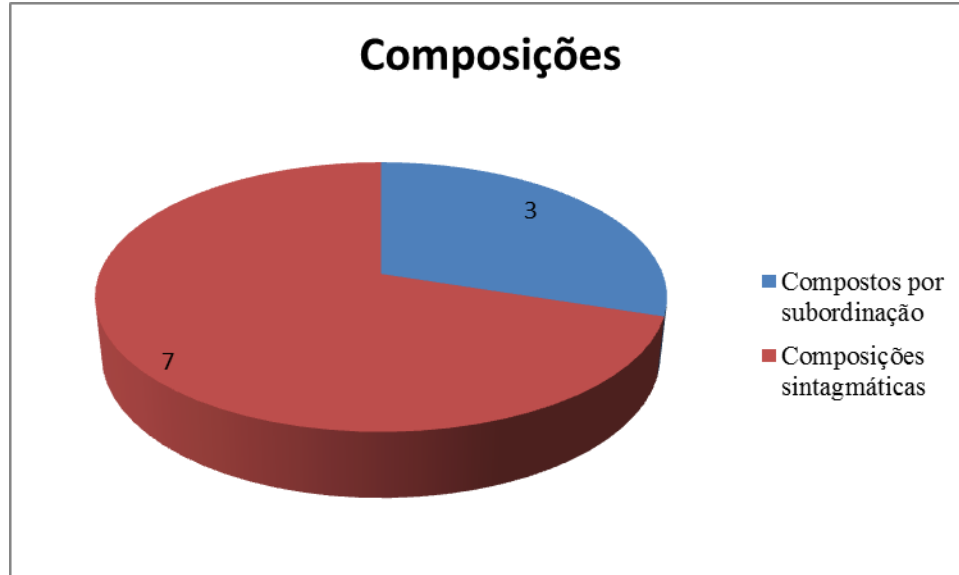


GRÁFICO 4 – Quantidade de compostos encontrados, de acordo com a tipologia dos mesmos.

4.2.1 Compostos por subordinação

A formação *papa-cu* é composta por um verbo seguido de substantivo. Segundo Alves, 2004, neste tipo de formação, em que o primeiro elemento (*papa*) é constituído por uma base verbal, o segundo elemento (*cu*) funciona, sintaticamente, como objeto direto, subordinando-se ao primeiro componente da formação. *Papa-cu* é o indivíduo ativo na relação homossexual entre homens, como podemos ver pelo contexto a seguir:

O porra do gringo, fardado, não levava jeito de veado. Ficava durinho como um boneco. Mas ele não sabia falar língua de gente, e os tiras gozaram a fuça do trouxa. – Veado, hein? – Quem é teu fanchona no navio? – Tu gosta de dar o botão, é, comandante? – O «papa-cu» te tomou o relógio? (MARCOS, 1999, p. 20).

A composição *ponta-firme* aparece em dois momentos distintos da obra:

E esse Tainha, com toda essa embaixada, foi por mim. Me botava em todas as boas jogadas. Me ensinava os trambiques, me punha por dentro dos macetes. Adiantava o meu lado. Eu botava fé nele, que era pedra noventa. Na sua cola, eu comia e arrumava lugar quente pra dormir. O Tainha era «ponta-firme». O irmão que eu nunca tive (MARCOS, 1999, p. 11)

Eu estava cabreiro com o papo do tal Zulu. E tinha medo que chegasse a noite, que eu sabia que ia ser maior que o dia. Já tinha escutado contar no cais do porto lances de nego

«ponta-firme» que, colocado na surda, não dormia, perdia a fome e saía de lá xarope, louquinho e nunca mais se aprumava (MARCOS, 1999, p. 32).

Essa composição subordinativa, determinado (substantivo) seguido de determinante (adjetivo), parece funcionar como uma palavra-ônibus, conforme definem os dicionários Aurélio (2010) e o Houaiss (2001) em outros casos, como *troço*, *legal*, *bacana*. No primeiro excerto, podemos pensar em significados como amigo, camarada. Já no segundo, o significado parece nos remeter a algo como determinado, corajoso, dentre outros. De qualquer forma, o significado parece sempre atrelado a algo positivo, que sugere aspectos dignos de admiração.

Outra criação formada por substantivo seguido de adjetivo, em uma relação determinado/determinante, podemos ver na passagem a seguir:

Eu não tinha medo. Medo eu não tinha. Tinha nojo e raiva. Uma raiva fodida que me fazia cagar na comida de porco que os tiras me empurravam pelo «buraco-vigia» (MARCOS, 1999, p. 22).

O *buraco-vigia* é a abertura na porta das celas-surdas, solitárias, presentes em cadeias e reformatórios. Através dela, os carcereiros passam alimentos e checam a saúde dos prisioneiros durante a estada destes. Ao brigar no reformatório, logo em sua chegada ao centro de menores, Querô é colocado em uma dessas celas como reprimenda.

4.2.2 Composições sintagmáticas

Há, também, formações sintagmáticas presentes na obra, como foi mostrado no GRÁFICO 3. Os cinco primeiros exemplos possuem a preposição *de* em sua formação e são compostos por dois substantivos. *Juiz de menores* é uma dessas formações:

Já naquele tempo tinha mais medo de polícia do que de alma penada. «Juiz de Menores» e polícia é tudo a mesma coisa. Uma raça só. Sabia disso por escutar os cafeolos das minas da casa contarem seus enguiços com os tiras (MARCOS, 1999, p. 8).

Juiz de menores designa o oficial, profissional público, responsável por julgar questões relativas a menores em determinadas situações irregulares. Alterar qualquer um dos constituintes dessa composição gera uma nova palavra que designa uma entidade diferente (juiz do Supremo) ou uma formação não aceitável (juiz de maiores ou procurador de menores, por exemplo).

Da mesma forma e seguindo o mesmo raciocínio, a composição *recolhimento de menores* faz menção ao local específico para recuperação de menores infratores:

Eu xinguei o crioulinho filho da puta, ele me xingou e se afastou. Só lamentei não ter revólver. Depois, fiquei tramando um jeito de fugir do «Recolhimento de Menores» (MARCOS, 1999, p. 31).

Outra formação dessa natureza é *caixa de catarro*:

Nem sei como a desgraçada conseguiu berrar, com toda força da sua «caixa de catarro»: – Socorro! Socorro! Meu filho quis me matar! Meu próprio filho! Meu próprio filho! (MARCOS, 1999, p. 9).

Para Querô, Violeta é uma criatura desprezível e nojenta. Para ele, a boca dela mais se assemelha a uma caixa de catarro, pois as palavras que saem, para ele, mais se assemelham à secreção das membranas mucosas, causando nojo e asco no protagonista do romance.

O neologismo *carro de presos* refere-se a um referente específico no mundo, mais popularmente conhecido como camburão, veículo destinado ao transporte de pessoas presas:

Eu não disse nada. Mas, na hora em que ele me empurrou pro «carro de presos» que ia levar eu e mais uns pivetes pro juiz, dei uma escarrada na cara daquele veado de carcereiro. Ele só pôde xingar. Era tarde pra me bater (MARCOS, 1999, p. 23)

E *casa de mulher* é mais conhecido como prostíbulo, puteiro:

– Olha aqui, Naná, teu negócio é servir mesa. Se tem que atender o rapaz, vá logo lá no quarto, antes que eu me invoque. E antes de ir, fala com uma das meninas pra ficar no teu lugar servindo freguês até tu voltar. Quero é saber de vender cerveja. Se tem freguês veado, quero que os dois se danem. Aqui é «casa de mulher» (MARCOS, 1999, p. 41-42).

Ligado ao vocabulário religioso, temos a palavra neológica *preto velho*:

A minha sorte é que, no lugar onde eu estava morando, tinha uma negrona, uma tal de Gina de Obá, que era chegada à macumba e que me levou ao terreiro do pai-de-santo dela, um tal de Bilu de Angola, homem legal, alegre, festeiro e que vivia com seu barracão sempre cheio, lá nos confins do Macuco. Comecei a entrar nessa. Me dei bem ali. O homem me defumava, os santos e os «pretos velhos» me falavam (MARCOS, 1999, p. 47-48).

Nessa formação, temos um substantivo seguido de um adjetivo e a preposição já não aparece. O preto velho é uma entidade espiritual cultuada em religiões afro-brasileiras. É um espírito que incorpora em médiuns, pessoas com poderes para comunicação com os espíritos, falando e, muitas vezes, dando conselhos.

No caso de *pedra noventa*, temos um substantivo seguido por um numeral. Há duas ocorrências no texto:

E esse Tainha, com toda essa embaixada, foi por mim. Me botava em todas as boas jogadas. Me ensinava os trambiques, me punha por dentro dos macetes. Adiantava o meu lado. Eu botava fé nele, que era «pedra noventa». Na sua cola, eu comia e arrumava lugar quente pra dormir. O Tainha era ponta-firme (MARCOS, 1999, p. 11).

Tenho nojo de cagueta. Sou sujo com cagueta. Me enrabaram, me forderam a alma, mas eu sempre aguentei. Sempre fui a «pedra noventa». Nem quando era cagataço. Nunca (MARCOS, 1999, p. 63).

Pedra noventa³ era um termo utilizado com frequência por boêmios e malandros algumas décadas atrás, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ela, a pedra noventa, era a última pedra do bingo, a mais esperada. Por isso, o companheiro fiel e de todas as horas, bem como as pessoas admiráveis, levavam esse apelido. É possível captar, pelo contexto, que Querô refere-se a esse tipo de pessoa quando qualifica o Tainha e a si próprio.

4.3 REDUPLICAÇÃO

A reduplicação é formada através da repetição, uma ou mais vezes, de uma base, sendo um processo pouco produtivo no português contemporâneo. Alves (2004) cita como exemplo a palavra *trança-trança*, que significa um deslocamento excessivo.

Esse processo de pouca produtividade no português brasileiro contemporâneo, conforme atesta Alves, em sua obra *Neologismo: criação lexical* (2004), também se revelou de pouca produtividade na obra analisada. Encontramos apenas uma ocorrência desse tipo de neologismo:

Eu fui azedando: – Porra, a comida aqui deve fazer mal pra cuca. Tá todo mundo como hiena. Comem resto, fodem uma vez por ano e vivem rindo. Foi um «auê-auê». O tal de Cocada gargalhava e curtia: – aqui a gente fode o lombinho de todo otário novo que chega. Tu vai ver isso hoje à noite. agora, que Querô é um apelido do cacete, é. Quem te botou essa porra de apelido? (MARCOS, 1999, p. 27).

Todos os dicionários do *corpus* de exclusão já registram a formação *auê*, que significa confusão, agitação, tumulto. No caso do neologismo *auê-auê*, ao reduplicar a palavra já existente, o autor intensifica a agitação causada nos outros detentos da casa de menores pelas afirmativas de Querô ao responder às provocações referentes ao seu apelido incomum.

³ Informações retiradas de www.grupopedra90.com.br. Acesso em 20 de abr. de 2011.

4.4 TRUNCAÇÃO

Segundo Alves (2004, p. 68), “a formação de palavras pelo processo de truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada.” Os exemplos são *euro* de *européu*, *asia* de *asiático*, *coq* de *coquetel*, *niver* de *aniversário* e *su* de *sucesso*.

Vilela, Godoy e Silva, em estudo divulgado em 2006, apontam as principais características estruturais do truncamento:

(a) a conjugação de aspectos fonológicos e morfológicos na concepção de um novo vocábulo que apresenta marcas sociais importantes como a ‘intimidade’ ou ‘familiaridade’ no uso da palavra truncada e (b) o fato de os truncamentos serem atestados predominantemente no grupo de faixa etária mais jovem (VILELA; GODOY; SILVA, 2006, p. 168-169).

Além disso, as autoras ressaltam outros pontos importantes: (i) a palavra truncada pode manter uma vogal já existente na lexia de origem (*visu* de *visual*) ou acrescentar outra vogal, com a predominância de “-a” (*boteco* de *botequim*, *burga* de *burguês*); (ii) o corte pode ocorrer no limite esquerdo (*chaça* de *cachaça*), mas o mais usual é que ocorra no direito (*neura* de *neurose*); (iii) embora o mais comum sejam palavras dissilábicas (*china* de *chinês*), ocorrem truncamentos trissilábicos (*telefa* de *telefone*), sendo raros os monossilábicos, exceto para nomes próprios (*Lu* de *Luciana*).

O processo de truncação aparece algumas vezes na formação de neologismos na obra. Em todos os casos, exceto no de *japa*, é possível perceber que a carga semântica é praticamente a mesma da palavra de origem. Vejamos o primeiro caso em que *vagau* deriva de *vagabundo*:

Aí a gente fazia o que podia. Ajudava a descarregar barco de pesca, roubava café da sacaria do caminhão, levava recado de puta, comia bundão de marujo veado, afanava qualquer bagulho que estivesse no bom jeito, engraxava sapato, campaneava boca-de-fumo e de jogo de ronda pros «vagaus» da pesada (MARCOS, 1999, p. 11).

Na próxima ocorrência, *japa* deriva de *japonês* e revela uma pequena carga semântica de menosprezo ao referente, não por parte de Querô, mas por parte dos policiais que interrogam o oriental:

Estava na cara que os caras podiam aceitar um papo. Mesmo o Tainha me entregando, eu podia me livrar. Eu não era conhecido da polícia. A dedada do Tainha podia ser sacanagem. Mas o filho da puta do japonês não me ajudou. – Esse pivete trabalha contigo, «japa»? – os homens perguntaram (MARCOS, 1999, p. 18).

Apontamento transforma-se em *aponto* nas palavras de Querô:

O domingo passou e eu não fui no «aponto» com os dois ratos nojentos, lá no Nau de Ouro. Eu estava sabendo que eles tinham ido (MARCOS, 1999, p. 64).

4.5 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A fraseologia, conforme Barbosa (2006), é um ramo da lexicologia que estuda as unidades lexicais compostas por duas ou mais palavras ou de sintagmas e segmentos frasais, com diversos graus de lexicalização, isto é, com diferentes tipos e graus de integração semântica e sintática de seus constituintes. Dessa forma, podemos pensar em lexias complexas, isto é, um agrupamento de palavras que gera uma combinação fixa com sentido único. São chamadas de unidades fraseológicas ou fraseologismos. Dentre essas unidades fraseológicas, temos as locuções, as combinatórias usuais e as perífrases verbais de sentido denotativo; os ditados e provérbios e, por último, as expressões idiomáticas.

Xatara (1998a) ressalta a grande importância que as expressões idiomáticas têm no ensino da língua para seus aprendizes:

É fundamental que a fraseologia esteja presente nas salas de aula e com ela o ensino das EIs, que são parte da sabedoria popular, expressam sentimentos, emoções, sutilezas de pensamentos dos falantes nativos, e serão de grande uso para os aprendizes (XATARA, 1998a, p. 15).

Os idiomatismos, outro nome das expressões idiomáticas, nos interessam neste estudo, por destacarem-se pela frequência com que ocorrem na linguagem cotidiana e pelo fato de, apesar de serem lexias complexas, comportarem-se como unidades lexicais, além disso, ocorrem em grande número na obra analisada, como se verá mais adiante. Segundo Xatara (1998b, p. 170), “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada pela tradição cultural”.

São indecomponíveis em virtude do fato de serem combinatórias fechadas, com distribuição única ou bastante restrita, não sendo permitidas substituições de seus termos ou mesmo a intercalação de outros na lexia complexa. Possuem um grau de conotação que pode variar, mas nunca seu significado é literal, sempre havendo, pelo menos, um nível de abstração de seu significado. Conforme Xatara (1998c),

trata-se de um tipo de paráfrase sobretudo metafórica, atualizada em unidades comutáveis com frases inteiras (*Nesse mato tem coelho* ⇔ *há algo que não está claro nesse assunto*), ou com sintagmas verbais (*estar com os bolsos cheios* ⇔ *ter muito*

dinheiro) ou com lexias simples (*rodar a bolsinha* ⇔ *prostituir-se*) (XATARA, 1998c, p. 150).

Além disso, são cristalizadas, pois foram lexicalizadas pela comunidade linguística, tornando seu significado estável, podendo, dessa forma ser transmitido a outras pessoas e ser sempre decodificado por seus usuários.

Como já pôde ser visto anteriormente, as expressões idiomáticas neológicas são um dos neologismos mais recorrentes na obra. Seu valor conotativo e sua larga utilização pelos falantes, na comunicação diária, transforma-as em importantes objetos de estudos e análises em sala de aula. Lembremos que as expressões idiomáticas que nos interessam neste trabalho são as neológicas e que, por isso, muitas outras serão deixadas de lado por não se enquadrarem nesse quesito. Isso, porém, não impede o professor de trabalhar com as não neológicas em sala quando tiver a oportunidade.

Devido às suas características conotativas e de uso consagrado pela sociedade, a análise das expressões torna-se uma atividade complicada e especulativa, já que não temos os motivos reais que as levaram a serem formadas. Devido a isso, optamos por relacioná-las em um quadro (QUADRO 1):

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

			(Continua)
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Nascer cagado de arara	“Ou a gente nasce de bunda virada pra Lua, ou «nasce cagado de arara». Não tem por onde. Assim é que é. Uns têm tudo logo de saída. Os outros só se estrepam.”	Ter azar na vida, ser azarado	p. 3
Com urubu pousado	“Eu vim na pior. «Com urubu pousado» na minha sorte. Me entralhei de saída.”	Revés, urucubaca	p. 3
Dar um nó	“Não entendi até hoje, e não vou entender nunca, por que a piranha da minha mãe não «deu um nó» nas trompas. Ou por que não me soltou num purgante desses de fazer cagar até as tripas.”	Fazer laqueadura, ligadura de trompas	p. 3

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

(Continua)			
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Largar-se desta para melhor	“Mulher doida, teve que bancar. Me botou no mundo, na bosta do mundo. Botou, se picou de desespero e <i>se</i> «largou desta pra melhor».”	Morrer, falecer (variante de outra mais conhecida: <i>passar desta pra melhor</i>)	p. 3
Até na alma	“Quem me contou esse lance foi a Ju. Ela era colega da minha mãe no puteiro da Violeta, uma cafetina gorda, remelenta, porca, que tinha gonorreia «até na alma».”	Demais, exageradamente	p. 3-4
De entortar patuá	“Foi um perereco de «entortar patuá». Um salseiro cavernoso, a minha chegada.”	Muito confuso, caótico	p. 4
Até transbordar pelas orelhas	“Pra comemorar a liberdade, minha mãe me embrulhou num xale, me largou na porta do puleiro da velha porca e se abilolou de vez. Meteu cachaça na caveira «até transbordar pelas orelhas», ou até acabar a grana. Sei lá. O que sei é que, quando estava bem chapada de pinga, bebeu querosene. Foi pras picas.”	Demais, exageradamente	p. 4
Ir pras picas	“Pra comemorar a liberdade, minha mãe me embrulhou num xale, me largou na porta do puleiro da velha porca e se abilolou de vez. Meteu cachaça na caveira até transbordar pelas orelhas, ou até acabar a grana. Sei lá. O que sei é que, quando estava bem chapada de pinga, bebeu querosene. «Foi pras picas».”	Morrer, falecer	p.4
Até os pelos do cu baterem palma	“Eu só fazia apanhar. Era um otário. Pixote de merda. E a Violeta se esportava. Gozava «até os pêlos do cu baterem palma». Mas não perdia o embalo. Me azucinava”	Demais, exageradamente	p. 6-7

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

			(Continua)
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Arrastar um vagão de cascalho	“Tenho um coração enorme. Sempre me dano em ajudar os outros. Desde menina sou assim. Os maiores coronéis «arrastavam um vagão de cascalho» por mim. Eu faturava quanto queria. Mas sempre fui boba. Minha família, gente que se fingia de amiga, sabia do meu coração e me explorava.”	Depreender um esforço muito grande para se conseguir algo	p. 7
Virar a mão	“Já não suportava a cafetina fedorenta, que cada vez ficava mais nojenta. Tinha «virado a mão» nesse tempo. Ficou greluda e vivia roçando com as mulheres mais novas. Pagava elas como os machos.”	Ter preferência por pessoas do mesmo sexo, tornar-se homossexual	p.8
Estar no bom jeito	“Aí a gente fazia o que podia. Ajudava a descarregar barco de pesca, roubava café da sacaria do caminhão, levava recado de puta, comia bundão de marujo veado, afanava qualquer bagulho que «estivesse no bom jeito», engraxava sapato, campaneava boca-de-fumo e de jogo de ronda pros vagaus da pesada.”	Estar à vista e de fácil acesso	p. 11
Ser pra frente	“O Tainha «era pra frente». Bem mais velho que eu. Forte, não enjeitava parada. Encarava qualquer um. Já tinha umas mulherzinhas se virando pra ele e entre os pivetes era quem dava as ordens. Ele já estava quase deixando de ser menor.”	Desembaraçado, despachado	p. 11
Azedar o caldo	“Fiquei na minha. E o Tainha deu a decisão: - Tu, Querô, vai lá e canta o perobo. «Azedei o caldo»: - Por que eu?”	Discordar, divergir	p. 12

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

			(Continua)
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Ser o pinto rico	“Paspalho como era, o Bolacha Preta, que não ia muito com a minha fuça (nem eu com a dele), se encrespou: - Vai tu mesmo. Tu «é o pinto rico». Vive de lombão de bicha de zona. Encardi com o negrão. Ele era grande mas não era dois.”	Não querer fazer esforço, querer somente facilidades	p. 12
Ter pra troca	“Naturalmente, se o Tainha não se intromete, eu ia «ter pra troca» com o Bolacha Preta. Mas o Tainha cortou o quás-quás-quás: – Vai lá, Querô. Pega o veado pra nós. Leva o putto ali pra trás das caixas. Quando tu tiver ferrando ele, eu mais o Bolacha entramos na fita e apatolamos o desgraçado.”	Brigar, lutar	p. 12-13
Estar com fogo no rabo	“– Vai, Querô. Tu mostra pro negrão que tu é um pivete bom. Vai firme que esse é bóia. O veado «tá com fogo no rabo». Não tive mais jeito de reclamar. Tive que ir atracar no boi de bico”	Estar com apetite sexual elevado (no caso de sexo anal), com tesão	p. 13
Passar a vara	Burrão, o gringo não entendia nada. Mas devia estar com um puta tesão na argola. E ia entrando na minha. Eu apontei as caixas e dei uma chinchada pra ele ver que eu ia «passar a vara» nele	Manter relações sexuais, transar	p. 13
Correr para dentro	A gente foi tomando os badulaques dele e ele não estrilou. Tudo por medo da faca do Tainha. Se vendo na frente de revólver, eles, às vezes, «correm pra dentro». De faca, tremem. Se afinam só com o brilho	Enfrentar a situação, resolver o problema	p. 14

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

			(Continua)
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Amarrar o burro na sombra	Sem dar tempo pro crioulo chiar, o Tainha acabou com a zorra: – Que nada! A bufunfa é grande e chega pros três «amarrarem o burro na sombra» por uns dias. Não quero caso. E se alguém quiser fazer onda, é comigo mesmo.	Sossegar, descansar	p. 15-16
Dar o rabo	Lá em Santos atracava muito navio e os taifeiros quase sempre eram veados escrotos. Teve até um de um navio chamado Macau que deu o maior vexame. «Deu o rabo» pra um cachorrão e ficou entalado. Saiu de maca do navio. O cais do porto inteiro viu o lance. Foi broca	Praticar sexo anal	p. 16
Estar no devo	Meteram o bedelho na zona e em toda parte. Muito nego que «estava no devo» entrou em cana sem ter nada que ver com a nossa treta	Ser culpado de algum delito	p. 17
Bunda mole	Mas a besta do Bolacha Preta era um papagaio enfeitado. Pegou a grana dele e saiu dando bandeira. Ele, que sempre foi um «bunda mole» de almoçar sortido no China, começou a se tratar no bem-bom. Deu na vista	Pessoa sem expressão, comum	p. 17
Estar na maré mansa	Todo mundo sabia que o Tainha, quando «estava na maré mansa», gostava de dançar no Brasil Moreno, uma gafeira que tinha nos lados do Mercado. Foi lá mesmo que pegaram ele	Estar sem preocupações e problemas	p. 17
Sujar a cara	Com o relógio do gringo no pulso, não teve como negar. Aí, ele, pra livrar a sua cara, «sujou a minha».	Incriminar, culpar	p. 17

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

(Continua)			
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Tostão furado	E com isso, eu ia ser a zorra mais sentida da vida de tudo quanto é filho da puta. Ia cobrar até o último «tostão furado» que negaram pra minha mãe.	Pequena quantia monetária	p. 30
Fazer cu doce	Eu queria sair dali. E falava baixinho: – Vamos lá pro teu quarto. Mas a bicha estava na dela e «fazia cu doce»: – Fazer o que no meu quarto? Você sempre me desprezou.	Protelar uma situação mesmo querendo fazer parte dela	p. 41
Segurar o apito	Bem que eu queria cair fora. Mas pra onde eu ia? Tive que maneirar: – «Segura o apito», Naná. Só disse isso, mas ele ficou todo cheio de frescura de novo.	Ter calma, paciência	p. 43
Sair no mijo	A bichona Naná eu via passar pelo cais do porto e ela também me via. Nunca disse nada. Era sinal que não deu parte de mim e que tudo «saiu no mijo». E sem me meter em salseiro, fiquei quase dois anos.	Ser esquecido, deixar passar uma emoção sem maiores consequências	p. 48
Ser a lepra encarnada	Contam que tinha um rato que fazia apontamento com os negos e que era o mais fodido de todos. Um tal de Toco de Vela. Esse era mau pra caralho. Eu escutei contarem o que esse filho da puta aprontava. Que Deus o tenha, morrendo de câncer no cu em algum cantão fedorento do seu roçado. Esse filho da puta foi o que teve de pior. «Era a lepra encarnada».	Ser muito mal, cruel	p. 61
Ser a mãe do sarampo	Metia bala pra caralho na fuça do desgraçado. Todos que estavam com ele atiravam. Aí, o sacana recolhia os tocos de vela e guardava no bolso seboso, pra servir pra outro. Filho de uma puta! «Era a própria mãe do sarampo».	Ser muito mal, cruel	p. 62

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

			(Continua)
Expressão idiomática	Contexto	Significado	Ocorrência
Isca de siri	Querô, escuta o que te digo. Um milhão amanhã à noite, no Nau de Ouro, ou tu vai ser «isca de siri». Tá?	Defunto, cadáver	p. 66
Cozinhar em água morna	Eu deixava o crioulinho cartear à vontade. Só queria «cozinhar ele em água morna» pra ver como ficava. Ele já não tinha bronca de mim. Estava acreditando mesmo que eu achava ele o máximo da malandragem.	Incitar com o intuito de aguardar um momento propício	p. 72
Ser o fim da linha	Coberto com um trinta e oito, apanha, perde a arma e é esculachado. «É o fim da linha». Ele sabia disso tudo. E estava apavorado.	Momento em que não há mais esperanças; sem escapatória	p. 74
Ser a hora da verdade	A arma que eu sempre quis já era minha. Muito minha. Mas, pra ser minha mesmo, eu precisava desgraçar o crioulo. Desgraça pouca é besteira. Aquela ali «era a hora da verdade». Eu, que sempre acreditei que de arma na mão ia fazer muita miséria, estava vacilando.	Momento crucial no qual uma importante decisão deve ser tomada ou uma ação executada	p. 75
Tirar o cabaço	– Tu já atirou com essa merda? – Não. É novinha. – Então vou «tirar o cabaço». E mandei ver. Dei no gatilho.	Inaugurar, usar pela primeira vez	p. 75
Dar no gatilho	– Tu já atirou com essa merda? – Não. É novinha. – Então vou tirar o cabaço. E mandei ver. «Dei no gatilho».	Atirar, disparar	p. 75

QUADRO 1

Expressões idiomáticas neológicas presentes em *Querô – uma reportagem maldita*

Expressão idiomática	Contexto	Significado	(Conclusão) Ocorrência
Entrar na fita	Comprei uma caixa de arrebitos pro trinta e oitão. O Guegué Maresia até estranhou. Veio com história: – Pra que tu quer tanta bala? Vai ter foguetório? Sequei ele loguinho: – Não. Quero essas balas pra comer cu de curioso a tiro. Só que teu rabo não «entra na fita». Dá pra cá os arrebitos e vai meter o bedelho na vida da puta que te pariu.	Fazer parte da situação	p. 78
Mandar falar com Deus	Antes, avisei pra ele que, se me dedasse, eu voltava e «mandava ele falar com Deus». Sabia que ele ia me caguetar assim mesmo.	Matar, assassinar	p. 79
Ser comida de urubu	Se os tiras não me acharem, vou «ser comida de urubu» aqui neste fim de mundo.	Morrer, falecer	p. 86
Cu de mundo	“– Como o tempo custa a passar nesse «cu de mundo».” “Até na cadeia o tempo passa mais rápido do que nesse «cu de mundo».”	Lugar ermo, distante, inacessível	p. 90 p.91

4.6 NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS

Como já foi dito, a língua vale-se, principalmente, da reutilização de palavras já existentes para a criação de novas unidades. Da mesma forma que acontece com as derivações e composições já exploradas, acontece também com os neologismos semânticos. Segundo Alves, o neologismo semântico é um processo formativo de palavras que ocorre sem que aconteça “nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes” (ALVES, 2004, p. 62), além disso, qualquer mudança na carga semântica acarreta a criação de um novo item lexical.

Segundo a autora, “por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais” (ALVES, 2004, p. 62). *Baixinho* para criança e não para pessoas de baixa estatura, criado pela apresentadora Xuxa Meneghel, *trio elétrico* para fazer referência à tríade de

equipamentos automotivos atualmente presente nos carros e não aos caminhões de som presentes, principalmente, nos festejos de carnaval e *garimpagem* enquanto pesquisa e não o ato de garimpar são todas formações dessa natureza.

As palavras formadas por esse processo estão dicionarizadas, porém suas acepções são diferentes daquelas contempladas pelo dicionário. Ressalte-se que, como diz Carvalho (*apud* FREITAS, 1998, p. 4), é mais fácil para o sistema linguístico formar novas palavras através da mudança de sentido de uma palavra já existente do que construir novo item lexical. Leonel (1997, p. 82) nos lembra de que a ocorrência de uma palavra monossêmica é rara, pois o próprio signo linguístico tem a função de “fazer face à multiplicidade de significações”.

Leonel, lembrando Guilbert (*apud* LEONEL, 1997, p.81), presume que ocorre uma nova junção entre um significado e um significante específicos, formando um novo produto que está fortemente ligado ao seu contexto linguístico de surgimento. Assim, a utilização de uma mesma palavra, com um novo significado passa a depender fortemente do contexto para a construção, por parte do receptor, de seu novo sentido.

Embora haja essa forte ligação com o contexto, os autores trazem ainda uma importante observação que ressalta a importância da palavra, mesmo quando ela está tão fortemente ligada ao contexto:

O mesmo autor [Guilbert] lembra que, para a análise estrutural, embora a estrutura de significação ultrapasse os *termos-objetos*, como a forma do conteúdo de significação depende de uma lexicalização situada no interior do universo significante, a palavra torna-se a unidade essencial da linguagem enquanto manifestação de significação. (LEONEL, 1997, p. 82)

Como já foram observados anteriormente, os principais processos formadores de neologismos semânticos são a metáfora, a metonímia, a transposição de um item terminológico – o termo técnico-científico – para outra esfera discursiva e, pelo mesmo processo, do item lexical pertencente à gíria. A seguir, procuraremos definir os quatro processos.

O *Dicionário do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco Borba (2004, p. 914), define *metáfora* como sendo o “recurso linguístico que consiste em transferir o sentido de uma palavra para outra, como resultado de uma associação por causa de algum tipo de semelhança”. Para Bechara (2006, p. 397), a metáfora é uma “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados.” O que podemos perceber pelas

definições é, principalmente, que há uma transferência de significado por algum tipo de semelhança entre as unidades envolvidas no processo.

A definição de *metonímia*, segundo o mesmo dicionário (BORBA, 2004, p. 916), é o “expediente semântico pelo qual uma noção passa a ser designada por outra que lhe é contígua, tornando-se, então, o continente pelo conteúdo [...]; a causa pelo efeito [...]; o autor pela obra [...] etc.” Bechara (2006, p. 397), por sua vez, define-a como sendo a “translação de significado pela proximidade de ideias: (1) causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido [...]. (2) o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar [...]; (3) o todo pela parte ou vice-versa [...]; (4) a matéria pelo objeto [...]”, dentre outros. No caso da metonímia, cumpre observar que alguma característica particular que envolve um determinado elemento passa a designar esse elemento, sendo que, como observa Bechara, o contrário também pode acontecer.

Segundo Krieger e Finatto em seu livro *Introdução à Terminologia – teoria e prática* (2004, p.13), o *termo técnico-científico* é “a unidade lexical típica de uma área científica, técnica ou tecnológica”. No mesmo dicionário já citado (BORBA, 2004, p. 1350), a décima acepção de *termo* é “expressão particular de uma arte ou ciência.” Cumpre-nos salientar que o ponto comum e importante das duas definições diz respeito ao fato de o termo ser restrito a uma determinada área de conhecimento. O termo, ao ser transposto para outra esfera de utilização, pode ganhar nova carga semântica.

Ainda tomando como ponto de referência o dicionário organizado por Borba, a definição que encontramos para *gíria* é que essa palavra pode referir-se tanto à “linguagem especial usada por certos grupos sociais”, quanto à “palavra ou expressão dessa linguagem.” Como o dicionário não nos dá a definição de forma direta do que é um item lexical do vocabulário gírio, podemos observar que ela nos é dada pela segunda acepção registrada. Segundo Souza (2009, p. 123), no artigo em que analisa a *gíria* dos homossexuais de Fortaleza, *gírias* são “linguagens especiais utilizadas, restritamente, por determinados grupos sociais”. Assim, da mesma forma que o termo técnico-científico, o item lexical do vocabulário gíriático, quando extrapola o grupo social que o utiliza, pode tornar-se um neologismo semântico.

Os neologismos semânticos são os mais ocorrentes na obra de Plínio Marcos, sob nossa análise. O processo metafórico de ressignificação de palavras já existentes é um recurso muito utilizado no romance, principalmente graças ao fato do protagonista estar inserido em um grupo social específico. Este grupo, por estar ligado a temas pertencentes a grandes campos semânticos

– principalmente sexo e violência – cria novas unidades léxicas tendo esses campos como base. Segundo Alves (2004), isso se deve, principalmente, por haver “uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica”. Acreditamos que boa parte dos neologismos semânticos encontrados seja integrante do vocabulário gírio do grupo social do qual Querô faz parte. No entanto, exatamente pelo fato desse tipo de vocabulário ser bastante hermético, utilizado somente por membros do grupo e dentro dele, não há como comprovar essa hipótese na grande maioria dos casos.

Alguns neologismos encontrados na obra permitiram uma análise mais detalhada, de maneira que seu significado foi encontrado de forma bem transparente. Outros, por sua vez, trazem uma acepção obscura, opaca, dificultando sua depreensão total. No entanto, o contexto sempre nos permitiu explorar possibilidades de significados nas análises, de forma a fomentar a competência lexical do leitor.

Vejamos como exemplo, a primeira ocorrência desse tipo de neologismo no romance:

Ou a gente nasce de bunda virada pra Lua, ou nasce cagado de arara. Não tem por onde. Assim é que é. Uns têm tudo logo «de saída». Os outros só se estrepam (MARCOS, 1999, p. 3).

É interessante observar que a composição *de saída* já está dicionarizada. Os dicionários registram-na como *inicialmente, primeiramente, para início de conversa, antes de mais nada, de cara*. Pelo contexto é possível verificar que essa composição significa ao nascer, no nascimento. Embora pareça que o significado seja o mesmo, há uma mudança sutil na carga semântica da palavra.

Quando Querô começa a narrar sua história para o repórter que o entrevista no livro, ele inicia contando como ocorre a ocasião que gerou a gravidez de sua mãe:

O filho da puta do meu pai encheu de porra a filha da puta da minha mãe e se arrancou, deixando a desgraçada no 'ora veja, tô «choca»'. Eu não cheguei a ver o jeito que tinha seu focinho (MARCOS, 1999, p. 3).

A palavra assinalada, *choca*, está registrada no dicionário Michaelis (1998), como sendo o “período do choco”, que por sua vez tem no dicionário o seguinte registro “diz-se da galinha que está encubando”. Para analisarmos a palavra em questão, cabe ainda a transcrição de uma das acepções para a palavra *galinha*: “mulher (e às vezes homem) que se entrega facilmente”. Essa acepção da palavra *galinha* já traz uma carga polissêmica adquirida através da metáfora, pois a galinha pode ser fecundada por mais de um galo.

O que observamos é o uso metafórico do item *choca* dada a semelhança entre o período de gravidez da mulher com o período de incubação da galinha. O ambiente no qual Querô foi criado é hostil e não faz concessões. Mesmo de sua parte, sua mãe é qualificada como galinha, piranha ou puta – termos chulos que designam as prostitutas. A força que esses adjetivos adquirem ao serem usados por ele traduz a violência que o rodeia.

O verbo *soltar* adquire nova carga semântica na passagem abaixo:

Não entendi até hoje, e não vou entender nunca, por que a piranha da minha mãe não deu um nó nas trompas. Ou por que não me «soltou» num purgante desses de fazer cagar até as tripas (MARCOS, 1999, p. 3).

Para Querô não há eufemismos. O verbo abortar nada mais é do que soltar aquilo que está dentro “das tripas” das mulheres. Há uma relação metafórica entre as duas ações.

A próxima ocorrência também é um verbo, *bancar*:

Mulher doida, teve que «bancar». Me botou no mundo, na bosta do mundo. Botou, se picou de desespero e se largou desta pra melhor (MARCOS, 1999, p. 3).

O dicionário Aurélio (2010) define esse verbo, dentre outras acepções, como *dar respaldo*, *sustentar*. É possível estabelecer a relação entre a acepção já existente e a nova, presente no romance. Naquele caso, a sustentação refere-se a opiniões e posições, neste, trata-se de apostar em algo para ver se dá certo.

Vejam os próximos neologismos, *chegada*:

Foi um perereco de entortar patuá. Um salseiro cavernoso, a minha «chegada» (MARCOS, 1999, p. 4).

O dicionário Michaelis (1998) registra *chegada* como sendo o *ato de chegar; termo do movimento de inda ou vinda; ocasião em que se chega*. Obviamente, no romance, a palavra está se referindo ao nascimento de Querô. Dessa forma, a nova acepção que relaciona nascimento a chegada é um neologismo semântico.

A formação *quás-quás-quás* já se encontra dicionarizada, mas, no exemplo a seguir, ela adquire novo significado:

Não teve mais «quás-quás-quás». Minha mãe e eu fomos pro olho da rua (MARCOS, 1999, p. 4).

O dicionário Houaiss (2001), único dos três que registra esse item lexical, define-o como *modo de apresentação, gestos, atitudes ou conversa que aparenta importância mas que, na*

realidade, é irrelevante. Pelo contexto, observamos que realmente se trata de conversa, lamúrias. Porém, há relevância no que é dito, afinal, trata-se do despejo de duas pessoas do lugar de onde moram. Assim, há acréscimo de informação e, conseqüentemente, uma nova palavra.

A caveira, símbolo constante de violência, também figura como neologismo na obra:

Pra comemorar a liberdade, minha mãe me embrulhou num xale, me largou na porta do puteiro da velha porca e se abilolou de vez. Meteu cachaça na «caveira» até transbordar pelas orelhas, ou até acabar a grana. Sei lá. O que sei é que, quando estava bem chapada de pinga, bebeu querosene. Foi pras picas (MARCOS, 1999, p. 4).

A expressão *encher a caveira*, segundo o dicionário Aurélio (2010), refere-se a *embriagar*. Além disso, para a entrada *caveira*, o mesmo dicionário ainda registra *uma pessoa qualquer; indivíduo, tipo*. No excerto anterior, podemos notar que a mãe de Querô “mete cachaça” em si própria, em seu estômago, fazendo com que haja mais uma acepção para esse item lexical.

O dicionário Houaiss (2001) é o único que registra *cacetão*, porém com acepção diferente da que ocorre a seguir:

Saiu do boteco e foi cair na porta da igreja do Valongo. Custou paca pra ir pro beleléu. Ficou um «cacetão» de tempo no chão se contorcendo como uma minhoca (MARCOS, 1999, p. 4).

Para o referido dicionário, essa lexia significa *cacete grande; pedaço de madeira cilíndrico e muito grande*. No trecho transposto, o substantivo foi usado como se fosse um advérbio, aproveitando as características de intensidade originadas pelo aumentativo da palavra *cacete*, com o significado de *muito, bastante*. Lembre-se ainda, corroborando com a atmosfera sexual do livro, que *cacete* também significa *pênis*.

Há uma extensão de sentido na palavra grifada no próximo segmento, *veado*:

Tinha um monte de gente vendo. Mas ninguém se doía. Ninguém chamou ambulância, nem porra nenhuma. Aqueles «veados» miseráveis eram todos surdos pra dor dos outros. Estavam a fim de ver a palhaçada e não iam se arredar dali (MARCOS, 1999, p. 4).

Os três dicionários registram *veado* como sendo o indivíduo *homossexual*. Como já sabemos, embora ainda não registrado pelos dicionários de língua consultados, essa palavra virou um xingamento sem um conteúdo especificamente relacionado a homossexualismo. E é nessa conotação que Querô a utiliza.

As palhaçadas, conhecidas cenas cômicas em circos ou teatros, definidas pelos dicionários como episódios cômicos, burlescos ou ridículos ganham, no romance, ares bem dramáticos:

Tinha um monte de gente vendo. Mas ninguém se doía. Ninguém chamou ambulância, nem porra nenhuma. Aqueles veados miseráveis eram todos surdos pra dor dos outros. Estavam a fim de ver a «palhaçada» e não iam se arredar dali (MARCOS, 1999, p. 4).

Assim como na acepção original, *palhaçada* designa uma cena, um momento particular no qual algo ocorre, porém, nesse caso, não há nada engraçado, pelo contrário, a situação chega a ser aterrorizadora. Mas, para aqueles que transitavam pelo local, provavelmente acostumados a cenas chocantes, o episódio não deixava de ser uma espécie de espetáculo.

O adjetivo *fodido* também carrega, no caso a seguir, uma nova acepção:

Todas tinham uma bronca «fodida» da cafetina. A dona do puteiro não dava moleza pra ninguém (MARCOS, 1999, p. 5).

Para o dicionário Aurélio (2010), *fodido* é que *se fodeu*, isto é, aquele que se encontra *em situação má ou desesperadora*. No trecho retirado do romance, o adjetivo qualifica o substantivo *bronca* tornando-o algo singular. O que se tem não é uma bronca comum, mas algo de maiores e piores proporções, assim como as situações desesperadoras na carga semântica da palavra.

No substantivo *alma*, do próximo excerto, percebemos que há uma mudança determinante nos traços semânticos do item lexical:

Penei na mão da cadela. Seu único tesão na vida era foder a «alma» dos outros. E nem de leve a tinhosa sentia dó de alguém (MARCOS, 1999, p. 5).

A *alma*, conforme a acepção mais usada eu aparece no dicionário Houaiss (2001), é o *princípio de vida no homem ou nos animais*. Na passagem anterior, ela ganha a característica de ser corpórea, podendo, inclusive, ser fodida. Nesse caso, confunde-se com a própria vida física das pessoas.

O mesmo ocorre com o neologismo abaixo, *pedaço*:

No meu caso, ela me catou por medo dos bochichos. Na boca do mulherio do «pedaço», ela é que tinha culpa de minha mãe beber querosene. E já estavam tramando enforcar a porca podre num poste se eu morresse também (MARCOS, 1999, p. 5).

No dicionário Michaelis (1998), *pedaço* significa *trecho*. Este, por sua vez, é o *espaço ou extensão de um lugar a outro*. No caso retirado da obra, anteriormente, o *pedaço* é o próprio local ou região, no caso, do puteiro onde a mãe de Querô morava e trabalhava.

Outra ocorrência é *cu*:

Começaram a derrubar a bosta da igreja e a bosta da santa não quis sair da bosta do altar. Foi um «cu» pra conferir. Meteram picareta e tudo o mais. Mas a bosta da santa não saiu do altar (MARCOS, 1999, p. 5-6).

O dicionário Houaiss (2001) traz a seguinte acepção para a palavra *cu*: “orifício na extremidade inferior do intestino grosso, por onde são expelidos os excrementos; ânus, ano.” No mesmo dicionário, encontramos para a entrada *merda*: “coisa considerada como desprezível, sem valor, porcaria.” Note-se que, nesse caso, a palavra precisa de todo o contexto para que o leitor capte seu sentido, já que há toda uma associação da palavra *cu* com a palavra *merda*, para designar o problema, ou a porcaria, que não se resolvia. Nesse neologismo, podemos observar um processo metonímico, do qual o “produtor” é tomado como o “produto”, pois poderíamos substituir a palavra *cu* pela palavra *merda*, de acordo com as acepções anotadas.

Algo semelhante ocorre com o verbo *esporrar*:

Eu só fazia apanhar. Era um otário. Pixote de merda. E a Violeta se «esporrava». Gozava até os pêlos do cu baterem palma. Mas não perdia o embalo. Me azucrinava (MARCOS, 1999, p. 6-7).

Esporrar, de acordo com os três dicionários consultados, significa ejacular, emitir esperma. Já o verbo *gozar*, significa ter prazer pessoal ou, ainda nesse campo semântico, zombar, debochar de alguém. Dessa forma, ligados pelo grande campo semântico sexual, as duas palavras se assemelham e passam a ser usadas, praticamente, como sinônimas.

O dicionário Michaelis (1998) registra a palavra *greluda*, presente na passagem a seguir:

Já não suportava a cafetina fedorenta, que cada vez ficava mais nojenta. Tinha virado a mão nesse tempo. Ficou «greluda» e vivia roçando com as mulheres mais novas. Pagava elas como os machos. Nesse dia do boletim, ela se engraçou com uma tal Odete, uma que tinha chegado do interior há pouco tempo. Mas essa Odete estranhou a velha tarada (MARCOS, 1999, p. 8).

O adjetivo *greluda* refere-se à mulher que tem grelo grande. O significado desse item lexical no contexto acima sugere uma nova carga semântica à palavra que vai bem além dessa característica fisiológica. Ter o grelo grande, nesse caso, significa que a mulher, além de obcecada por sexo, passa a ter desejos por pessoas do mesmo sexo, modificando sua opção sexual. Parece ter sido uma derivação sufixal do substantivo grelo que será visto no próximo trecho, porém mantém seu estatuto de neologismo semântico, já que o adjetivo encontra-se registrado conforme já mencionado.

O substantivo *grela*, na passagem a seguir, torna-se um adjetivo e adquire significado bem distinto do registrado em dicionário:

A velha «grela», zonga de raiva, pegou um pau e veio curtir seu azar no meu lombo. Se entortou. Arranquei o pau da mão dela e, sem vacilar, mandei uma tremenda porretada na testa da vaca (MARCOS, 1999, p. 9).

No dicionário Houaiss (2001), *grela* pode ser um instrumento para amaciar pentes de alisar ou um negócio que promete render muitos lucros. No entanto, seu significado vem do substantivo *grela*, que é o clitóris feminino. Nesse trecho, Plínio Marcos cria o adjetivo a partir do substantivo já existente para designar a mudança de opção sexual da cafetina Violeta.

O verbo *entortar* é usado para denominar a situação ruim na qual se encontra a cafetina Violeta:

A velha *grela*, zonga de raiva, pegou um pau e veio curtir seu azar no meu lombo. «Se entortou». Arranquei o pau da mão dela e, sem vacilar, mandei uma tremenda porretada na testa da vaca (MARCOS, 1999, p. 9).

O dicionário Houaiss (2001) traz, em sentido figurado, a definição para *entortar* como *causar transtorno, prejuízo a; embaraçar, enviesar, transtornar*. O que percebemos, na passagem anterior, é que a acepção significa levar a pior, não se dar bem. Logo, há uma mudança na carga semântica do item lexical, tornando-o neológico.

A metáfora está presente também na próxima ocorrência, *boceta*:

A velha *grela*, zonga de raiva, pegou um pau e veio curtir seu azar no meu lombo. Se entortou. Arranquei o pau da mão dela e, sem vacilar, mandei uma tremenda porretada na testa da vaca. Abri uma «*boceta*» na cara da Violeta. Foi sangue pra todo lado (MARCOS, 1999, p. 9).

Como podemos verificar pelo dicionário Aurélio (2010), *boceta* significa *vulva*, esta, por sua vez, significa, no mesmo dicionário, *parte externa dos órgãos genitais femininos, que inclui grandes e pequenos lábios, vestíbulo vaginal, etc.* É possível perceber que há alguma semelhança física entre a parte externa da vulva e um corte profundo. Influenciado pelo meio em que vive nessa época da vida, o prostíbulo, onde a parte externa do órgão sexual feminino está constantemente presente, Querô associa, metaforicamente, as duas coisas.

Na próxima ocorrência, o verbo *remendar* adquire nova carga semântica:

Começou a juntar gente e eu dei o pinote. Sei que chamaram a ambulância. Levaram a Violeta pra «remendar» no hospital. Sei que as mulheres, de ponta a ponta da Xavier, gozaram com a paulada que dei na cafetina (MARCOS, 1999, p. 9).

O verbo *remendar*, segundo o dicionário Houaiss (2001), com a acepção que remeta a consertar fisicamente algo, como é o caso da passagem anterior, diz *por remendos em; consertar, emendar*. Note-se, que nessa acepção, os três dicionários classificam o verbo como sendo transitivo direto e, em todos, os exemplos dados trazem um complemento não-animado – uma calça, um texto etc. – para ele. Diferentemente, nessa passagem, o “remendo” será feito na cafetina Violeta, ou seja, um complemento animado, após a mesma ter sido vítima de um golpe desferido por Querô. O processo utilizado pelo autor é a metonímia, pois há semelhança entre “dar pontos” (suturar) em uma pessoa e “costurar” uma peça de roupa rasgada, por exemplo.

O próximo exemplo, *pinotear*, que já aparece na passagem anterior, pode ser mais bem observado nessa outra passagem:

Quando me «pinoteei» da casa da putana velha perebenta, me juntei à curriola do Tainha (MARCOS, 1999, p. 11).

Para o dicionário Aurélio (2010), o verbo *pinotear* significa *dar pinote(s); saltar, pular escoiceando*. Nas duas passagens anteriores, é possível verificar que o verbo, na acepção usada, está ligado semanticamente aos verbos correr, fugir, escapar. Os três dicionários classificam o verbo como intransitivo, mas o agente sempre é um animal, diferentemente do que acontece nessa passagem, pois Querô é o agente dessa ação. Lembre-se que pinotear não é feito de forma mansa ou planejada, o animal sai em disparada, muitas vezes destruindo algo ou machucando-se na ação.

No próximo excerto, o substantivo *embaixada* passa a significar algo diferente de seu significado original:

E esse Tainha, com toda essa «embaixada», foi por mim. Me botava em todas as boas jogadas. Me ensinava os trambiques, me punha por dentro dos macetes. Adiantava o meu lado. Eu botava fé nele, que era pedra noventa. Na sua cola, eu comia e arrumava lugar quente pra dormir. O Tainha era ponta-firme (MARCOS, 1999, p. 11).

Embaixada, segundo os dicionários analisados, tem seu significado relacionado ao posto de embaixador, à sua missão ou à sua comitiva. No caso, o substantivo está ligado à importância que o menor Tainha tem no círculo no qual vive Querô. A importância desempenhada por aquele como líder do bando garante a ele status de um embaixador em nossa sociedade.

Observemos a passagem abaixo, na qual aparece o neologismo semântico *piar*:

De repente, «piou» na parada um gringo bêbado. Pela pinta do bruto, até um cego podia ver que se tratava de uma bichona loucona. O Tainha botou as botucas no gringo e bolou o chaveco: – Vamos suar a bicha (MARCOS, 1999, p. 12).

No dicionário Michaelis (1998), *piar* significa (1) *dar pios* (ave); (2) *falar*; (3) *emitir, piando*. Os outros dicionários, Aurélio (2010) e Houaiss (2001), trazem, ainda, outra acepção: *em jogo de cartas, dar a dica do jogo ao parceiro ou do próprio*. De qualquer forma, podemos perceber que elas nada têm a ver com acepção que pode ser compreendida a partir do texto, que significa “aparecer”, “surgir”. Nesse caso, não há nenhuma relação direta entre as definições ou seus agentes que possam ser usadas para explicar o processo usado na formação desse neologismo semântico. Podemos, no entanto, especular. Quando pensamos em “ouvir um pio”, nesse caso de ave, precisamos pensar primeiro em um ambiente em silêncio, no qual um “pio” “aparece”, surge do nada. Essa “aparição” pode indicar alguma semelhança com o que se passa no trecho transcrito? Seria essa relação de analogia responsável pela nova acepção do verbo *piar*?

No caso a seguir, *suar*, já há uma relação mais próxima:

De repente, piou na parada um gringo bêbado. Pela pinta do bruto, até um cego podia ver que se tratava de uma bichona loucona. O Tainha botou as botucas no gringo e bolou o chaveco: – Vamos «suar» a bicha (MARCOS, 1999, p. 12).

Segundo os dicionários, além de sua acepção mais usada, de transpirar, *suar* significa empregar grandes esforços para se conseguir ou fazer algo. Repare que, no caso destacado, quem sua não é aquele que fará o esforço, mas aquele que será o alvo, revelando uma mudança significativa na carga semântica desse verbo.

Outro verbo semanticamente alterado no livro:

Paspalho como era, o Bolacha Preta, que não ia muito com a minha fuça (nem eu com a dele), se encrespou: – Vai tu mesmo. Tu é o pinto rico. Vive de lombão de bicha de zona. «Encardi» com o negrão. Ele era grande mas não era dois: Vai tu, crioulo. Gringo loiro gosta de crioulo. Tu sabe. Tu sempre deu sorte com gringo loiro. Essa é toda sua malandragem (MARCOS, 1999, p. 12).

Encardir de maneira geral significa sujar. Pelo contexto, no entanto, percebemos que seu significado vai em direção a brigar, discutir ou, ainda, dificultar algo para alguém. Assim como a sujeira que encarde torna mais difícil a lavagem, ao criar obstáculos para a consecução da ação, Querô também dificulta a realização da tarefa para seus comparsas.

Com o substantivo *alegria*, não é possível fazer uma analogia tão explícita de seu significado:

–Porra, pivete! Quem tu pensa que é? Um puta cagataço. Tu só serve pra ir buscar loque pra gente suar. Como puta faz pros machos. Vai lá! E logo, antes que eu encha tua cara de «alegria» (MARCOS, 1999, p. 12).

Alegria é o estado de contentamento típico dos seres humanos. Pode significar também um determinado acontecimento feliz ou um divertimento. Nessa passagem, o personagem Bolacha Preta parece estar sendo irônico, usando essa palavra pelo seu antônimo, *descontentamento*, devido à surra que ele pretende aplicar em Querô.

Já a nova acepção de *ferrar* não é tão opaca quanto a anterior:

Naturalmente, se o Tainha não se intromete, eu ia ter pra troca com o Bolacha Preta. Mas o Tainha cortou o quás-quás-quás: – Vai lá, Querô. Pega o veado pra nós. Leva o putto ali pra trás das caixas. Quando tu tiver «ferrando» ele, eu mais o Bolacha entramos na fita e apatolamos o desgraçado (MARCOS, 1999, p. 12-13).

Segundo o dicionário Houaiss (2001), *ferrar* possui, como algumas de suas acepções, as seguintes: *penetrar ou ser penetrado com profundidade; cravar(-se), enterrar(-se)*. Note-se, porém que o dicionário coloca como elemento causativo dessa ação dessas últimas acepções, em seus exemplos, um arpão e uma lança. No caso do romance *Querô*, sabemos que não se trata de objetos de ferro, mas sim de um ato sexual. Lembre-se ainda que dentre as acepções de *ferro*, encontradas no mesmo dicionário, temos *o órgão sexual masculino*.

Temos, na próxima ocorrência, *gringo*, outro caso metafórico:

– Vai lá, Querô. Pega o veado pra nós. Leva o putto ali pra trás das caixas. Quando tu tiver ferrando ele, eu mais o Bolacha entramos na fita e apatolamos o desgraçado. Deschavei, que não estava a fim desse lance: – Mas, porra, como vai ser? Eu não falo «gringo». Não grudou. O Tainha sabia das coisas (MARCOS, 1999, p. 13).

Gringo, como registram os dicionários do *corpus* de exclusão, sendo o indivíduo estrangeiro, é, de certa forma, bastante usual. Nesse caso, porém, Querô está se referindo à língua falada por esse indivíduo, que para ele não é inglês, é gringo.

A semelhança, mesmo que vaga, origina o próximo neologismo, *argola*:

Burrão, o gringo não entendia nada. Mas devia estar com um puta tesão na «argola». E ia entrando na minha. Eu apontei as caixas e dei uma chinchada pra ele ver que eu ia passar a vara nele (MARCOS, 1999, p. 13).

Segundo o dicionário Michaelis (1998), *argola* é 1) *anel metálico em que se enfia ou se amarra qualquer coisa*; 2) *Qualquer coisa de forma circular e vazia no meio*. Na passagem transcrita acima, Querô está se referindo ao ânus do estrangeiro, que queria praticar sexo anal

com ele. Para mencionar essa parte do corpo do outro, ele a compara a uma argola, que além de ser circular e vazada, é, nesse caso, o “objeto” no qual será enfiado algo.

No próximo trecho, o verbo *amarrar* tem seu sentido ampliado:

Eu fui indo e ele veio atrás de mim. Atrás da caixaria, o veado foi logo arreando as calças. Eu me «amarrei» um pouco. Mas o Tainha e o Bolacha Preta estavam devagar (MARCOS, 1999, p. 14).

Uma das acepções de *amarrar*, segundo o dicionário Houaiss (2001) e da qual os outros dicionários partilham, é *segurar, aguentar, prender ou fixar com amarra(s) no fundeadouro, ao cais, à boia; ancorar, fundear, atracar*. Mas é possível notar que os dicionários referem-se a embarcações, e não a pessoas. No caso anterior, é Querô quem está se aguentando, esperando. Assim, ao ter seu sentido ampliado, o verbo passa a ser um neologismo semântico.

Algo semelhante acontece com a formação do neologismo semântico *porra*:

Aí, meus parceiros deram o flagra. O gringo se assustou. Mas o crioulo deu um pé no saco do gringo. O «porra» se dobrou. O Tainha deu uma joelhada na boca do otário (MARCOS, 1999, p. 14).

Segundo o dicionário Houaiss (2001), entre outros significados, *porra* quer dizer *algo muito ruim; porcaria, merda*. Mas o referente é um objeto, tanto que na abonação, encontramos *vou jogar fora esta porra deste telefone celular*. No trecho acima, do romance *Querô*, *porra* em questão é o estrangeiro que está sendo atacado por Querô e seus comparsas.

Na ocorrência a seguir, temos o neologismo semântico *broca*, porém a forma como o mesmo foi criado é opaca:

Lá em Santos atracava muito navio e os taifeiros quase sempre eram veados escrotos. Teve até um de um navio chamado Macau que deu o maior vexame. Deu o rabo pra um cachorrão e ficou entalado. Saiu de maca do navio. O cais do porto inteiro viu o lance. Foi «broca» (MARCOS, 1999, p. 16).

O dicionário Houaiss (2001) traz trinta acepções para o substantivo *broca*. Embora essa palavra possua dentre seus diversos significados as acepções de *ânus* e *pênis*, substantivos pertinentes ao linguajar dos grupos sociais retratados na obra, não vimos uma analogia direta entre esses substantivos e o sentido de *broca* nesse trecho do romance. Pode indicar que Querô esteja usando-o apenas como uma exclamação, como em outros casos com o substantivo *cu*.

No caso abaixo, o sentido do neologismo *grampear* é mais transparente:

Ele sabia que eu, sendo menor, pegava cana leve e não ia ter como ajustar a bronca com ele. O negrão, mais cedo ou mais tarde, «grampeava» ele. Então, não tem tu, vai tu mesmo (MARCOS, 1999, p. 17).

Grampear, dentre outras acepções, significa *prender, deter*. Porém, na passagem anterior, o significado não é exatamente esse, afinal o comparsa de Tainha não poderia prendê-lo, já que também é um delinquente. Nesse caso, a acepção está ligada a delatar alguém para que este seja levado preso.

Algo semelhante ocorre com *azar* na passagem a seguir:

Tudo que pediram, confessei, só pra não apanhar mais. Jurei que fui eu que fiz todos os «azares» sem dono daquele cais do porto desde o dia em que nasci até aquela data (MARCOS, 1999, p. 21).

Encontramos nos dicionários, *azar* como sendo *sorte contrária; revés, infelicidade, infortúnio*. No excerto transcrito anteriormente, *azar* não está ligado à sorte, mas, sim, a determinados eventos que transgrediram a lei e a moral estabelecidas. Não se trata de algo abstrato, como definido pelos dicionários, mas de ocorrências reais, isto é, crimes, roubos e outras formas de delitos.

A extensão de sentido também parece estar presente no neologismo *bosta* assinalado nos trechos a seguir:

Foi nesse tempo que fiquei sozinho que deixei de ser pivete trouxa. Ali, sozinho na surda. Comecei a me ligar na «bosta» toda. Cresci. Cresci pacas. Todas as pancadas que me deram, as sacanagens todas que me fizeram começaram a se escancarar em mim (MARCOS, 1999, p. 21).

Foi nesse tempo que fiquei sozinho que deixei de ser pivete trouxa. Ali, sozinho na surda. Comecei a me ligar na bosta toda. Cresci. Cresci pacas. Todas as pancadas que me deram, as sacanagens todas que me fizeram começaram a se escancarar em mim. Comecei a perceber que estava ficando duro ou sacana. Já podia olhar bem pras coisas, sem me apavorar, sem ter pena de mim. Então, abri bem as janelas e pude cheirar a «bosta» toda. Um salve-se-quem-puder. Um puta fedor (MARCOS, 1999, p. 21-22).

Segundo o dicionário Houaiss (2001), *bosta* também pode significar *coisa malfeita, de mau aspecto, reles ou de qualidade inferior*. Mas é possível notar que essa acepção refere-se a um determinado referente, algo concreto. No caso assinalado, refere-se a algo bem mais amplo, a, praticamente, tudo de negativo que acontece na sociedade. Nesse caso, novamente temos uma extensão de sentido da palavra já existente.

As duas passagens transcritas a seguir trazem o neologismo *janela*:

Foi nesse tempo que fiquei sozinho que deixei de ser pivete trouxa. Ali, sozinho na surda. Comecei a me ligar na bosta toda. Cresci. Cresci pacas. Todas as pancadas que me deram, as sacanagens todas que me fizeram começaram a se escancarar em mim. Comecei a perceber que estava ficando duro ou sacana. Já podia olhar bem pras coisas, sem me apavorar, sem ter pena de mim. Então, abri bem as «janelas» e pude cheirar a bosta toda. Um salve-se-quem-puder. Um puta fedor (MARCOS, 1999, p. 21-22).

Nesse tempo, eu já tinha «janela» pra saber que nem santo, nem o caralho a quatro poderia me valer (MARCOS, 1999, p. 59).

Os dicionários registram *janela* como sendo, de forma figurada, os *olhos*. No entanto, principalmente pela segunda ocorrência, percebemos que o sentido é bem mais amplo que o sentido físico da visão. Neste caso, trata-se de percepção, perspicácia, capacidade de compreensão que vão bem além do sentido de olhar para algo e compreendê-lo.

Virador é o neologismo do próximo trecho:

Isso me fez ver bem que não se pode confiar nos outros. Essa verdade é ardida. Mas é como é. No «virador», é cada um pra si e Deus pra todos. Pros bons e pros maus (MARCOS, 1999, p. 22).

Embora *virador* já esteja dicionarizado, seu sentido, depreendido a partir do contexto no qual ocorre, parece estar ligado mais ao verbo *virar*. Segundo o dicionário Houaiss (2001), uma das acepções deste verbo é *empenhar-se para superar dificuldades, conseguir alcançar objetivos etc.; esforçar-se*. E o dicionário ainda traz a seguinte abonação: *nós nos viramos para consertar o carro na estrada*. Parece que o substantivo *virador* foi derivado desse verbo, indicando o cotidiano, ou, mais especificamente, uma situação difícil, um acontecimento complicado pelo qual passamos em nossas vidas.

O próximo neologismo semântico, *cagado*, tem seu sentido facilmente depreendido pelo contexto e pelo seu significado original:

O que pode interessar pra um porco capado saber de onde se vem, quem fodeu quem pra gente ser «cagado» no mundo, se no fim desse papo todo vai mesmo recolher a gente com um monte de pivetes que também estão no mundo por descuido de putas? (MARCOS, 1999, p. 25).

Cagado está, no trecho anterior, funcionando como um sinônimo de parido. Como já foi dito anteriormente, o meio social do qual Querô faz parte é violento e cruel. Para ele, as pessoas que se encontram em situação como a sua não nascem, são cagadas, a exemplo do significado do neologismo *soltar*, já analisado anteriormente.

A semelhança entre o lugar onde são criados porcos e a solitária para a qual Querô é levado depois de preso gera um novo item lexical, *chiqueirinho*:

Os guardas me arrastaram pra outra cela-surda, que aí eles chamavam de «chiqueirinho» e era pior que a da cadeia. Mais escura, fedorenta, com mais ratos, baratas, muquiranas, e muito mais apertada. Mal dava pra gente se mexer. Um nojo (MARCOS, 1999, p. 28).

Como sabemos, chiqueiro é o local onde os porcos são criados. A semelhança, pelo menos em termos de limpeza, entre este e a cela para a qual Querô é levado, dá a ela o nome de *chiqueirinho*.

O próximo neologismo, *banca*, é derivado de uma expressão idiomática já existente:

Pensando nessas coisas, me senti melhor. Parecia que eu conversava com minha mãe ali no escuro. Fui relaxando. E me senti crescer de novo. Jurei pra mim que eu ia ser mais eu. Ia ter «banca» no cais do porto (MARCOS, 1999, p. 30).

Pelo contexto, podemos depreender que *banca*, nesse caso, significa fama, respeito. Os dicionários registram as expressões idiomáticas *botar banca* e *por banca*, significando *fazer-se de importante* ou *vangloriar-se de qualidades, posição ou bens pessoais*. No caso, o que o protagonista quer é exatamente ser importante, ser respeitado por aqueles que o destratam, ou já o fizeram, durante sua vida.

O próximo neologismo, *xarope*, tem seu significado esclarecido pelo próprio protagonista da obra:

Já tinha escutado contar no cais do porto lances de nego ponta-firme que, colocado na surda, não dormia, perdia a fome e saía de lá «xarope», louquinho e nunca mais se aprumava (MARCOS, 1999, p. 32).

Como Querô mesmo esclarece para o repórter que o entrevista, *xarope* é o indivíduo que fica louco e que nunca mais consegue o equilíbrio de suas faculdades mentais. A relação entre a loucura e o medicamento xarope não é transparente. É possível pensar na “doença” (loucura) e em sua “cura” (xarope). No entanto, essa analogia não é simples e esse é mais um caso de neologia semântica com a origem obscura.

A exemplo do que ocorreu com *chiqueirinho*, temos *touceira*:

Sem se esquentar, o Malhado foi dizendo: – Aqui não tem hominho. Todo mundo senta em «touceira». Se não senta, é porque arrumou situação. Mas já sentou. O que tem aqui é gorgota. Esses vigias todos gostam de garoto. Tudo fanchona (MARCOS, 1999, p. 33-34).

Touceira, segundo os dicionários consultados, significa *grande touça*. Esta, por sua vez, refere-se, dentre outras coisas, ao *pé de cana de açúcar* e ao *pé de castanheiro, do qual saem as varas de que se fazem arcos para pipas*. Dessa forma, é visível a semelhança, mesmo que vaga, entre o pênis e as varas às quais se referem as outras definições. No entanto, é interessante reparar que não é simplesmente a touça, mas, sim, a touceira – conjunto de touças – significando que o interno não está sujeito apenas a uma agressão sexual, mas a várias delas, por parte de outros detentos ou carcereiros.

Em *rebarba*, também há relação entre o significado do neologismo e a acepção original da palavra:

Porém, entre o medo de ser preso e o veado, fiquei com ele. Que podia fazer? Aguentei a «rebarba». E não foi mole. O perobo, vendo o meu estado, adivinhou que eu estava numa de horror. Lembrou logo uma surra que eu lhe dei, num dia em que ele me cantou, quando eu ainda andava com o Tainha (MARCOS, 1999, p. 41).

A *rebarba* é qualquer *saliência natural de formas angulosas; aresta, quina* e, ainda por extensão, excesso de material restante nas obras de fundição ou asperezas deixadas pela gravação no metal. No caso do trecho acima, a *rebarba* é como se fosse um “efeito colateral”, o que gera uma certa semelhança, em termos de ideia, com a acepção dicionarizada da mesma palavra. Na passagem, Querô prefere suportar a parte negativa de estar com o homossexual Naná em troca de conseguir abrigo e alimento.

O próximo exemplo, *arrebite*, transcrito em duas ocorrências distintas, trata de item do vocabulário gírio de marginais, adotado por Plínio Marcos:

Porra, como eu queria meter «arrebite» na fuça daquele crioulo besta. Atirava no focinho do porco. Era isso que eu queria fazer. Mas não tinha a bosta do revólver (MARCOS, 1999, p. 54).

E mandei ver. Dei no gatilho. O «arrebite» entrou bem na testa do Zulu, no meio dos bicos de luz da cara preta. Escutei o estouro do tiro e da cabeça do negritinho (MARCOS, 1999, p. 75).

Os dicionários consideram a forma *arrebite* uma forma variante de *rebite*. Este, por sua vez, diz respeito a uma “pequena haste de metal, com cabeça cônica ou fendida em uma das extremidades, destinada a ser introduzida em um furo, de tal modo que a outra extremidade sobressaia e possa ser rebatida para formar nova cabeça” (HOUAISS, 2007). A semelhança entre a forma descrita pelo dicionário com o que conhecemos sobre a forma e a função de uma bala de revólver é muito grande. Por tratar-se de uma peça específica usada em determinadas profissões,

pode-se verificar que rebite era – pois já está dicionarizado – um termo e, passando a outra esfera discursiva – a dos marginais – tornou-se um neologismo semântico. O trecho a seguir foi retirado de um processo criminal do estado do Mato Grosso:

Como bem registrou a Autoridade Policial, embora tenham procurado dialogar sempre em linguagem figurada, perquirindo sobre “ferramentas” (armas) e “«rebite»” (munição), fica clara a dissimulação, especialmente no diálogo travado em 07/11/2007 entre Escobar e Jeferson, quando este último, textualmente, afirma ter deixado a arma em casa. (JUSTIÇA FEDERAL, 2008, p. 5)

Ao longo do processo, na transcrição da fala dos envolvidos, a palavra *rebite* é repetida por diversas vezes e sempre conjuntamente com a palavra *ferramenta*, configurando-se, assim, como pertencente ao vocabulário dos marginais. A definição de uma palavra como pertencente a um determinado vocabulário gírio não é fácil, afinal é uma linguagem hermética, específica de um determinado grupo social. No caso analisado, encontramos outra ocorrência que atesta essa condição.

O verbo *fritar* possui nova acepção na passagem abaixo:

Em toda minha vida, eu sempre pensei em matar gente. Se tivesse tido chance, já tinha «fritado» um caralhau de filhos da puta (MARCOS, 1999, p. 59).

Fritar, como sabemos e é indicado pelos dicionários do nosso *corpus*, é o ato de frigar, de cozer na manteiga ou no óleo. No entanto, Querô está falando em matar, assassinar pessoas. Lembremos que, usualmente, o que vai ser frito é algo comestível, a exemplo de carnes e vegetais. Possivelmente, trata-se de item lexical de vocabulário gírio, embora não tenhamos encontrado uma ocorrência que corroborasse essa hipótese.

A semelhança entre aquele que está deitado e aquele que está esticado gera o neologismo semântico, *esticar*, a seguir:

E aí, já viu. Só tinha um jeito. Era apagar os tiras. Deitar os putos. Tira «esticado» não conta história, não faz perguntas. Tinham que morrer. Todos os dois (MARCOS, 1999, p. 63).

Via de regra, aqueles que estão mortos estão deitados. E normalmente quem está deitado está esticado. A partir dessa semelhança, *esticado* passou a ser sinônimo para morto, para designar aqueles que Querô iria assassinar.

Para os personagens do romance, armas de fogo conferem ao seu portador um poder tão grande que eram elas que davam razão a eles:

Mas como arrumar o revólver? Como? Precisava de grana. Com grana, comprava a «razão» na mão de qualquer intrujão filho da puta. Mas nessas transas não tem quás-quás-quás. É tome lá da cá (MARCOS, 1999, p. 63).

Segundo o dicionário Houaiss (2001), *razão* é 1) *a capacidade de julgar*; 3) *bom senso, juízo*; 5) *argumento, motivo*; 7) *justiça*. Para Querô, o revólver dará a ele tudo isso, fazendo com que ele tenha sempre a palavra final, aquela que não pode ser contestada por nenhum outro homem. Nessa passagem, a *razão*, que significa arma de fogo, pode ser comprada na mão dos receptadores de mercadoria roubada.

No próximo trecho, o adjetivo *sonoro* amplia o seu campo semântico:

Claro que aqueles dois filhos de corno sífilítico com puta empestada não iam esquecer nunca que um otário tinha que levar uma grana «sonora» e mole pra eles (MARCOS, 1999, p. 64).

Segundo os dicionários, *sonoro*, além de outras acepções, significa *que tem som intenso; estrondoso, ruidoso*. Ou seja, a palavra pertence ao campo semântico da música. No caso recortado acima, o adjetivo é usado para expressar o alto valor da quantia devida por Quero aos policiais corruptos que o estavam chantageando para conseguir dinheiro.

Na próxima passagem, temos um neologismo, *colhão*, que adquire novo significado de forma metafórica:

– Quem tiver «colhão» pra correr dentro de mim que venha (MARCOS, 1999, p. 70).

Colhão carrega a rubrica de tabuísmo, segundo os dicionários, e significa *testículo*. Como símbolo de virilidade masculina, o testículo, para quem o tem, carrega consigo característica que normalmente são atribuídas aos homens, como, por exemplo, a coragem. Dessa forma, quem tem testículo tem a coragem necessária para avançar em direção a um sujeito armado.

Enfurnar também seu sentido ampliado:

Aí, resolvi ver se ele tinha dinheiro. Meti a mão nos bolsos e encontrei grana. «Enfurnei» tudo. Não tinha mais nada pra fazer ali. Mas me deu na telha e acendi um fósforo pra ver a fuça do crioulo morto (MARCOS, 1999, p. 76).

O dicionário Michaelis (1998) registra *enfurnar* como *ocultar, guardar dinheiro, acumulando-o*. Note-se, porém que Querô está roubando o dinheiro e os outros pertences do jovem que ele acabara de assassinar. Dessa forma, ele não está simplesmente guardando dinheiro, mas, sim, tomando aquilo que não é seu antes de guardar.

O próximo neologismo semântico é *foguetório*:

Comprei uma caixa de arrebitos pro trinta e oitão. O Guegué Maresia até estranhou. Veio com história: – Pra que tu quer tanta bala? Vai ter «foguetório»? (MARCOS, 1999, p. 78).

A semelhança entre o barulho e as luzes faz com que Plínio Marcos relacione foguetório com tiroteio. Nesse trecho, Querô compra uma quantidade tão grande de balas para o revólver de calibre 38 que ele *enfurna* de sua vítima, que, ao serem disparadas, fariam barulho semelhante ao de um foguetório.

O substantivo do próximo trecho é derivado de um verbo, porém gera uma palavra já existente:

Chegava à vontade. Pra todo mundo ver. Pra algum cachorrinho que estivesse na minha «campana» ir correndo contar pros ratos que eu estava ali (MARCOS, 1999, p. 79).

Do verbo *campanar* ou *acampanar*, Plínio Marcos forma o substantivo *campana*. O verbo significa seguir ou vigiar (alguém), sem que seja percebido, com o fito de roubar, furtar, prender etc.; campanar. No entanto, a nova palavra formada já consta nos dicionários significando sino.

Olha, eu apaguei aqueles tiras. Apaguei por gosto. Porra, qual era? Eles queriam me cafetinar. Eles forçaram a barra. Não tive escolha. Aquela bosta daquele crioulo também tive que apagar. Tu me entende? Ele era meu «pedal». Como é que eu ia encarar dois ratos da pesada sem máquina? (MARCOS, 1999, p. 85).

No trecho acima, o *pedal* sabidamente utilizado para impulsionar bicicletas e outros tipos de artefatos, impulsiona, também, a vida de Querô. É a partir da morte de seu companheiro de Centro de Menores, e dos bens que ele possuía quando Querô o assassina, que a vida do protagonista ganha impulso. Dessa forma, essa semelhança de “movimento” faz com que Plínio Marcos transponha seu significado para outro campo semântico.

Nas duas próximas passagens, a analogia diz respeito à sensação:

Putaquepariu! Como dói essa merda dessa «brasa» que o rato me enfiou no peito. Filho da puta! Pensei que quando ele me visse de turbina na mão, ia meter o galho dentro. Que nada! (MARCOS, 1999, p. 86).

Eu nunca senti tanta dor nessa puta dessa vida. Acho que tem mais de duas «tochas» dentro de mim. Umas quatro tem (MARCOS, 1999, p. 88).

Querô compara a bala que está alojada em seu corpo com uma *brasa* ou uma *tocha*. A sensação de ardor e queimação, provocadas pelos projéteis alojados em seu corpo, assemelham-se às provocadas por queimaduras de brasas e tochas. Dessa forma, para ele, as comparações são inevitáveis, o que geram os neologismos semânticos.

A semelhança entre a potência das “máquinas” acarreta o próximo neologismo, *turbina*:

Putá que pariu! Como dói essa merda dessa brasa que o rato me enfiou no peito. Filho da puta! Pensei que quando ele me visse de «turbina» na mão, ia meter o galho dentro. Que nada! (MARCOS, 1999, p. 86).

A turbina, segundo o dicionário Houaiss (2001), é a máquina geradora de energia mecânica rotatória a partir da energia cinética de um fluido (água, gás, vapor etc.) em movimento. Como sabemos, são turbinas que movem aviões, graças à sua grande capacidade de gerar energia. Para Querô, esse tipo de “poder” pode ser comparado ao do revólver calibre 38 que possui.

A próxima relação já não é tão simples de ser estabelecida e será, sem dúvida, apenas especulada por nós:

Que é que tu acha que iam fazer comigo? Cana dura. Tô sabendo. Mandei gente pro «vinagre» (MARCOS, 1999, p. 87).

Nesse trecho, *vinagre* parece estar significando cemitério, necrotério. A relação que percebemos é entre vinagre e formol, substância usada para embalsamento de peças de cadáveres⁴, o que seria suficiente para estabelecer uma relação entre as duas e gerar um neologismo.

Outro neologismo, *deus-me-livre* ocorre na passagem a seguir:

A gente não se via. Eu, no começo, só enxergava o revólver que estava na mão do filho da puta. Essa merda aqui. Esse trinta e oitão mesmo. Mas quando ele passou pra minha mão, eu nem via mais a draga. Via os olhos do crioulo. Via o medo dele. Via as botucas. Os «deus-me-livre». Os cagaços todos. O negrinho veado. O filho da puta. O cagalhaço se arreou antes de eu apertar. Era uma bosta. Os olhos dele brilhavam no escuro. Eu vi. Ele estava encagaçado (MARCOS, 1999, p. 89).

Segundo os dicionários, *deus-me-livre* é o mesmo que *cafundó*, *lugar ermo e afastado*. Pelo contexto acima, no entanto, parecem tratar-se de medos, receios, pois Querô via os medos e os receios do negro que havia assassinado.

4.7 ESTRANGEIRISMOS

Embora, como poderemos constatar no momento oportuno, o número de estrangeirismos – empréstimos de unidades lexicais neológicas de sistemas linguísticos estrangeiros incorporados

⁴ Informação retirada do INCA – Instituto Nacional do Câncer, do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=795>. Acesso em 17 ago. 2011.

ao português do Brasil (cf. GARCEZ; ZILLES, 2001) – seja reduzido em *Querô – uma reportagem maldita*, acreditamos ser de fundamental importância para o ensino uma breve discussão acerca desse processo formador de palavras. Como bem coloca Nelly Carvalho (1989, p.24), “a ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem como determinante fins culturais, estéticos e funcionais”.

Continuando, a autora lembra que a adoção do item lexical estrangeiro é uma seleção, uma escolha, e que ela se adapta a um determinado momento em uma determinada situação. Assim, os empréstimos têm liberdade para entrar, nomeando uma nova ocorrência social, ou sair, caso tornem-se desnecessários ou seja criado um termo vernáculo para ser utilizado em seu lugar, caso de *goal-keeper* que mais tarde saiu de cena para dar lugar a *goleiro*.

Existem dois tipos de empréstimos: (i) os externos (alogenéticos) e (ii) os internos (vernáculos). Os primeiros são aqueles que, conforme mencionados anteriormente, vêm de um sistema linguístico estrangeiro. Estreiam na língua como um estrangeirismo e, posteriormente com o seu uso, tornam-se um empréstimo. Segundo Biderman (2001), eles dividem-se, do ponto de vista da forma em:

- 1) decalque (também chamado de calque) – que é a tradução literal do empréstimo, caso de *skyscraper* traduzido como *arranha-céu*;
- 2) adaptação – na qual a forma estrangeira adapta-se à grafia e à fonética da língua de chegada, exemplos como *club/clube* e *cocktail/coquetel*;
- 3) xenismo – em que ocorre a incorporação do item lexical estrangeiro com sua grafia e fonética originais, caso de *best-seller*, *show* e *shopping-center*.

Já os internos (ii), ocorrem quando o processo de adoção se dá entre vocabulários específicos (regionais, profissionais etc.) ou entre esses e o vocabulário geral. Esses empréstimos podem ser (a) somente de significante; (b) somente de significado; ou (c) total (significante e significado). O de significante diz respeito à estrutura mórfica e, ou fonética: *ficar peixe* como *acalmar*, típico do vocabulário paulista e *passo* como *gente chata*, do vocabulário baiano, são exemplos desse tipo de ocorrência. Os de significantes tomam emprestado a mesma ou semelhante carga semântica para diferentes palavras, como em *dinheiro*: *grana*, *pila*, *bagarote*,

gaita etc. Já os totais, normalmente ocorrem quando itens de vocabulários especiais passam a integrar o vocabulário comum: *televisor, eletrônica, sintonizar* etc.

Como já assinalado, os estrangeirismos são em número bastante reduzido na obra. Ocorrem apenas três vezes como visto a seguir. Serão assinalados visando a um dos objetivos específicos de relacionar todos os neologismos presentes no romance.

O Tainha sabia das coisas: – Vai nele e diz: '«Guive» um cigarrete, plis'. Aí ele te dá um cigarro e tu entra com a bicaria (MARCOS, 1999, p. 13).

O Tainha sabia das coisas: – Vai nele e diz: 'Guive um «cigarrete», plis'. Aí ele te dá um cigarro e tu entra com a bicaria (MARCOS, 1999, p. 13).

O Tainha sabia das coisas: – Vai nele e diz: 'Guive um cigarrete, «plis»'. Aí ele te dá um cigarro e tu entra com a bicaria (MARCOS, 1999, p. 13).

Os estrangeirismos encontrados sofreram adaptações de forma a se adequarem ao padrão fonético do português do Brasil. A impressão que fica para o leitor da obra é que Querô não sabe o que significam tais palavras. Somente Tainha parece se dar conta do teor delas. Isso, no entanto, não impede que o protagonista faça uso delas para atingir seu intento, já que ele aprende a pronunciá-las de forma que lhe pareçam familiares.

5 DISCUSSÃO

No tópico em que definimos os objetivos deste trabalho, ressaltamos que estabelecer a relação entre os neologismos e o desenvolvimento da competência léxica para que os mesmos pudessem ser aplicados de forma mais prática no ensino seria nosso objetivo principal. Acreditamos, assim como Perrenoud, já citado anteriormente, que a forma como o léxico é trabalhado nas escolas ainda se dá de forma discreta, não contribuindo de forma significativa para tornar o aluno um usuário pleno de sua língua materna.

Ressalte-se, neste ponto, a importância das análises que foram efetuadas quando da configuração dos neologismos presentes na obra. Esse tipo de análise contribui em muito para o desenvolvimento da competência lexical do falante e, mais especificamente em nosso caso, do aluno. Na maioria das situações em sala de aula, os livros didáticos e, infelizmente, os professores não se preocupam com uma análise mais detalhada da nova palavra encontrada, limitando-se, tão somente, a dar o seu significado ao aluno, conforme já exposto no tópico dos problemas de pesquisa. O que falta no material didático e na rotina dos professores é uma abordagem mais significativa para explicar, de forma mais didática, os processos formadores de neologismos lexicais. Dessa forma, acreditamos ser essa uma das principais contribuições deste trabalho.

O ensino do léxico deveria partir da realidade do aluno e não de uma realidade pré-definida, como acontece atualmente. No ambiente escolar, temos vários alunos e, conseqüentemente, diversas experiências de vida, convicções, comportamentos e formas de aprendizagem diferentes, isto é, alunos de diversas realidades. Os livros e, mais ainda, as gramáticas parecem conceber uma única realidade. Realidade esta que normalmente não é a do aluno que está em sala de aula. Devido a esse enfoque, o aprendiz não é considerado como um ser capaz de fazer inferências, pelo menos no que tange à formação de palavras.

Considerando o ensino do léxico em sala de aula, tomemos como exemplo, inicialmente, um dos neologismos formados por derivação prefixal, encontrado no romance sob análise: *desbaratinar*. Por ser um neologismo, há grande chance do aluno não conhecer esta palavra. Inicialmente, devemos mostrar a ele que o verbo *baratinar* está dicionarizado, caso ele não o conheça. A partir desse ponto, podemos mostrar ao aluno palavras que ele já conheça com o prefixo *-des*, como desfazer, desligar, desmontar etc. Posteriormente compará-las com as palavras

da qual foram originadas: fazer, ligar, montar. A partir daí, provavelmente, o aluno deverá ser capaz de perceber que esse prefixo carrega consigo uma carga semântica que indica a ação contrária da palavra original. Ele pode ainda procurar outras palavras com o mesmo prefixo e ver se esse significado continua sendo aplicado em outras situações.

Além disso, é preciso verificar o contexto em que ela ocorre e qual o papel que desempenha na frase. O aluno pode ainda verificar se essa palavra pode ser usada em qualquer circunstância, com qualquer outro falante da língua. Ele, provavelmente, perceberá que talvez ela possa ser usada em uma conversa informal, com outros colegas, mas talvez não seja adequada em um diálogo entre ele e seu professor, por exemplo. Isso significa que essa palavra, como todas as outras, carrega consigo uma “carga” que, de alguma forma, implica em determinados padrões de comportamento social. E que, além disso, como já foi assinalado anteriormente, usar os itens lexicais de forma correta permite-nos resolver problemas de comunicação, compreender palavras até então desconhecidas através do contexto e produzir novas situações em que as mesmas possam ocorrer.

Esse já é um grande passo na direção do desenvolvimento da competência lexical de nossos alunos. Tal passo, via de regra, não é dado pelos livros e gramáticas. Mais do que isso, os mesmos costumam se preocupar somente com a procedência do prefixo, além de arrolarem uma série de outros prefixos de mesma procedência e, às vezes, com seus significados. Apenas expor o significado também não é muito interessante, haja vista o que ocorre com a mesma palavra, *desbaratinar*, no outro trecho assinalado na análise. Dessa vez, a mesma palavra assume outro significado, porém dentro de um padrão, como já foi apontado, com o prefixo assumindo uma carga de intensidade.

“Engessar” o significado e o uso das palavras, como normalmente fazem as gramáticas, dicionários e livros didáticos, pode ser complicado já que sua carga semântica não é estática, imutável. É preciso compreender que um determinado conceito depende da relação de um item lexical com outros no discurso e que essa palavra possui, ou pode assumir, vários significados que serão definidos por essa relação. O falante precisa conhecer, ou pelo menos ser capaz de inferir, esses diversos significados.

Obviamente, a questão do contexto é de extrema importância para a compreensão da nova palavra. Da mesma forma, o leitor deve ter um mínimo de vocabulário “proporcional” ao nível da obra que está lendo. Mas nem sempre eles, contexto e vocabulário mínimo, são suficientes e a

competência lexical passa a ter papel fundamental. Por isso, o leitor/ouvinte deve ter sua competência léxica bem desenvolvida e estar atento ao contexto de ocorrência da nova palavra.

A segunda ocorrência de *desbaratar* deixa isso claro. Nessa outra ocorrência, já não estamos falando mais de esquecer, mas, sim, de devanear. Se o aluno tiver o primeiro significado fixo em sua mente, como se as palavras estivessem em nossa mente como em uma lista fixa, ele não conseguirá compreender a acepção nessa segunda ocorrência da palavra. Nesse caso, é como se tivéssemos uma nova palavra formada por derivação prefixal e, em seguida, por neologia semântica. Isso mostra a plasticidade de nossa língua e porque devemos fomentar o desenvolvimento de nossa competência léxica, não nos limitando a “decorar” as palavras.

O processo seria análogo para os outros neologismos encontrados. Tanto para aqueles que possuem novas acepções mais transparentes quanto para aqueles outros cujo significado não seja tão facilmente captado. A questão é deixar bem claro para os aprendizes o que vimos em relação à dinamicidade do léxico. Engessar o significado e outras “propriedades” das palavras pode custar ao receptor uma interpretação diferente da que foi exposta, dificultando o processo comunicativo.

Retomando Richards (1976, p. 77), já citado anteriormente: o que significa realmente conhecer uma palavra? Quais as dimensões sociais de uso de um determinado item lexical? Essas perguntas que, além de também motivarem, nortearam o desenvolvimento desta pesquisa devem, de certa maneira, ser respondidas para que se chegue a alguma conclusão. Assim, retomemos as hipóteses estabelecidas por esse autor, enumeradas na página 27 deste trabalho, com o intuito de esclarecer um pouco mais o que é conhecer uma palavra e como isso fomenta o desenvolvimento da nossa competência lexical.

Inicialmente, precisamos ter em mente, como já foi dito anteriormente, que o léxico é um sistema aberto e a aquisição de vocabulário ocorre durante toda a vida do indivíduo. Segundo Richards, em sua primeira suposição (1976, p. 78), ao contrário do que acontece com a sintaxe, que tem um baixo desenvolvimento na vida adulta, o vocabulário continua se ampliando consideravelmente também nessa fase. Obviamente há um período de aprendizagem mais intenso, ou pelo menos “mais formal” na vida escolar, mas o adulto continua ampliando seu repertório de itens lexicais.

Dessa forma, os neologismos têm uma importância crucial, pois o contato do falante com eles, sejam denominativos ou estilísticos, é diário. Assim, possuir uma competência lexical bem

desenvolvida para que sejamos capazes de compreender esses novos itens lexicais é de grande importância para nossa vida social. Imaginemos a leitura de um romance como *Querô*, em que o leitor não seja capaz de apreender a maioria do significado dos neologismos apresentados neste trabalho. Isso, sem dúvida, tornaria sua leitura maçante, cansativa, que, certamente, faria com que os leitores, ou pelo menos parte deles, abandonasse a leitura do romance.

Em sua segunda hipótese, Richards (1976, p. 79) assume que conhecer uma palavra é conhecer a frequência com que ela ocorre no discurso, além de conhecer outras que se associam a ela em uma manifestação discursiva. Pela passagem abaixo, podemos exemplificar melhor esta hipótese:

Eu estava cabreiro com o papo do tal Zulu. E tinha medo que chegasse a noite, que eu sabia que ia ser maior que o dia. Já tinha escutado contar no cais do porto lances de nego ponta-firme que, colocado na surda, não dormia, perdia a fome e saía de lá «xarope», louquinho e nunca mais se aprumava (MARCOS, 1999, p. 32).

Pelo trecho, podemos ver que *louquinho* e *xarope* são sinônimos. Porém, o falante sabe que a ocorrência de *louco*, nos discursos, é maior do que as duas anteriores. A ocorrência de *louquinho*, por sua vez, é maior do que a de *xarope* que, embora seja uma palavra já dicionarizada, não ocorre com frequência nos discursos. Ao utilizar uma delas em suas manifestações discursivas, o falante tenderá a utilizar aquelas mais usuais, se estiver visando o sucesso de sua comunicação. Usando estas mesmas palavras como exemplos, sabemos que *louco* pode ser associada a *nego*, *pessoa* e até *cachorro*, porém, a *xarope*, não é possível associarmos *cachorro*, pois esta combinação não ocorre em nossa língua. Assim, para o desenvolvimento da nossa competência lexical, precisamos ter em mente essa hipótese de Richards.

Em sua terceira suposição, Richards (1976, p. 79), assume que conhecer uma palavra implica em saber se ela possui, ou não, algum tipo de restrição, sejam elas funcionais ou situacionais, em seu uso. Segundo ele, nós adaptamos o vocabulário a ser usado em uma determinada situação. No romance em estudo, é possível ver que Plínio Marcos confere essa competência a *Querô*. O protagonista muda, consideravelmente, seu discurso diante dos policiais, quando vai preso. Afinal, se ele fizesse uso de sua forma corriqueira de se comunicar, certamente os policiais considerariam isso uma afronta à autoridade deles, ou, para o leitor, isso “soaria” totalmente inverossímil. Da mesma forma, aqueles que leem a obra de Plínio Marcos não sairão usando o linguajar de *Querô* em suas conversas diárias. Dessa forma, parte do linguajar do protagonista é restrito ao grupo social do qual ele faz parte.

O fato de conhecermos uma palavra implica em conhecermos bem mais do que seu conceito, devemos conhecer pelo menos parte de suas propriedades sintáticas. Esta é a quarta hipótese de Richards (1976, p. 80). Observemos, como exemplo, a passagem a seguir:

Acho que a Gina não vem mais. Será que os homens pegaram ela? Ela vai acabar «entrutada» por minha causa. Ela devia se mandar (MARCOS, 1999, p. 91).

Entrutado é um adjetivo neológico formado por derivação parassintética, a partir do substantivo truta. Ao termos contato com esse novo adjetivo, sabemos que suas propriedades sintáticas seguem, pelo menos de forma geral, às dos demais adjetivos do português brasileiro. Dessa forma, podemos prever grande parte do comportamento sintático desse neologismo no momento em que ele é utilizado no romance. Certamente, esse tipo de competência é de grande importância para os falantes, sendo parte importante da competência lexical.

A quinta hipótese (RICHARDS, 1976, p. 80) formula que ao conhecer uma palavra, de certa forma, o falante conhece palavras que podem ser originadas a partir dela. Novamente, utilizaremos outro trecho para ilustrarmos essa suposição de Richards:

O Naná caiu da cama e levantou reclamando: – Quem tu pensa que é? Eu não sou nenhuma jogada-fora pra me tratar assim. Eu estava «sonado». Só falei pra ele calar a boca (MARCOS, 1999, p. 43).

Conhecendo o significado do substantivo *sono*, podemos notar que em palavras como *sonolento*, *sonolência* e no neologismo *sonado*, há um núcleo de significado que se mantém inalterado. Dessa forma, a partir do elemento base, é possível inferirmos o significado das formas derivadas. Isso é possível graças à nossa competência lexical, já que em nosso léxico estão presentes, também, padrões de estruturação de novas formações.

Em sua sexta hipótese, Richards (1976, p. 81) assume que o significado de um item lexical é dado, além de pela sua própria acepção, pela relação desse item com outros no discurso. Vejamos:

E esse Tainha, com toda essa embaixada, foi por mim. Me botava em todas as boas jogadas. Me ensinava os trambiques, me punha por dentro dos macetes. Adiantava o meu lado. Eu botava fé nele, que era pedra noventa. Na sua cola, eu comia e arrumava lugar quente pra dormir. O Tainha era «ponta-firme». O irmão que eu nunca tive (MARCOS, 1999, p. 11)

O adjetivo *ponta-firme*, além de não ter sido encontrado em nenhum dos dicionários de exclusão, também não o foi, a não ser em dicionários informais na internet, encontrado em nenhuma ocorrência mais formal na rede virtual. Para que depreendêssemos seu significado, foi necessário verificá-lo em sua relação com outras palavras no trecho acima. Dessa forma, *aquele que ajuda, que ensina, que é pedra-noventa, que é como um irmão é o ponta-firme*.

Saber que o significado das palavras não é absoluto e que seu significado é dado por traços categoriais mínimos é a sétima hipótese de Richards (1976, p. 82). Isso fica claro em alguns dos neologismos semânticos apresentados, como no da passagem a seguir:

Em toda minha vida, eu sempre pensei em matar gente. Se tivesse tido chance, já tinha «fritado» um caralhau de filhos da puta (MARCOS, 1999, p. 59).

Fritado, como analisado anteriormente, já se encontra registrado nos *corpus* de exclusão, no entanto, há uma variação em seus traços categoriais mínimos, o que gera uma nova palavra. Sabemos que diversos tipos de alimentos podem ser preparados fritos, mas não pessoas, logo há uma mudança significativa na acepção de *fritar* nessa passagem. Em outros casos, há mudanças bem sutis, como no caso de *de saída*, também já analisado. O falante competente, em termos lexicais, é capaz de visualizar essas nuances e identificar essas novas palavras.

Por último, Richards (1976, p. 82) assume que as unidades lexicais podem possuir múltiplos significados e que os falantes precisam conhecê-los. E ele nos lembra de que, como o léxico é um conjunto aberto e em constante movimento, esse processo segue quase que indefinidamente. Em virtude dos diversos exemplos de neologismos semânticos apresentados, e até mesmo o caso de *desbaratinar* e *sonado*, com significados distintos dentro da própria obra, acreditamos que essa hipótese não carece de maiores explicações e exemplificações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas na seção anterior, vemos que o ensino do léxico não só não é tarefa simples, como também não é, de modo geral, devidamente aplicado nas escolas brasileiras. Somem-se a isso os problemas que já citamos anteriormente, como as crenças dos professores, as formas de ensino centradas na gramática e, muitas vezes, as formas equivocadas de ensino. Sabemos que, devido ao grande volume de informações lecionadas em sala de aula, seria impossível para o professor trabalhar cada nova palavra observando todas as hipóteses de Richards. Mas o importante, no entanto, é que, ao ter ciência das características do que é conhecer bem uma palavra, principalmente nas manifestações escritas de seus alunos, o professor pode ter uma ideia de como proceder em sala de aula. Dessa forma, ele poderá nortear e fornecer subsídios para que seus aprendizes possam desenvolver cada vez mais sua competência léxica, contribuindo para que se tornem falantes competentes em sua língua.

Como vimos, tão importante quanto apreender todo esse processo que envolve a compreensão das palavras, é saber aplicar esse tipo de conhecimento nas diversas situações de comunicação que nos encontramos diariamente. Conhecer uma nova palavra significa saber, e conseguir efetivamente, utilizá-la de forma correta. Dessa forma, esse processo está ligado à decodificação e à codificação, sejam elas orais ou escritas. Como já dito, é preciso mais do que ensinar a palavra, é preciso fixá-la. E isso acontece quando o aluno conhece-a realmente, o que inclui sua utilização em outros contextos, produzindo novos textos com sua correta aplicação.

Neste trabalho, embora algumas das referências utilizadas sejam de pesquisas de cunho empírico e haja alguma experiência do autor com a sala de aula de língua portuguesa, o referencial utilizado foi basicamente teórico. Porém, conforme defendemos ao longo desta dissertação, acreditamos que o ensino do léxico fomentando o desenvolvimento da competência lexical seja bastante proveitoso para os alunos.

Pelo arranjo didático que apresentamos, na utilização de neologismos na perspectiva do ensino do léxico, acreditamos que uma pesquisa de ordem prática, em sala de aula, com alunos do ensino médio (se for usado o romance aqui analisado), será de grande valia. Assim, poderemos verificar como se desenvolverão os tópicos aqui abordados. Uma pesquisa de cunho empírico como essa, certamente, será de grande importância para o aprofundamento nas questões do ensino do léxico e do desenvolvimento da competência léxica dos alunos.

Dessa forma, deixamos em aberto um futuro trabalho dessa natureza para uma pesquisa, em nível de doutoramento, das questões levantadas nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Amanda Ferreira de. O estudo dos neologismos a partir do gênero publicitário: uma reflexão sobre o contexto escolar. In.: *Revista Travessias*. v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/309/showToc>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – criação lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ALVES, Ieda Maria. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: *Palavra*. BASÍLIO, Margarida (Org.). Petrópolis: Vozes, 1999.
- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5 ed. Curitiba: Positivo, versão eletrônica, 2010.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Questões relevantes na descrição fraseológica. In: *Cadernos do CNFL*. V. 10, n. 14, p. 162-174, 2006.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1995.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Condições para aquisição de vocabulário*. In: 8º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 1998, São Paulo. Caderno de Resumos. São Paulo: PUC-SP, 1998. v. 1. p. 81-82. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/4034/2681>>. Acessado em: 17 dez. 2010.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística (Teoria lexical e linguística computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BONFIM, Bernadette Barbara Sebastian Braga; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Crenças de aprendizagem de línguas e a formação reflexiva do professor. In: *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*. v. 8, n. 1, p. 54-67, 2009.
- BORBA, Francisco (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Compreensão de Leitura: da palavra ao texto. In: GUIMARÃES, E; MOLLICA, C. (Orgs.). *Palavra: forma e sentido*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. [no prelo].

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, Elis de Almeida. *As criações lexicais estilísticas na obra poética de Carlos Drummond de Andrade*. 2000. 392 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Caminhos do neologismo no Brasil. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 277-291.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

DIAS, Eliana. O ensino do léxico – a proposta do livro didático. In: *Olhares e Trilhas*. v. 4, n. 4, p. 27-35, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/viewFile/3564/2607>>. Acesso em 30 ago. 2011.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 217-234.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 53-64.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (orgs.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa. 2008. p. 146-162.

FREITAS, Roberta. Criação lexical – a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro. In: *Travessias*. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_003/linguagem/CRIA%20C7%20LEXICAL.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2010.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

- GOMES, Patrícia Vieira Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia; BAGNO, Marcos (orgs.). *Dicionários escolares – políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima *et. al.* São Paulo: Cultrix, 1979.
- HOUAISS, António. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, versão eletrônica, 2001.
- JUSTIÇA FEDERAL. Mato Grosso. Processo: 2008.36.00.004657-1. Prisão temporária formulada pela Autoridade Policial. Relator: Julier Sebastião da Silva. Mato Grosso, 2008. Disponível em: < <http://s.conjur.com.br/dl/julier2.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2010.
- KEHDI, Walter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios.
- KRIEGGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas. Pontes: Juiz de Fora. UFJF, 1994.
- LEONEL, Maria Célia Moraes. Grande Sertão: Veredas: Alguns neologismos semânticos. *Série Encontros: Estudos sobre lexicografia*. São Paulo, Unesp, v. 41, p. 79-89, 1997.
- MARCOS, Plínio. *Querô: uma reportagem maldita*. São Paulo: Publisher Brasil, 1999.
- MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da Língua portuguesa*, Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda. Versão eletrônica, 1998.
- NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos Nogueira. *A presença de expressões idiomáticas (Eis) na sala de aula de E/LE para brasileiros*. Tese de mestrado – Brasília, 2008.
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PIMENTA, Selma Garrido. ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2010.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.
- REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Gíria – a linguagem no sistema penitenciário. In.: *Revista Estudos Linguísticos*. v.32, versão em CD-ROM, 2003. Disponível em: < <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/acomic.htm>>. Acesso em 07 mar. 2011.

- RICHARDS, Jack C. The role of vocabulary teaching. *TESOL Quartely*. Alexandria (EUA), v. 10, n. 1, Mar, 1976.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- RODRIGUES, Gislaíne; SILVA, Maria Cristina Parreira da. Lexicografia e o ensino de expressões idiomáticas da língua portuguesa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES; Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 253-266.
- SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical*. São Paulo: Editora da UFPR, 1991.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTOS, Fernanda Quartieri dos. A produtividade do dicionário de língua portuguesa para o ensino do léxico – uma proposta além do livro didático. In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 8, 2008, Porto Alegre, RS. FINGER, Ingrid; COLLISHONN, Gisela (Orgs.). *Anais... Pelotas, Educat, 2008*. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/produtividade_dicionario.pdf>. Acesso em 30 ago. 2011.
- SCHOCAIR, Nelson Maia. *Gramática do português instrumental*. Niterói: Impetus, 2006.
- SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SOUZA, Alexandre Melo de. Mona Paródica... Dá mais pinta, bonita: análise léxico-semântica da gíria dos homossexuais de Fortaleza. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 44, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/44/07.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2010.
- VILELA, Ana Carolina; GODOY, Luisa; SILVA, Thaís Cristóforo. Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. In: *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 149-174, jan.-jun., 2006.
- XATARA, Cláudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. 1998. 253 p. Tese (Doutoramento em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara, 1998).
- XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das expressões idiomáticas. In: *Alfa*, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.
- XATARA, Cláudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. In: *Alfa*, São Paulo, v. 42, p. 147-159, 1998.

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO DOS NEOLOGISMOS ENCONTRADOS

Neologismo	Significado	Tipologia	pg.	Observações
Alegria	Pancada, cacetada	Neologismo semântico	12	Como antônimo de descontentamento.
Alma	Vida, existência	Neologismo semântico	5	Como sinônimo de vida.
Amarrar	Deter-se, aguardar	Neologismo semântico	14	Sentido ampliado, referindo-se a seres humanos.
Amarrar o burro na sombra	Sossegar, descansar	Expressão idiomática	15-16	
Apatolar	Agarrar com firmeza, segurar	Derivação prefixal	12-13	De patolar. Prefixo a-aumento, intensidade
Aponto	Compromisso	Truncamento	64	Truncamento de apontamento.
Argola	Ânus, cu	Neologismo semântico	13	Como sinônimo de ânus, por uma vaga semelhança física.
Arrastar um vagão de cascalho	Fazer grande esforço	Expressão idiomática	7	
Arrebitar	Atirar	Derivação sufixal	77	Do neologismo semântico arrebite (bala).
Arrebite	Bala, projétil	Neologismo semântico	54	Como sinônimo de bala (munição), por uma vaga semelhança física.
Até na alma	Exageradamente, demasiadamente	Expressão idiomática	3-4	
Até os pêlos do cu baterem palma	Demais, em excesso	Expressão idiomática	6-7	
Até transbordar pelas orelhas	Até o limite, demasiadamente	Expressão idiomática	4	
Auê-auê	Grande confusão, tumulto	Reduplicação	27	Reduplicação de auê.
Azar	Delito, crime	Neologismo semântico	21	Extensão de sentido de algo imaterial para material (delitos).
Azedar o caldo	Atrapalhar, discordar	Expressão idiomática	12	

Bacanear	Gabar, enaltecer as qualidades	Derivação sufixal	50	De bacana (adjetivo para verbo)
Bagrinho	Pessoa comum, sem importância	Derivação sufixal	17-18	De bagre, o prefixo -inho confere uma carga semântica de desprezo ao substantivo.
Banca	Fama, reputação, moral	Neologismo semântico	30	De botar banca.
Bancar	Arriscar para ver se dá certo	Neologismo semântico	3	Extensão de sentido de sustentar para apostar, acreditar.
Boceta	Corte extenso, ferida grande	Neologismo semântico	9	Como sinônimo de corte profundo, por uma vaga semelhança física.
Bosta	Acontecimento	Neologismo semântico	21	Extensão de sentido de coisa malfeita para os males da vida.
Brasa	Bala, projétil	Neologismo semântico	86	Extensão de sentido em virtude da sensação que a bala no peito causa.
Braseado	Quente, com febre	Derivação sufixal	84	Do substantivo brasa.
Broca	Difícil, penoso (intensificador)	Neologismo semântico	16	Como exclamação.
Bunda mole	Simple, sem importância	Expressão idiomática	17	
Bundar	Amedrontar-se, acovardar-se	Derivação sufixal	61	De bunda, acrescido de terminação verbal.
Bundeiro	Que faz sexo anal	Derivação sufixal	74	De bunda, acrescido do sufixo -eiro.
Buraco-vigia	Abertura pela qual o preso da solitária entra em contato com os carcereiros e vice-versa	Composição subordinativa	22	Buraco + vigia
Cacetão	Muito, grande	Neologismo semântico	4	De cacete, como intensificador e não como aumentativo.
Cafeolo	Cafetão, cáften	Derivação sufixal	8	De cafetão, acrescido do sufixo -olo (diminutivo)

Cagado	Nascer em condições desfavoráveis	Neologismo semântico	25	Como sinônimo de parido.
Cagalhaço	Muito medroso, covarde	Derivação sufixal	89	De cagalhão, acrescido do sufixo -aço (aumentativo)
Cagataço	Medroso, covarde	Derivação sufixal	12	De cagão, acrescido do sufixo -aço (aumentativo).
Caixa de catarro	Boca	Composição sintagmática	9	
Campana	Tocaia, vigília	Neologismo semântico	79	Substantivo derivado dos verbos acampanar ou campanar, porém campana já está dicionarizado, significando sino.
Caralhau	Monte, muita	Derivação sufixal	59	De caralho, que já funciona como um intensificador, acrescido do sufixo -au (intensificador)
Carro de presos	Veículo utilizado para transportar detentos	Composição sintagmática	23	Substantivo formado por substantivo + preposição + substantivo.
Casa de mulher	Prostíbulo, puteiro	Composição sintagmática	41-42	Substantivo formado por substantivo + preposição + substantivo.
Caveira	Corpo	Neologismo semântico	4	Como sinônimo de corpo, por uma vaga semelhança física.
Chegada	Nascimento	Neologismo semântico	4	Como sinônimo de nascimento, por afinidade semântica.
Chiqueirinho	Solitária	Neologismo semântico	28	Como sinônimo de cela, por uma vaga semelhança física.
Choca	Grávida	Neologismo semântico	3	Como sinônimo de grávida, por uma vaga semelhança física.
Cigarrete	Cigarro	Estrangeirismo	13	

Colhão	Coragem	Neologismo semântico	70	Como sinônimo de coragem, por afinidade semântica.
Com urubu pousado	Urucubaca, revés	Expressão idiomática	3	
Correr para dentro	Enfrentar uma situação, resolver	Expressão idiomática	14	
Cozinhar em água morna	Incitar com o intuito de aguardar um momento propício	Expressão idiomática	72	
Cu	Confusão, alvoroço	Neologismo semântico	5-6	Como sinônimo da palavra merda, relação metafórica.
Cu do mundo	Lugar ermo, remoto	Expressão idiomática	90	
Cupinchada	Turma, gangue	Derivação sufixal	61	De cupincha, mais o sufixo -ada, que dá a ideia de coletividade.
Dar no gatilho	Atirar, disparar	Expressão idiomática	75	
Dar o rabo	Manter relações sexuais com	Expressão idiomática	16	
Dar um nó	Fazer ligadura, laqueadura	Expressão idiomática	3	
De entortar patuá	Exagerado, demasiado	Expressão idiomática	4	
De saída	Ao nascer, no nascimento	Neologismo semântico	3	Extensão de sentido da locução já dicionarizada.
Desbaratinar	Tranquilizar, sossegar	Derivação prefixal	60	De baratinar, mais o prefixo des-, que significa ação contrária.
Desbaratinar	Imaginar, devanear	Derivação prefixal	85-86	De baratinar, mais o prefixo des-, que intensifica a ação.
Deus-me-livre	Medo, temor	Neologismo semântico	89	Como sinônimo de medo, receio.
Embaixada	Possibilidade, capacidade, poder	Neologismo semântico	11	Como sinônimo de poder, por extensão de sentido da acepção dicionarizada de embaixada.

Embucetado	Caído, arruinado, sem saída	Derivação parassintética	77	De buceta, mais os afixos em- e -ado (substantivo formando adjetivo).
Encardir	Brigar, discutir	Neologismo semântico	12	Como sinônimo de discutir, por acréscimo de aceção.
Enfurnar	Roubar, afanar	Neologismo semântico	76	Como sinônimo de roubar, por extensão de sentido da palavra já dicionarizada.
Entortar	Levar a pior, não se dar bem	Neologismo semântico	9	Como sinônimo de levar a pior, por extensão de sentido da palavra já dicionarizada.
Entrar na Fita	Fazer parte do acontecimento, situação	Expressão idiomática	78	
Entrutado	Encrençado, em apuros	Derivação parassintética	91	De truta, mais os afixos em- e -ado (substantivo formando adjetivo).
Esporrar	Gozar, extasiar-se	Neologismo semântico	6-7	Como sinônimo de gozar, por extensão de sentido da palavra já dicionarizada.
Estar com fogo no rabo	Estar excitado sexualmente, estar com tesão	Expressão idiomática	13	
Estar na maré mansa	Sossegado, sem preocupações	Expressão idiomática	17	
Estar no bom jeito	Disponível, de fácil acesso	Expressão idiomática	11	
Estar no devo	Dever, ter contas a prestar	Expressão idiomática	17	
Esticar	Matar, assassinar	Neologismo semântico	63	Como sinônimo de assassinado, por uma vaga semelhança física.
Fazer cu doce	Fingir desinteresse, manha	Expressão idiomática	41	
Ferrar	Manter relações sexuais com	Neologismo semântico	12-13	Como sinônimo de copular, por extensão de sentido.

Fodido	Exagerado, demasiado	Neologismo semântico	5	Usado para aumentar e reforçar o substantivo bronca.
Foguetório	Tiroteio	Neologismo semântico	78	Como sinônimo de tiroteio, por uma vaga semelhança física.
Fritar	Matar	Neologismo semântico	59	Como sinônimo de matar, por extensão de sentido.
Gonorrento	Cheio de gonorreia	Derivação sufixal	77	De gonorreia, mais o sufixo -ento, que significa cheio de ou abundante em algo.
Grampear	Delatar, dedurar	Neologismo semântico	17	Como sinônimo de delatar, por extensão de sentido.
Grela	que mudou a opção sexual	Neologismo semântico	8-9	Por acréscimo de aceção de palavra já dicionarizada.
Greluda	Obcecada por manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo	Neologismo semântico	8	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Gringo	Língua estrangeira	Neologismo semântico	13	Como sinônimo de língua estrangeira, por extensão de sentido.
Guive	Dar	Estrangeirismo	13	
Ir para as picas	Morrer	Expressão idiomática	4	
Isca de siri	Defunto, cadáver	Expressão idiomática	66	
Janela	Percepção, experiência, consciência	Neologismo semântico	21-22	Como sinônimo de consciência, por extensão de sentido.
Japa	Japonês	Truncamento	18	Truncamento de japonês.
Juiz de menores	Profissional público responsável por julgar questões relativas a menores em situação irregular	Composição sintagmática	8	Substantivo formado por substantivo + preposição + substantivo.

Lasqueira	Difícil, penoso	Derivação sufixal	32	Substantivo formado a partir do verbo lascar acrescido do sufixo -eira.
Loucona	Muito afeminado	Derivação sufixal	12	Adjetivo formado do substantivo louco acrescido do sufixo -ona.
Mandar falar com Deus	Matar, assassinar	Expressão idiomática	79	
Nascer cagado de arara	Ter azar na vida.	Expressão idiomática	3	
Negritinho	Negrinho (com carga de desprezo)	derivação sufixal (derivação inusitada) não configura propriamente um neologismo	32-33	Bi sufixação com dois afixos diminutivos.
Ondeiro	Cheio de manias, ondas	Derivação sufixal	41	Adjetivo formado do substantivo onda acrescido do sufixo -eiro, que dá a ideia de que algo ou alguém apresente certo tipo de comportamento..
Palhaçada	Cena deprimente, situação constrangedora	Neologismo semântico	4	Acréscimo de sentido através de ampliação da acepção da palavra já dicionarizada.
Papa-cu	Aquele que faz sexo anal	Composição subordinativa	20	Verbo papar + cu.
Passar a vara	Manter relações sexuais com	Expressão idiomática	13	
Pedaço	Local, região	Neologismo semântico	5	Como sinônimo de local, por extensão de sentido da palavra já dicionarizada.
Pedal	Impulso, ajuda	Neologismo semântico	85	Como sinônimo de impulso, por extensão de sentido de pedal.

Pedra noventa	Pessoa confiável, que cumpre sua palavra	Composição sintagmática	11	Trata-se de uma gíria dos áureos tempos da boemia e da malandragem, era a última pedra do bingo, a noventa, a última, a esperada; atribuíam-se ser um “Pedra 90” o amigo fiel e verdadeiro, ou ainda alguém admirável.
Pestinha	Criança levada, arteira	Derivação sufixal	4	De peste, acrescido do sufixo -inho, não sendo simples diminutivo, mas, também, com carga de desprezo.
Piar	Aparecer, surgir	Neologismo semântico	12	Por acréscimo de aceção de palavra já dicionarizada.
Pinotear	Sair apressadamente, correr	Neologismo semântico	11	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Plis	Por favor	Estrangeirismo	13	
Ponta-firme	Amigo, irmão	Composição subordinativa	11	Substantivo (determinado) + adjetivo (determinante)
Porra	Pessoa, homem	Neologismo semântico	14	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Preto velho	Entidade cultuada em religiões afro-brasileiras	Composição sintagmática	47-48	Substantivo (determinado) + adjetivo (determinante)
Putana	Prostituta, puta	Derivação sufixal	4-5	De puta, acrescido do sufixo -ana (aumentativo e quantificador).
Quá-quá-quá	Conversa, choro	Neologismo semântico	4	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Razão	Arma de fogo, revólver	Neologismo semântico	63	Por acréscimo de aceção de palavra já dicionarizada.
Rebarba	Consequência	Neologismo semântico	41	Como sinônimo de consequência, por extensão de sentido.

Recolhimento de Menores	Abrigo de menores	Composição sintagmática	31	Substantivo + preposição + substantivo.
Remendar	Dar pontos para fechar a ferida	Neologismo semântico	9	Como sinônimo de suturar, por extensão de sentido.
Sair no mijo.	Que passa com relativa tranquilidade	Expressão idiomática	48	
Largar-se desta para melhor	Variante de "passar desta para melhor"	Expressão idiomática	3	
Segurar o apito	Ter calma, sossegar	Expressão idiomática	43	
Ser a hora da verdade	Momento em que as coisas são resolvidas	Expressão idiomática	75	
Ser a lepra encarnada	Ser muito mau	Expressão idiomática	61	
Ser a mãe do sarampo	Ser muito mau	Expressão idiomática	62	
Ser comida de urubu	Morrer, falecer	Expressão idiomática	86	
Ser o fim da linha	Findar, acabar	Expressão idiomática	74	
Ser o pinto rico	Aquele que não faz esforços, que só quer facilidades	Expressão idiomática	12	
Ser para a frente	Valente, arrojado, atrevido	Expressão idiomática	11	
Soltar	Abortar	Neologismo semântico	3	Como sinônimo de abortar, por extensão de sentido.
Sonado	Com sono, sonolento	Derivação sufixal	43	De sono, acrescido do sufixo -ado.
Sonado	Sonâmbulo	Derivação sufixal	66	De sono, acrescido do sufixo -ado.
Sonoro	Grande quantidade	Neologismo semântico	64	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Suar	Apertar	Neologismo semântico	12	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.

Sujar a cara	Comprometer alguém, colocar alguém em situação embaraçosa	Expressão idiomática	17	
Ter para troca	Brigar, agredir fisicamente	Expressão idiomática	12-13	
Tirar o cabaço	Inaugurar, estrear	Expressão idiomática	75	
Tocha	Bala, projétil	Neologismo semântico	88	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Tostão furado	Coisa de pouco valor	Expressão idiomática	30	
Touceira	Pênis	Neologismo semântico	33-34	Por acréscimo de acepção de palavra já dicionarizada.
Turbina	Revólver	Neologismo semântico	86	Como sinônimo de arma, por extensão de sentido.
Vagau	Vagabundo, preguiçoso	Truncamento	11	Truncamento de vagabundo.
Veado	Pessoa (alvo de xingamento)	Neologismo semântico	4	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Vinagre	Necrotério. Cemitério	Neologismo semântico	87	Por extensão de sentido de palavra já dicionarizada.
Virador	Situação difícil, complicação	Neologismo semântico	22	Do verbo virar (em uma de suas acepções).
Virar a mão	Ter preferência sexual por pessoas do mesmo sexo, tornar-se homossexual	Expressão idiomática	8	
Xarope	Doido, maluco	Neologismo semântico	32	Como sinônimo de louco, por extensão de sentido.